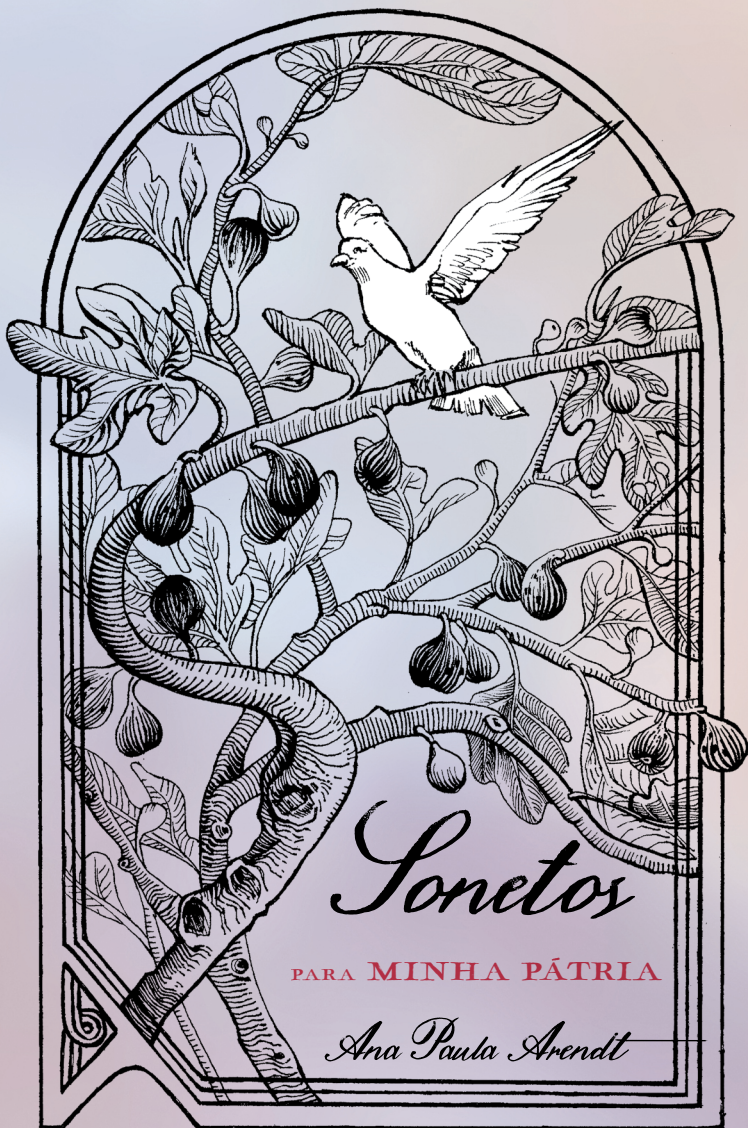
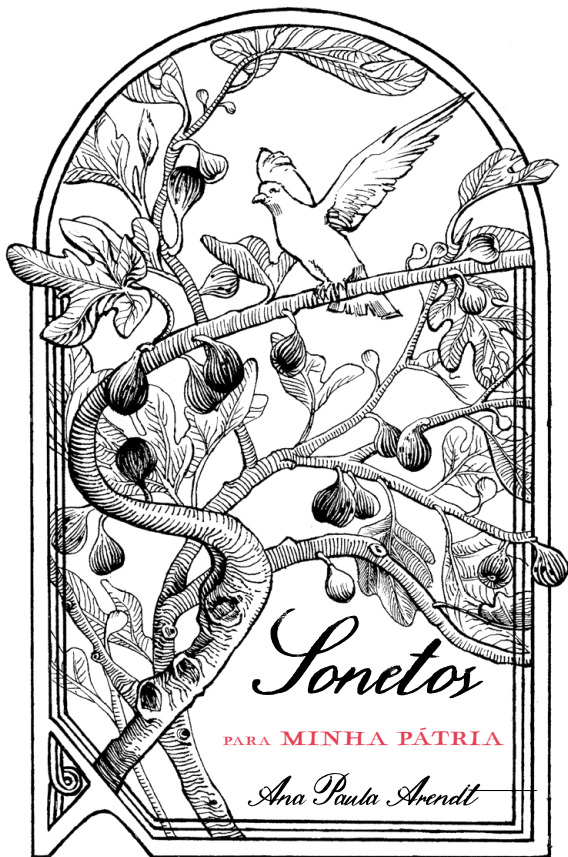




SÓ LIVRO BOM EDITORA



1ª edição

São Paulo-SP
Dezembro de 2023



Só Livro Bom Editora
R. Barão de Itapetininga, 273-06°K
01042-913 República, São Paulo-SP
BRASIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arendt, Ana Paula

Sonetos para minha pátria / Ana Paula Arendt. --
São Paulo : Só Livro Bom Editora, 2023.

ISBN 978-65-990855-2-9

1. Poesia brasileira 2. Sonetos brasileiros
I. Título.

23-180625

CDD-B869.1

-B869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

2. Sonetos : Literatura brasileira B869.91

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Capa: Luiza Manhães

Ilustrações do miolo: Tom Chalky

Revisão : Francisco Merçon

Edição e projeto gráfico: Só Livro Bom Editora

Foi realizado o depósito legal.

Dezembro de 2023.

“Nossa Pátria está nos céus” (Fl 3,20)

ANA PAULA ARENDT E O CRISTAL DOS SONETOS

Por carlosnejar@

Pablo Neruda, o imenso Poeta chileno e universal, escreveu os “Cem Sonetos de Amor”, que tive ensejo de traduzir, com versos de madeira, fugindo da forma tradicional ou das rimas, ou fecho de ouro.

E “o ritmo não é medida” – observa Octavio Paz – “é visão do mundo”. E a visão do mundo da Poeta e Diplomata Ana Paula Arendt é personalíssima, recriando noutro plano, altamente inventivo a suscitação de Neruda, ao plasmar versos – não de madeira – mas de cristal, onde sobrepaira a sensibilidade feminina para dentro do silêncio, com imagética renovadora, nos “Sonetos para a minha Pátria”.

Ao romper com o jogo da rima e dos harpejos, trabalha magicamente “por flores singulares e distintos lampejos”, o que não deixa de ser a lição de Auden, ao se debruçar prosaicamente no poético e poeticamente no prosaico em viagem de pudor e rigorosa imaginação. “O sonho é a sorte da sisa e do siso.../Eis aqui um verso, não é muito, mas é um poema / da pena de quem foi, tristemente, mais triste.”

Como se movesse a monda de palavras, triturando o silêncio entre “sinais e sílabas que saciam os lados”. O tempo se entrecruza com seu pensamento, sendo também levado de roldão no verso, “inclinado a pensar no que ele próprio pense”. Transportando aladamente “a fé por fora e a dor por dentro”.

Conserta o que é ausência de amor com arrojadas palavras, faltando um “vácuo de úmida escada”, para correr e subir.

As metáforas são os dentes da moenda do poema, os símbolos o andar da roda de memória, com “frases contumazes”, sabendo das traças e escaravelhos do esquecimento. Ou a “pátria do País a loucura”, que é domada. Quando a escrita muda a realidade.

Continua Ana Paula, com outro livro “Sonetos de Delicado Carinho”, onde “o Amor constrói, convém e conserta”. E, por fim, “Os Sonetos de Pura Esperança”, seguidos de “Paixão Incompleta”. Pois, esta poesia cumpre o que o citado Octavio Paz acentuou: “A revelação da condição humana”. Com visão cristalina, inovadora.



@ Carlos Nejar é escritor. Da Academia Brasileira de Letras.

SUMÁRIO

SONETOS DE VERDADEIRO AFETO

Soneto I	18	Soneto XXXIV	51
Soneto II	19	Soneto XXXV	52
Soneto III	20	Soneto XXXVI	53
Soneto IV	21	Soneto XXXVII	54
Soneto V	22	Soneto XXXVIII	55
Soneto VI	23	Soneto XXXIX	56
Soneto VII	24	Sonnet XL	57
Soneto VIII	25	Soneto XLI	58
Soneto IX	26	Soneto XLII	59
Soneto X	27	Soneto XLIII	60
Soneto XI	28	Soneto XLIV	61
Soneto XII	29	Soneto XLV	62
Soneto XIII	30	Soneto XLVI	63
Sonnet XIV	31	Soneto XLVII	64
Sonnet XV	32	Soneto XLVIII	65
Soneto XVI	33	Sonnet XLIX	66
Sonnet XVII	34	Soneto L	67
Sonnet XVIII	35	Soneto LI	68
Soneto XIX	36	Soneto para um homem (LII)	69
Soneto XX	37	Soneto LIII	70
Soneto XXI	38	Soneto LIV	71
Soneto XXII	39	Soneto LV	72
Soneto XXIII	40	Soneto LVI	73
Soneto XXIV	41	Soneto LVII	74
Soneto XXV	42	Soneto LVIII	75
Soneto XXVI	43	Soneto LIX	76
Sonnet XXVII	44	Soneto LX	77
Soneto XXVIII	45	Soneto LXI	78
Soneto XXIX	46	Soneto de bem longa vida (LXII)	79
Soneto XXX	47	Soneto à Constituição	
Soneto XXXI	48	de 1988 (LXIII)	80
Soneto XXXII	49	Soneto LXIV	81
Soneto XXXIII	50	Soneto LXV	82

SONETOS DE DISTINTA BRANDURA

Soneto LXVI	90	Soneto XCVI	120
Soneto LXVII	91	Soneto XCVII	121
Soneto LXVIII	92	Soneto XCVIII	122
Soneto intermitente (LXIX)	93	Soneto XCIX	123
Soneto LXX	94	Soneto C	124
Soneto LXXI	95	Soneto CI	125
Soneto LXXII	96	Soneto CII	126
Soneto LXXIII	97	Soneto de Condorcet (CIII)	127
Soneto LXXIV	98	Soneto CIV	128
Soneto de um feliz dia dos pais (LXXV)	99	Soneto CV	129
Soneto LXXVI	100	Soneto CVI	130
Soneto LXXVII	101	Soneto CVII	131
Soneto LXXVIII	102	Soneto CVIII	132
Soneto pela vida do Amor antigo (LXXIX)	103	Soneto CIX	133
Soneto LXXX	104	Soneto CX	134
Soneto LXXXI	105	Soneto CXI	135
Soneto das limitações da superrealidade (LXXXII)	106	Soneto CXII	136
Soneto LXXXIII	107	Soneto CXIII	137
Soneto LXXXIV	108	Soneto CXIV	138
Soneto LXXXV	109	Soneto CXV	139
Soneto LXXXVI	110	Soneto CXVI	140
Soneto LXXXVII	111	Soneto CXVII	141
Soneto LXXXVIII	112	Soneto CXVIII	142
Soneto LXXXIX	113	Soneto CXIX	143
Soneto XC	114	Soneto CXX	144
Soneto XCI	115	Soneto CXXI	145
Soneto XCII	116	Soneto CXXII	146
Soneto XCIII	117	Soneto CXXIII	147
Soneto XCIV	118	Soneto CXXIV	148
Soneto XCV	119	Soneto CXXV	149
		Soneto CXXVI	150
		Soneto CXXVII	151
		Soneto CXXVIII	152

SONETOS DE DELICADO CARINHO

Soneto CXXIX	160	Soneto do amor de	
Soneto CXXX	161	amizade (CLXI)	192
Soneto CXXXI	162	Soneto da noite fresca (CLXII)	193
Soneto CXXXII	163	Soneto CLXIII	194
Soneto CXXXIII	164	Soneto CLXIV	195
Soneto CXXXIV	165	Soneto CLXV	196
Soneto CXXXV	166	Sonnet of an old	
Soneto CXXXVI	167	friendship (CLXVI)	197
Soneto CXXXVII	168	Soneto CLXVII	198
Soneto CXXXVIII	169	Soneto da mesma casa de	
Soneto CXXXIX	170	minha Mãe (CLXVIII)	199
Soneto CXL	171	Soneto CLXIX	200
Soneto CXLI	172	Soneto de boas vindas	
Soneto CXLII	173	a um novo amigo (CLXX)	202
Soneto CXLIII	174	Soneto pela vida de uma	
Soneto CXLIV	175	só pessoa (CLXXI)	203
Soneto CXLV	176	Soneto CLXXII	204
Soneto CXLVI	177	Soneto CLXXIII	205
Soneto CXLVII	178	Soneto da	
Soneto CXLVIII	179	independência (CLXXIV)	206
Soneto CXLIX	180	Soneto CLXXV	207
Soneto CL	181	Soneto CLXXVI	208
Soneto CLI	182	Soneto CLXXVII	209
Soneto CLII	183	Soneto CLXXVIII	210
Soneto CLIII	184	Soneto CLXXIX	211
Soneto CLIV	185	Soneto CLXXX	212
Soneto CLV	186	Soneto de caminhar nas	
Soneto CLVI	187	ruas de São Paulo (CLXXXI)	213
Soneto CLVII	188	Soneto CLXXXII	214
Soneto CLVIII	189	Soneto CLXXXIII	215
Soneto CLIX	190	Soneto CLXXXIV	216
Soneto CLX	191	Soneto CLXXXV	217

SONETOS DE PURA ESPERANÇA

Soneto CLXXXVI	224	Soneto CCX	249
Soneto CLXXXVII	225	Soneto CCXI	250
Soneto longo dos punhos de renda (CLXXXVIII)	226	Soneto CCXII	251
Soneto CLXXXIX	228	Soneto da claridade (CCXIII)	252
Soneto da situação do mar hoje (CXC)	229	Soneto CCXIV	253
Soneto da situação do mar de ontem (CXCI)	230	Soneto CCXV	254
Soneto da situação do mar de amanhã (CXCII)	231	Soneto do mar e do campo (CCXVI)	255
Soneto de depois de amanhã (CXCIII)	232	Soneto CCXVII	256
Soneto CXCV	233	Soneto para Péricles (CCXVIII)	257
Soneto CXCV	234	Soneto CCXIX	258
Soneto CXCVI	235	Soneto CCXX	259
Soneto CXCVII	236	Soneto CCXXI	260
Soneto CXCVIII	237	Soneto CCXXII	261
Soneto CXCVIX	238	Soneto CCXXIII	262
Soneto CC	239	Soneto de ser criança (CCXXIV)	263
Soneto CCI	240	Soneto de ser adolescente (CCXXV)	264
Soneto CCII	241	Soneto de ser adulta (CCXXVI)	265
Soneto CCIII	242	Soneto CCXXVII	266
Soneto CCIV	243	Soneto CCXXVIII	267
Soneto de nossos dons e devaneios (CCV)	244	Soneto CCXXIX	268
Soneto CCVI	245	Soneto CCXXX	269
Soneto CCVII	246	Soneto CCXXXI	270
Soneto CCVIII	247	Soneto CCXXXII	271
Soneto CCIX	248	Soneto CCXXXIII	272
		Soneto CCXXXIV	273
		Soneto CCXXXV	274
		Soneto CCXXXVI	275

SONETOS DE VONTADE VOTIVA

Soneto ao		Soneto do	
ipê-branco (CCXXXVII)	284	Embaixador (CCLXXII)	319
Soneto CCXXXVIII	285	Soneto CCLXXIII	320
Soneto CCXXXIX	286	Soneto CCLXXIV	321
Soneto CCXL	287	Soneto CCLXXV	322
Sonnet to the eagle (CCXLI)	288	Soneto CCLXXVI	323
Soneto do amor maior (CCXLII)	289	Soneto do amor	
Soneto CCXLIII	290	lírico (CCLXXVII)	324
Soneto CCXLIV	291	Soneto CCLXXVIII	325
Soneto CCXLV	292	Soneto CCLXXIX	326
Soneto CCXLVI	293	Soneto CCLXXX	327
Soneto do perdão (CCXLVII)	294	Soneto de um segundo (CCLXXXI)	328
Soneto CCXLVIII	295	Soneto CCLXXXII	329
Soneto CCXLIX	296	Soneto CCLXXXIII	330
Soneto CCL	297	Soneto da	
Soneto CCLI	298	legitimidade (CCLXXXIV)	331
Soneto CCLII	299	Soneto da leitura de uma	
Soneto CCLIII	300	boa tese (CCLXXXV)	332
Soneto CCLIV	301	Soneto do Paraíso	
Soneto CCLV	302	irrevogável (CCLXXXVI)	333
Soneto CCLVI	303	Soneto do voo	
Soneto CCLVII	304	da ave (CCLXXXVII)	334
Soneto CCLVIII	305	Soneto de mergulhar	
Soneto CCLIX	306	no teu rio (CCLXXXVIII)	335
Soneto de salvar o herói (CCLX)	307	Soneto para um homem esbelto	
Soneto CCLXI	308	(CCLXXXIX)	336
Soneto CCLXII	309	Soneto da temperança (CCXC)	337
Soneto CCLXIII	310	Soneto de ser o	
Soneto CCLXIV	311	Charlie Brown (CCXCI)	338
Soneto CCLXV	312	Soneto da falta de meios para	
Soneto CCLXVI	313	te fazer feliz (CCXCII)	339
Soneto para o bom		Soneto da autodifamação (CCXCIII)	340
combate (CCLXVII)	314	Soneto CCXCIV	341
Soneto CCLXVIII	315	Soneto de cuidares	
Soneto do amor total (CCLXIX)	316	bem da República (CCXCV)	342
Soneto CCLXX	317	Soneto de uma interferência	
Soneto CCLXXI	318	subjativa (CCXCVI)	343

SONETOS DE PAIXÃO INCOMPLETA

Soneto CCXCVII	352	Soneto do	
Soneto CCXCVIII	353	rio Sambatyon (CCCXIII)	368
Soneto CCXCIX	354	Soneto CCCXIV	370
Soneto do tordo		Soneto CCCXV	371
muito canoro (CCC)	355	Soneto CCCXVI	372
Soneto CCCI	356	Soneto CCCXVII	373
Soneto CCCII	357	Soneto CCCXVIII	374
Soneto ao cacau (CCCIII)	358	Soneto CCCXIX	375
Soneto CCCIV	359	Soneto CCCXX	377
Soneto do Diplomata (CCCV)	360	Soneto CCCXXI	378
Soneto da colisão (CCCVI)	361	Soneto CCCXXII	379
Soneto CCCVII	362	Soneto CCCXXIII	380
Soneto CCCVIII	363	Soneto CCCXXIV	381
Soneto CCCIX	364	Soneto CCCXXV	382
Soneto da Estrela		Soneto CCCXXVI	384
da Manhã (CCCX)	365	Soneto CCCXXVII	386
Soneto CCCXI	366	Soneto CCCXXVIII	388
Soneto da mulher		Soneto CCCXXIX	389
assediada (CCCXII)	367		

SONETOS DE VERDADEIRO AFETO

Ana Paula Arendt —

SETEMBRO DE 2016



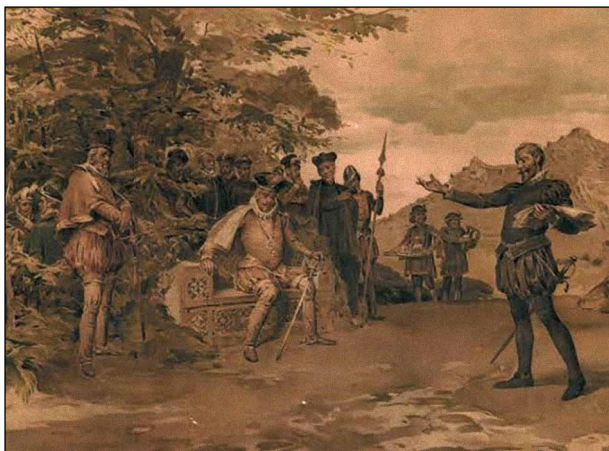
Para todos os heróis românticos e seus desafetos.
Para os filhos quando crescem.

*“E sabeí que, segundo o amor tiverdes,
tereis o entendimento de meus versos.”*

(Camões, Rimas, circa 1595)

*“tantum luminis afferre valeant
quantum longiores meditationes”.*

*Anônimo, Mensis Eucharisticus, 1737,
Bibliotheca Societatis Iesus.*



Camões declamando a Dom Sebastião.
Litografia de António Ramalho, 1893.

SONETO I

AMIGO que me fez te ver tão falho,
ah, comigo sei que o vento te trouxe
para após três tristes cantares de galo
soprar os muguets de aroma doce.

Perigo diante do qual ainda me calo,
fiz de ti troça de tudo que fosse.
Vergas cruzei, contudo, na posse
deste cais em que esgarçada encalho.

Amigo, que ergue nos olhos cálice,
solidão contou que testes houve.
Teu perdão posso buscar tranquila.

Pois da virtude brotou, agora bem sabe-se
um carinho teu que à distância se ouve e
transborda de veia em meu peito a vasilha.

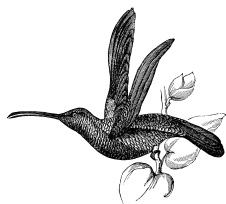
SONETO II

QUANDO chegou a noite calada e vazia,
me envolveu serena teu jeito verdadeiro,
pois amor maior não há que tecer meu dia,
esgotando bons sonhos ao pé do travesseiro.

Sim, a noite era urina, fel e nuvem
que a brisa amainava com o véu do desterro.
Mas de manhã resgataste cada um de meus erros,
rasgando com beijos o gosto de ferrugem.

Na vida é mais sensato o gesto de dar-se,
e melhor ainda é ter de quem receba zelo,
embora se apaguem na areia os dias seguintes.

Portanto digo: mais vale a dois enganar-se.
De modo igual e sofrido são os apelos
de quem, sozinho, não viveu do amor requintes.



SONETO III

EM MEU PEITO, palavras.
Mas só palavras não resolvem a vida.
O poeta revolve, produz coisas claras,
e assim posterga inflamadas as feridas.

Curam o sangue e limpam a alma:
nos contam quais tempos serão amanhã.
Não que esteja preparada, sadia e sã
para gozar as graças de uma maré calma.

Mas quem estará vivo depois de perfeito?
Quem suportaria na carne, na espiral e no espírito
a realização nítida de todos seus desejos?

Apenas inacabados caminhamos direito
e a cada passo nos inveja o pobre Sísifo:
por flores singulares e distintos lampejos.

SONETO IV

UM CERTO PUDOR ME DESVIA o olhar de tua face,
mas enleado te veja em ares de espaço imenso.
Teu reto vigor enseja serenatas de classe,
que só o poema sabe cantar, propenso.

Tudo muda e se desloca quando movida te fito.
O acanhado ambiente brilha qual fosse um palácio,
as formosas nascentes sussurram a flor do lácio,
se pondero algo para explicar este infinito.

É o semblante verdadeiro, o modesto e o bendito
corpo de tua voz que me enleva ao prazer derradeiro
de pensar teus gestos para além desta pobre arte.

E de tão contido em si, me dói ter brio aflito,
pois em me doando a ti por inteiro, receio
faça um vexame ridículo de minha parte.

SONETO V

AI DE MIM, Amor, não posso amar-te.
Não serás meu companheiro em cada momento.
É preciso, mesmo orando, recusar-te
para encontrar um esposo que me traga alento.

Sai de mim, Amor, teus olhos que veem por dentro
se fechem e também teu vulto em meus olhos.
Encerrem tuas tentativas de fazer-me monopólio,
Amor, não sou tua, nada além de um pensamento.

Mas os lábios beijam, teu cheiro é fragrância
pela graça com que te moves dono absoluto
de teu destino destro a ter lugar no mundo...

Mas tuas mãos se revestem de importância,
o som eloquente delas respiga e as escuto
trépidas de esvaziar âmagos em teu fundo.



SONETO VI

AMO como se amor já fosse,
mesmo que ainda não seja.
Amo nos momentos doces
e nos tempos de maior tristeza.

Dele tenho muitas saudades,
do tempo que irei viver ainda.
Mas sempre amanhã finda
tão longe da tua realidade.

Ao menos tivesse coragem!
De ter menor dose de estrela,
dissesse de si o que for...

Ao menos fosse a viagem
estrada feita de percorrê-la
e no final dela estivesse o amor.

SONETO VII

GOSTO do teu jeito feliz de pobre,
de quem se entrega todo à fé do outro.
Devota do teu medo de ser esnobe,
do teu sorriso fechado em ouro.

Dourados também são teus olhos,
quando enxergam minha intenção.
E que silhueta uniforme, então!
Vestida em marinho e branco linóleo...

Há um quê de Dantès em Monte Cristo,
cuja perseverança o desafia a cada vez
que se desfia a profundidade da memória.

Sem afrontar moralistas, foges disto,
por isso teu semblante de sensatez
convida a uma parte na tua história.

SONETO VIII

EU AMO este amor que é eterna busca,
inacessível, o que eu tenha de encontrar,
este brilho sensível que jamais ofusca,
calor recordando a linfa de meu lar.

E se me apareces de repente, e se me assustas,
não fiques tenso com minha feição indígena.
Estou habituada a transitar invisível, alienígena,
e não a ser caça, pelas causas mais justas.

Deixe-me provocá-lo, mas não me faça correr!
Fique bem parado, diga algo se tem a dizer,
mas também não pareça tão, tão indiferente

A ponto de mostrar que outras ficarão descontentes...
Amigo, deixe-me checar sua alegria e segurança,
e se for retribuir, beije-me apenas, como uma criança.

SONETO IX

O SONHO é o mestre do tempo,
e seu princípio contém o fim.
Ele cura e sucede por dentro
o epicentro que faz em mim.

Amor, nada disso eu pensava ou queria,
o sofrimento das punições desavisadas
que ensinam o triunfo no fundo é nada,
pois tão feliz já tudo em nós cabia...

E triste ensinada, lamento o cisma e o sismo:
as expectativas criadas para te fazer pena,
para aprender que em sirte o poder não insiste.

Há tempo! O sonho é a sorte da sisa e do siso...
Eis aqui um verso, não é muito, mas é um poema
da pena de quem foi, tristemente, mais triste.



SONETO X

SEJAMOS servos dos servos,
Se encontremos, nós dois, assim,
a palavra instantânea do Verbo,
do sentimento que não tem fim.

Serviçal e sirventesca, refaço a minha morada,
não porque por ti tenha máximo apreço...
Apenas porque só enxergo novos começos,
de um mundo inteiro estou enamorada!

Não da lágrima que está por vir,
nem do silêncio sem voz nenhuma,
ou da espada de vingar porvir passado.

Mas do temporal que deixou de cair,
da mão hábil que monda e arruma,
sinais e sílabas que saciam os lados.

SONETO XI

AS COISAS, paradas e vivas, têm a importância
que atribuímos na lida a cada uma delas.
Se vejo, portanto, o teu ego manso à distância,
que ânimo tiro para dizer coisas belas!

Em ermo planalto de automáticas nuvens
tens elmo vestido de insípidas pantomimas.
Teu esmo no ar diz versos sem rimas para
um sesgo olhar sobre mundos inânimes.

Assim, sem ser movida por paixão alguma,
posso dizer com muito mais certeza
que voz estridente em ti não pertence...

Sobretudo bem sabes que sou apenas uma
Mulher em busca de um homem por natureza
inclinado a pensar no que ele próprio pense.

SONETO XII

ESEGUE o mundo então dando importância
apenas, no fundo, ao que lhe dá razão.
Pôntica lua sobre o povo à distância
revela o que é sua cessada opinião...

Pois nos custa tanto saber o que nos fala,
em contramão arredia a tudo que nos toca,
com medo que diga a lua o que nos choca
de face no chão frio, duro, ao cortar alas.

Por isso só sonho, reflito e te amo.
Ao poeta a Verdade é franqueada,
criada de um som puro ao relento.

Enxergo a trave nos olhos dos anos,
ser para si abre a porta para o nada
se passo a fé por fora e há dor por dentro.



SONETO XIII

NEM SEMPRE eu vou terminar o dia contigo,
Embora eu nos perscrute anso por anso.
A primeira estrela surgirá, seremos amigos,
companheira na noite, nos dirá, sede mansos.

Ausência. É uma letra que falta na palavra,
é um passo que falta no caminho,
é o céu que o piloto contempla sozinho
e na longa estrada adiante, lavra.

Por que me distancio no escuro?
Por que tenho de ir aonde não estás?
Se os pássaros voam juntos por sobre os muros,

Por um vento que em estações voltará...
Mas a flauta por dentro bendisse o amor sagrado,
canção eterna feita à falta de estar ao teu lado.

SONNET XIV

I WONDER if by not doing, I'd be letting
and if by not letting, I'd be loving you
'cause your Eyes was so enchanting, while chatting
the stars turned around to draw the sky blue.

Your hands tenderer than sweetest lullabies
yet firm enough to hold my thought in laces
with short words you shine on me all graces
on me and on world's indifferent ayes...

So funny not to be satiated at any platform,
to change air for the same air as we climb floors,
checking how much far each of us would go

To easily find a point in life, to meet, to glow
after eternity shed scents on us effortlessly
may fate choose we'll be next, during our sleep.

SONNET XV

TU ME SOUVIENS sur le lac des lumières
quand le monde était fourni en rose.
Si, mon sourire n'était pas trop cher
avant de soumettre à d'hui des choses.

J'ai soumis de l'eau, mon air, mes rêves
tandis que la vie appartenue à une vision,
que je faisais pour acheter disposition
au prix bas de quelques nuits de fève.

Mais le temps souffle, il me l'a dit
qu'un enfant ne prie jamais de rester
de la même forme, sur place éternelle.

Au contraire, il faut répondre à lui
ça qu'on désire sous l'ombre foncé
puisqu'il prépare des vagues belles.

SONETO XVI

AMOR, COMO EU QUERO teu cheiro!
Esta flor que sozinha desabrocha,
vétiver amanteigado o ano inteiro,
raiz sorvida manando pela rocha.

Ah, mas a vida me passa tão ligeira
e o tempo que eu tive não me serviu
para limpar nos campos de fé servil
a comodidade de brotar passageira.

Arranca-me da barra de outros pés
e planta-te ao lado de quem te adora,
Amor, ali onde teremos várias horas

Para queimar no peito e arder na face, até
conseguirmos dominar olhares de um ao outro,
quando um pouco será tudo e tudo, muito pouco.

SONNET XVII

OH, JOY! To have found love
after toil, battle, and desert,
the song that flying white dove
speaks over heads, in rattle, extrovert.

Oh, breast, as nude as skin,
inspiring virtues are to make over
all masks, and dusked covers,
so come, be vested only in sin...

Alas! My purest love is never mistaken.
What to say then, when hearts are broken
by all past illusions we soon figured out.

If only I could say such sins out loud!
This hope however may not be expendable.
Unspoken, it grows in my soul what's sensual.

SONNET XVIII

WHAT SHALL I GIVE TO YOU in this blessed day?
Of my favorite things, are some for you the same?
Shall I give to you glittering rain, its pouring faith
or the kind forgiveness for being all ashamed?

I would give to you everything I long for the most.
A kiss of a first love, a belonging to the utmost,
a duty on the precinct of those who feel safe
before tyranny preferred to bow, to haste.

I would give to you the purest hearted song,
fantasies collected over a beach shore, and on
the truth dominions of light, the wisdom of sorrow.

I would give you a child laugh in a bright tomorrow,
echo of your own chest, sight of your desire.
Adored! I would give you my land, my sea, my fire.



SONETO XIX

CALADO e inútil segue o amor ranzinza claro,
e não chega ao rosa ante se pôr a vida.
Dói sem pretexto esta porosa ferida,
Carnaval traído por quarta de cinzas, raro.

Rarefeito busca no ar uma linda língua
que diga gestos de lenda para ser vivo.
No peito contudo se exila em abrigo
satisfeito em curar-se à mágoa, à míngua...

Sem linhas contínuas nem pontilhadas,
Amor inverossímil, jamais ouço de ti nada,
silêncio breve que alonga e desperdiça

Os tempos, as varandas e as premissas
de universo seco em que há solo de pranto
guardando a estação, sedenta de teu canto.

SONETO XX

FRENTE À LUZ de uma vela balouçante
entoei ao anjo de guarda a velha prece.
E assim, como atina quem se esquece,
recordei teu amor calado de si diante.

De quando me disseste tão irrelevantes
promessas e propostas de momento
para perecer tudo que desencante,
calculaste muito, menos meu sofrimento.

Como quem livre ainda não se desata
de esperança que ao fim a sorte dure
e mesmo em face da morte me procure

Teu semblante alinhavado em voz sensata,
sigo amante de uma ideia que te recito:
sendo celeste, cumpra-se em vida do amor o rito.



SONETO XXI

EU TE AMO com a doçura de uma fava
aberta oferecendo em ventre os frutos
do que estará, poderá estar e estava
pronta para crescer em versos de minutos.

Meu amor todo em si já guarda
a visão da raiz, do caule e da folha,
e, se esgueirando sem fazer escolha,
sabe ao certo o que à frente o esguarda.

Ao sentir teus pés pisarem em novo solo,
eu saberei teu rosto, teus braços, teu peito,
pois atenta ganhei muito antes os olhos

Com que possa contemplar tua voz, teu jeito...
Amor, ao menos eu visse em tua forte face
o mesmo tanto de amor que a ti desejasse!

SONETO XXII

PERVERSIDADE assola a fé do mundo,
idolatrando fórmulas e falas rasas,
usando o amor que se deu profundo
para evitar o serviço e dividir a paga.

Mas nada escapa ao ver do amor divino.
Cipreste olha ao longe em toda a paisagem,
sabe que ao fim apenas celebra a viagem
quem provou o aroma de seu porte fino.

Amor, tu que respeitaste tão simples pleito,
bem sabes que na Terra Ninguém é perfeito,
mas aqui bem paga pelo mal que não se faz.

Por isso agradeço, por deixar-me viver em paz,
e os ricos, escravos do que julgam ser riqueza.
Amor! Para mim basta tua longa, infinita beleza.

SONETO XXIII

PONTE LEVADIÇA de meu peito,
o amor já não mais segue por um rastro de ciúme,
já não diz a poesia tudo direito,
nem seu lastro fica aceso ao aceno de pavio de um lume.

Nenhum outro entra neste abandonado castelo.
As praias secaram, no leito do rio não corre a água
que fundia o céu e a terra, charneiras de tua vida árdua
largueando na terra fértil os botões de dias belos.

Caminho sob a tênue chuva, que teus olhos fizeram cair
ao ler alguns destes espólios de chaga a se redimir.
E antes a boca bendirá a sede, o corpo exultará feridas

Se é teu desejo, Amor, não me apontar as saídas
para encontrar a origem das dores, a relíquia perdida no sótão,
o relógio das minhas flores, tuas mãos que os amores dobram.

SONETO XXIV

SE RI quem não conhece do amor o abate,
S a lágrima que escorre, seca e acompanha,
os dedos que mal escrevem, da pobre vate,
ledos de morte em face à saudade tamanha.

Mas sofre sem saber, quem jamais tentou ver dita
a verdade oculta em umas simples palavras,
descartando mui pronto apaixonadas escravas
que inda te esperam para escreverem infinitas.

Ai, Amor, as pessoas já não se declaram, silenciam
sentença de tua desimportância, mui bem a despeito
da falta que fazes queimar no meio daquele peito

De meu amado que se pensa pobre, perdido e só.
Dize a ele que, se bem todos voltaremos ao pó,
as palavras acendem amores que as dores adiam.

SONETO XXV

DE MANHÃ, meu Amor, o que te desperta e te
arde?

E quero saber quem te cuida em preparar a ceia.
Estarás lendo os pressentimentos que escrevo à tarde,
as linhas coevas de meus clichês estarão cheias?

Do amor não sou mestra, é preciso que eu anseie
e, em menos sabendo, queira ser ainda mais aprendiz
a entender em que milésimos de segundos o fiz
de tal modo a te amar mesmo que tu me odeies.

Quando o belo e o mau dão em empate,
e tudo concorre para seu contentamento,
perdoa o amor todo e qualquer ressentimento

De algo que lhe diminua ou questione o quilate,
até que o sangue escorra, sem nenhum debate
da razão pela qual sofre meu coração por dentro.

SONETO XXVI

MUITO melhor que ser amada é ser amável.
Só as tolas exigem o velho nariz de cera.
Para esboçar uma verdade insofismável,
se listam na curiosa honra de ser primeira.

A ti reservo, meu Anjo, tudo que passa,
de modo que muito mais além se venha
como as ondas repetem no mar resenha
da prova incansável de sua bela graça.

De ti não espero dar ares em minha praça,
nem promessas de encontros às ligeiras.
Anjo, digo que meu amor é puro espaço

Em que viajes sereno contemplando as beiras
das quais, se cair, será sobre meu regaço,
onde enleio cabelos e a mágoa passa.



SONNET XXVII

JE VEUX les yeux qui s'installent tard
en ayant compris pour sentir, par osmose,
puisqu'avant qu'ils ne regardent des choses,
belles choses leur disent ce qu'ils doivent voir.

Je veux les mains qui prennent des roses,
des mots devenus des bourgeons de brouillards.
Je veux des bras qui soutiennent en doses
ce que le monde a le plaisir d'envoyer en chœur large.

Je veux rester petite, ponctue, pellet,
je veux penser si j'ai eu, si j'allais
comme l'eau remplie dans une ruisselle bavarde.

J'espère rencontrer un chemin noir
où le soir invite à savoir ce qu'il sait.
Cependant, oui, je ne saurais autant jamais.

SONETO XXVIII

A VIDA é concreta, concretíssima.
Recaem sobre a cabeça à beça
as folhas velhas, sereníssimas,
por mais que eu não lhes peça.

O pensamento correu, sem pressa
atormentou o corpo, doeu na alma.
Ele nutriu a angústia e suspendeu a calma,
não disse à razão, és esta, ou essa.

Foi a dúvida que engatou a marcha à ré,
estacionou na moita, essa coisa de mulher.
Homem de Deus, deverias ser menos covarde!

Dizer para mim tudo que por dentro arde,
não para que eu dê cabo, outrossim resolva,
para que os olhos encantem e o vento nos mova .



SONETO XXIX

UM MILAGRE à luz do dia vem queixar-se
da janela que lhe esbarra em meu espaço.
Nem às sete, nem às doze ou pela tarde,
pontualmente às nove horas quer um abraço.

Não segunda, nem às sextas, nem me fale,
ele apenas quer as cores de um domingo.
Mas se eu abro a janela e vou sorrindo,
foge bem esbaforido e diz disfarce.

Passarinho, eu bem noto, és rubro e negro,
diferente frente aos outros me declama.
Como dói na vitória a ver quem ama

Ser ao gosto desse amor um espólio meigo.
Não te espantes, se com o tempo, ao contestares,
ver que eu abro esta janela às outras aves.

SONETO XXX

EM SONETOS, sapatos. Sapatos, sonetos.
Fatos secos. Secos passos.
Cometo atos. Fatos cometo.
Falhos sujeitos. Cometas falhos.

Sempre safo, sabendo sapos.
Sopapos, fazendo beiços, horta
lambendo beiços, minhas botas.
Sem espaço. Sou só fiapos.

Seria e sendo o que sempre sei,
sorri por dentro, sim, eu te amei.
Em sono, vestes, coisas, traços.

100%, embaraço e laços.
Mas sozinha é a rama, sussurrando só
o que me diz o feltro, o tisso e o abisso pó.

SONETO XXXI

MERGULHEI tão fundo na chave de maré triste.
Oceano sorriu de portal, círculo e mistério,
me levou sabendo que a fê foi só um palpite,
pequenino instante abraçou meu lado sério.

E aqui estou onde tudo é novidade.
O errado e o certo eu já não sei bem.
Expandiu no horizonte a linha de quem
achava saber o que é em prol e verdade.

Pura brisa me sopra na proa felicidade.
Sabedoria nada, ver que vão e que vêm!
As coisas e histórias já são de ninguém

Antes que o círculo exíguo diga oportunidades.
Muito melhor fazer filhos de si mesmos,
que se ditar, tolo, que seja ao todo a esmo.

SONETO XXXII

QUANDO a mão de mãe já não te alcança
e o carinho se esforça para estar contigo,
ah, fosse o mundo inteiro um imenso abrigo
para descansar verdade em peito de criança.

Transborda, ao menos, em mim esperança
de ser sozinha muito mais que um vestígio,
sabendo curar breve a dor com nosso alívio,
de esperar sonhando como será não cansa.

Assim que é leve e mui doce o abraço
entre duas margens, nesse imenso espaço
que canta o oceano entre aqui e além,

Levando n'água esta mensagem a alguém
em larga corrente linda, estável, devagarinho.
Sonhar grande encurta as margens desse caminho.

SONETO XXXIII

ARRANJAREI PALAVRAS arrojadas
para dizer o que falta em ti.
Falta um vácuo de úmida escada
em que possas correr e subir.

Não um túnel bem estreito e escuro,
nem chão liso, com portas e muros.
Um campo bem largo, de céu estrelado,
por onde corras e a lua te siga por todos lados.

Te falta gastar toda essa energia
contida por cautelas em demasia,
repetindo rimas de espagírica magia.

Te falta alguém que te abra e queira pernas,
mãos que te digam coisas bem mais ternas,
lençóis macios para derramares seiva eterna.

SONETO XXXIV

SE A TÁBUA é de smeragdina ou de safira,
quantos homens se leva para saber?
Quero apenas um, que ninguém interfira
no orvalho a tombar sem ter porquê.

Este homem do sol é filho, a lua é sua mãe.
No meu mar ele pergunta qual é o segredo
que as tábuas anotaram sem nenhum medo
de que os tolos se fizessem fariseus, deães.

Me parece não há passos, e sim páginas,
muitos pássaros e algumas boas lágrimas,
uma certa convenção que se faz a sós,

S.O.S. que amarra ao redor muitos nós
num almoço ensolarado e azul de domingo.
O segredo, me parece, é estar no outro sorrindo.



SONETO XXXV

EU OLHO DE PERTO, e tudo é vasto e grande.
Se busco de longe, tudo é só e pequeno.
Se eu sinto muito, o céu se expande.
Se eu sopro pouco, o instante é ameno.

E de manhã tudo que eu sonhei se perde.
Qual é o propósito do sol tecer mais um dia?
Por que a Terra dá voltas em si tão breves,
e da árvore caiu a flor que ninguém me daria?

As flores têm cores e atraem passarinhos do lugar,
mas o homem corre atrás do outro lado do mundo.
O que é perto não foi suave, intenso, profundo?

A cor só prisma em caminhos de tanto andar...?
Mas saciou meu colo e me encharcou de memórias
a brisa de dúvidas do teu mar de boas histórias.

SONETO XXXVI

TÃO CEDO os mares mudam,
os medos fugindo saram,
apenas os teus beijos curam
e só tuas palavras falam.

O oceano é denso e encurta
o tempo que levam as cartas.
Se eu faço promessas fartas,
escrevo com mãos adultas.

A criança de fé oculta
recebe em meus olhos graça,
contente de que jamais se furta

A mãe de lhe amar se esgarça.
Saudade demasiada não te cansa?
Saber que é verdade, e não esperança?



SONETO XXXVII

NÃO SAIA em galés noturnas,
eu te amo mais do que todas!
Amor, que escorra lágrima de Isolda
se eu não votar em amor na urna.

Recíproca fugirei dos donos,
apenas tua loucura me cativa,
prefiro ser denunciada pura, desativa,
a deixar de povoar meu mundo com teus sonhos.

Amor, eu te direi nos olhos,
vagalhões que turbilharam o sono,
tua solidão é minha, sejamos mono

Tônicos, gânicos, líticos, córdios,
que o mundo fez caber na mesma medida
a entrada de meu corpo na estrada de tua saída.

SONETO XXXVIII

TANTO ME molestou a tua indiferença
quando os germes isolados em ganidos
viraram trinta anos de guerra e doença,
e como outros os culpaste ser bandidos.

E as pessoas ali, à tua porta, segurando aros,
vomitaram sem quem lhes defendesse.
Quididade então, meu Bem, perdeste
de fazê-los teus réus para então perdoá-los.

Ficaste na ponta de uma onda vazia e escura,
de onde rezam por si mesmos os de alma pura
para convencer-se do que não dizem seus pares.

Destituindo sentidos, riram os demônios aos milhares.
E, Amor, que estrago fizeram ao se orgulhar disso,
mas maior foi o teu erro no âmago, sendo omisso.

SONETO XXXIX

LEMBRE a si de mim, jamais se esqueça
que, embora eu murche, um botão nasce,
e, antes que parta, outro em mim floresça.
E se são muitos, ah! Um buquê em toda parte.

Mas se não queres mais floradas,
te cansaste de andar sobre as flores?
Como suportar, então, as duras dores
se a luz da colina é uma nesga em revoadas?

Apostam os infelizes a vida amargurada,
não a deles, mas a de suas mulheres.
Flertando com o mundo, jactam a perfeição

Que as flores pisadas fizeram nascer dourada.
Mas o sério freou, ponderando os alferes,
e salvou que ornassem seu túmulo de gratidão.

SONNET XL

MY FRIEND, life will never be spoken
and although people speak
our hearts so silly and broken,
keep light in its humming speed.

There's a passion here and there,
a blink, a potion, a token of promise.
Joy ran a rig, unraveled us solace
against poison, reason, for stones' despair.

Our mornings felt different needs.
Leisure in youth may grow as devotion.
Our thoughts of care curiously seed

The glorious virtue one finds in ocean.
It's an old notch to sight when missed:
amused I sing your longing as a gift.

SONETO XLI

NÃO QUERO a rigidez no pensamento,
não aceito homens de dupla face,
só limpeza, por fora e por dentro.
Poesia, afastai de mim o impasse.

E críticas impassíveis, não quero recebê-las.
Que cada palavra seja muda em tua garganta
se me fazes pensar de que adianta
a pena flexível que oscila em ondas belas.

Sem retornos, sem desvios, sem traumas,
traço retas frases dúbias, diretamente abertas.
Não me tome por uma mulher que é coisa certa,

Pois movimento é o trilho em que correm as almas.
Não sou rígida. Eu de mim expulso a queda.
Longe de mim a dívida. Sou mais dura que a pedra.

SONETO XLII

AMOR, acorda!
Desperta para um dia de mel e sonho.
Virá, meu amigo, a tua água, e os demônios
já não tocarão nos marfins de gosto amargo.
Apenas no sol o teu sorriso abrindo largo!

Não mais espelho de passos, anseios e disparos,
mas da festa em que dançarão os nossos olhos.
Soldados vencem guerras, e se houver espólios,
serão das nossas bocas desvairadas em claro.

Combatarei tua nudez com a minha nudez.
Ao insolúvel problema, a perfeição matemática
do fio que sobrou das exigências enfáticas.

E o pássaro puxou como se faz com os salmos...
Artífice insólito de feridas e paredes, que calmo
aos dedos dourados de meu amor cedeu a vez.



SONETO XLIII

AINDA que eu escrevesse mais de mil sonetos
tão suaves quanto a relva é com os pés nus por cima,
de nada serviria me encher de amor ao topo do teto,
se eu não acertasse o teu coração com a minha rima.

E afiei tantas setas, dia após dia, de pura descrença,
alimentando a mim mesma de inúteis sentimentos
de quem cessou de se dizer, há muito, por dentro
que dará de recorrer um primeiro amor de criança.

Mas, notando seguidos e convencionais meus erros,
deste um passo adiante e cravaste em si o que devo!
Remediaste todos os equívocos da minha mira.

Foi então que verdadeiramente roubaste a lira
que hoje te canta a devoção que tens por direito.
Te tornaste alvo, e assim me feriste de amor no peito.

SONETO XLIV

OQUE EU TE DESEJO mesmo aos anjos escaparia.
Na prateleira mais alta, teus sonhos realizados,
mensagem de um tempo claro com o gozo caiado
de botões que desabrocham no coração de Maria.

Certezas de amor pulsando mais repletas,
raio que parta do céu ao chão sem mais tardar,
passeio primaveril e sorrisos das borboletas,
a porta que se abre sozinha para o sol passar.

Meu canto de alma um anjo não entenderia
que desejo achar poemas daqui deste meu canto,
consolo raro que achou o meu espírito de tanto

Andar no calor da estrada de uma alforria.
Por isso escrevo, só dão conta fartos versos cristalinos
do caminho que nos apronta nosso anseio de destino.

SONETO XLV

AMOR, as pessoas estão em sono químico,
já não enxergam a diferença entre o homem e o cínico.
Para ver um pouco, é preciso o sofrimento
e saber quanto dói o espinho do algoz por dentro.

As pessoas não querem mais pensar,
elas querem objetos de predileção.
Alguém que mantenha estendida e solene a mão,
mesmo que só lhes cumprimente a cor do ar.

Mas muito melhor é poder viver de amores,
saudades dos nacos de realidade presente.
Viver sem ter recebido pouca ajuda ou favores,

Pois não te queriam ver nem um pouco mais contente.
Muito melhor é entregar-se à parceria com o infinito,
ao autor anônimo que faz meus dias mais suaves e bonitos.



SONETO XLVI

ATENDER ao coração é um constante exercício.
Terra calcária composta de muitas pedras.
Mas não brota a flor, sem estender-se em sacrifício
de buscar alimento em várias rochas, em várias eras.

E são poucos seus sustentos durante a manhã,
mas dorme tranquila, escondida da chuva à noite,
contente de ver que ao mundo também trouxe
água serena, o passado de monotonia são.

Aceite esta flor, que ponho em seu copo todos os dias,
ela é inteira de manobras e foi feita de muitas quedas.
Tome esta flor, meu amigo, e quem é que nos diria

Faltar cabimento a tão simples gesto que nos seda.
Amanhã, amigo, retorno e te trarei mais uma,
como a onda dissolve os males com leite de alva espuma.

SONETO XLVII

POR DENTRO de mim eu tenho um ventre.
Nutre, aquece, acende, acalma.
Dentro de mim eu tenho para sempre
perícia de amar o que há na alma.

Tecidos coloridos em corpos geométricos,
colar de brilhos sobre os seios, para os céticos,
pétalas de plumas em escadas que levam às curvas,
átrios demarcando mapas, vinho retornando às uvas.

Há copos d'Água com uma flor dentro todo dia.
Minha Pátria celebra o pátio de glória e ave-marias
soltas demais para chorarem diante de um novo Cristo

Sem saber que os dias nos trazem novos apriscos,
que juntam na terra um propósito de cor bem larga,
unindo as luzes que a noite em claro não apaga.

SONETO XLVIII

AOS ESCRAVOS DA PRÓPRIA SORTE:
mulher e homem se resvalam,
exaustos de lutar com a morte,
céus e luzes então nos falam.

O céu é um mar para navegar sem se arrepender.
Um dia bem chegará o resgate de eu e você
e veremos os frutos do trabalho, a confiança e a redenção,
a voz que sustentando a noite não se apagou no coração.

Amor, és a tudo superior e és muito mais independente
que os males e dúvidas ávidas de devorar a nossa gente.
Em tudo eu o faço minha Pátria, e é assim que me liberto,

Mesmo que o exílio não segure por vezes o que estava perto.
Vão trabalhando, as forças da alma, para limitar e desdizer
que eu estive menos próxima desejando tanto ver você.

*Feliz dia internacional das
mulheres, 08/03/2018.*

SONNET XLIX

MON ÉTOILE grouillant, je suis résolue
ce sont seulement les mots possibles
pour rendre compte à l'Homme absolu,
d'un faix libre, indépendant et irrépressible.

Foi, des abondantes fois je ne pourrais jamais dire,
peut-être nous n'aurons plus de temps.
Alors toute dans la vie sera joie suffisant
pour éclater nôtres cœurs et encore resplendir.

De ton insatisfaction j'ai trouvé mon devoir sacré.
Je ne devais pas, mais j'ai oublié mes clés
pour te laisse occulte et pétrifiée dans mon lac

Je ne suis pas l'espace noir, pour vous contenir.
Alors on dance hors de la romance au parc
même ayant peur des erreurs et de faiblir.



SONETO L

DEIXEMOS espaço para o arrependimento à frente.

Para sempre, apenas a luz de visões afinadas.
Possamos separar-nos para nos buscar urgentes
e contar como sofremos nas mãos de quem ama nada.

Façamos recortes dos nossos solilóquios
e vejamos então como dançam e combinam
nas curvas que faz o tempo, os contínuos
lapsos e arroubos de pensamentos próprios.

Para então concluir que é divino e sublime
amor que desce do céu algo que nos rime,
prova de haver caminhos traçados desde muito antes.

Que os passos que damos hoje não nos deixarão distantes,
que os nossos olhos nos sons e vitrines se buscaram
para de repente se lembrar do quanto ainda não se amaram.

SONETO LI

ESTÁS CRESCENDO uma alma bastante sensível.
Acercam-se lobos feridos e, Amor, tu tocas e afagas...
Talvez não amamentes, como provei ser possível,
mas serão súditos, e não ferozes cães sem farda.

Ao menos pudessem os seios bem visíveis
reduzir tormentos, aumentar a circulação.
Ao menos pudessem, em face ao pobre chão,
compadecer-se de realidades tão miscíveis.

Mas o guarda de direitos espanca,
mas o cozinheiro empunha a faca,
a rosa já não quer mais ser branca,

E a liberdade é esta mulher fraca.
Prometi não antecipar ao Amor mais nada,
contudo chorarão ao final de subir a escada.

SONETO PARA UM HOMEM (LII)

CONVENHAMOS que eu te escreva,
pois é imprescindível que eu me declare,
dizer ao mundo qual fêmea primeva
que eu te amo, embora seja tarde.

Convém que eu te demande
e é bom que eu não os lamente,
meus olhos de oferenda contente,
pois o amor é demasiado grande.

Isso me convém e isso me dá prazer,
escutar seu coração, apenas, todos os dias,
compreender o melhor e o pior de ser,

As luzes brilhantes e as vozes vazias.
Eu te convido à conveniência da proximidade,
ao conforto entre a mão e o arco de minha felicidade.

SONETO LIII

ÀS VEZES penso: comi o pão que o diabo amassou.
Mas não. Eu comi o pão que eu mesma amassei.
Não há mais como pisar em ovos, já escorregou
a pena vulnerável nas palavras brancas que eu te dei.

Um coração cansado demais para bater em vão.
Só cabriolas, rodamosinhos de vento num baile.
Escol de rouxinóis cantando para ser lidos em braile,
no corpo estirado, cansado neste frio e duro chão.

De saia sobressaída eu vou girando e, concebendo então
mentes deslidas, retorno a uma era de erótica inocência,
as vozes descidas, os sonhos de uma desperta demência

Nos córregos selvagens entornados pelo homem são.
Com base em puro e simples pensamento mágico,
encerremos espasmos de nossos cataclismos trágicos.



SONETO LIV

O AMOR ACONTECE por dentro em nós.
E ainda que fórmulas o credenciem por fora,
não seguram esses confrangidos nós
que exigem gestos no imediato agora.

Canção ínfima nas dunas de um deserto humano,
peregrina chama que acende na dor de duas almas.
Formoso beijo em minha testa e agalma
de sabor que ignoram os gregos e os troianos.

Sal da terra, sala do mar, sol do céu,
abraço de bálsamo que esfrega em meu corpo mel,
ajunta cacos de rosas, restitui a voz perdida,

Em páginas de eterna morada ressuscita o peito,
inflamam as cinzas no ar de uma luz estendida,
infusa ciência a que temos direito.

SONETO LV

AMOR, ENTRASTE e fizeste por dentro a maior bagunça,
Até jogaste em meu corpo doendo, todo doido e absoluto.
Mas de douto remédio eu não faria jamais denúncia,
curar com o dobro pareceu um método astuto.

Mas agora a desordem em que estou me faz cair em mim,
paredes pintadas de papéis, sangrados todos meus segredos,
bem bandido, engalfinhaste teus quadris em meus enredos,
fingindo lamentar esse nó górdio que amarraste sem fim!

Preciso livrar-me, preciso soltar-me!
Demasiada essa tua calda de açúcar
e sorvo sonhos, os seres de meu propósito...

Mas meus ouvidos estão de greve para alarmes,
com gosto eu caio em todas tuas arapucas
e sou de muitos beijos e abraços o teu depósito.

SONETO LVI

ONDE ESTOU, querido, não consigo soltar-me.
Fui eu quem chamei primeiro às delícias, Amor,
dizendo estar bom ficar presa ao teu charme
meio ao mar de tanta água e ao mundo sem sabor.

Mas tudo bem. Não há problemas. Há quem nos aparte,
embora a poesia, ninho de nossas certezas,
nos aproxime tolerando infantis gentilezas,
o argumento aumenta espaço à nossa arte.

Quem me trouxe em segredo para este notável paraíso?
Quem construiu este templo sagrado do teu adorável sorriso?
Serpentes aqui têm pernas, os arbustos flamantes estão floridos,

Superfície transparente assegura jamais seremos arrependidos...
Resolva o amor este problema, supondo o amor não erra jamais:
o voo só leva a voar, mas em se amando, se precisa ainda mais.

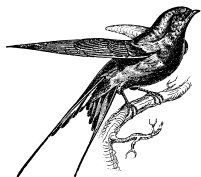
SONETO LVII

HÁ MOMENTOS DE não dizer nada.
É melhor muitas vezes deixar de ir,
mais sábio ser nítida e abandonada
e livre para cuidar, cantar e redimir.

Considero desejável a desvantagem,
as garças bem moles, a desconsideração.
O que com muito esforço no meu coração
subtraí e sublinhei em minha paisagem.

Passagem a um jardim de luz, sem medos,
nenhuma malícia, perícia, ou mesmo segredo,
apenas a água morna de um banho tranquilo.

O teto da espera de um amor, o funil de um cochilo
no campo fértil dos deuses africanos restauradores.
Estrelas estresindo no lago humano meus tons e minhas cores.



SONETO LVIII

MISSÃO de matar a morte é de noite:
se impõem essas tarefas de canto infatigável...
Embora se alegue impostergável a foice,
a vida nos sopra uma brisa mais agradável.

E recebo tudo o que na bruma me transporta,
e me alegro com as vistas que caíram couros,
rasparam o declínio e me fizeram em ouro
os estalos impressos nas paredes e nas portas.

Concorrem o barulho e o ruído em erística,
mas estamos a salvo, sigamos estudando a patrística
da espera de um tempo antigo para ideias velhas,

Das dúvidas acolhidas que, sabendo, me aconselhas.
Mas sobreviveram na língua e escorreram nas pernas
páginas de poesia em que meu tormento hiberna.

SONETO LIX

MIRAGENS denunciam na água a minha pressa.
Mensageiros alados alardeiam as boas orações,
recordam ter quitado em carne viva e prestações
a bala barata com que mataram a doce promessa.

Não fosse o amor ideal tão grande, a tanta espera
faria inútil a chave persistente de uma era,
mas a vida é curta demais para consumir todos propósitos
de doer hoje o que ontem doeu nestes trópicos.

É preciso ter pulso e segurar pelos meus pulsos,
convidar a atender o roteiro do corpo e das mãos,
ganhar momento nos peitos em que falarão

Os amantes que deixaram de ser do paraíso expulsos.
Suspiro de alívio que após muitas noites derrocadas
cura a tempo de ver nossas angústias derrotadas.

SONETO LX

AMOR, SIM, eu vi as pessoas voltando a ti os seus rostos,
Reconhecendo de longe a vaga e memória de efigie
sem saber por que ali estavam, tiveram então gosto
de discernir a voz profunda que há muito nos dirige.

E sorriram teus lábios, abriram teus olhos contentes,
nítidas silhuetas, testas franzidas, braços cruzados.
Viram-te auriverdes, pressentiram olhos lacrimejados,
ao redor névoa cinza escudou o éter transparente.

Foi brilho noturno nos ginásios daquelas mulheres,
Sura de Maria nascida debaixo da suave palmeira?
Sob a qual Leto dá à luz um segundo e também a primeira

Obra de costumes e timbres em nossos caracteres..
Mas te expuseste sob a moeda dessas nódoas de imagens.
Em temor teimemos, não louvemos promessas de miragens.



SONETO LXI

É VERDADE. Eu sou uma utopia pragmática.
Então, sê, amigo, o pragmatismo utópico.
Melhor que os desmandos de vozes automáticas,
melhor que viver uma vida em tópicos.

Escrevendo paulatinos, falemos paladinos
de se prevenir a um ímpeto de ódio que opera:
silencioso, ele no peito ganha chão e espera
dizer o que a súplica exortou não fosse hino.

Mas veio correndo, nas mãos de poeta a pino,
vontade de sofrer, chorar, revidar ao mundo
o que lhe depositaram como um fel imundo

Numa lágrima de pureza doce e decantada.
Vontade de curar nos corpos o desatino,
dar palavra à boca de emudecer cansada.

SONETO DE BEM LONGA VIDA (LXII)

A MINHA VIDA foi brilhante,
mas a minha morte, criativa em nada.
Se falei palavras gigantes,
foram ontem já ditas na estrada.

Eu fui aonde estive antes,
passos em círculos ao redor da alma,
dormidas no sossego e calma
perdida no céu de uma estante.

Mudei a ordem dos meus versos
para ver se encantavam melhor.
Resultaram em modelo adverso

Do que existe, é vivo e anda só.
Mas ao menos me fizeram vir muitas gentes
e rimas fizeram cada dia do outro diferente.

SONETO À CONSTITUIÇÃO DE 1988 (LXIII)

JÁ É triste demasiado que alguém morra,
que dirá então matar uma mulher de tristeza,
aquela cujas lágrimas de bom grado escorra
na fonte de sonho, no passo humano, em sã fortaleza.

E as cláusulas ditas na boca com digno sorriso?
Páginas riscadas de abrigar tanta coisa no ventre.
A pena que estirada deu nós em uma voz fluente
para ser justo o que antes não era no último piso.

Por isso, Amor, desta Pátria és graça e te friso:
não porque saibas mais, ou detenhas grã-verdades,
mas pelo peito que acolhe a minha saudade

Da glória eterna destes sentimentos simples,
das portas abertas num mar de trajetos seguintes,
dos beijos de incesto entre o sol e o meu riso.

SONETO LXIV

TEU PEITO é fértil, nele cresce, cumpre e arde
árvore de gentis segredos, cetins, cendais de linho.
Pousam nela meus pensamentos no fim da tarde,
nesses galhos povoo teu espaço de estar sozinho.

Cada folha brote em verso nestas minhas cartas
até que caiam bem levemente no chão as chaves,
momento propício para que então tu me craves
de beijos singulares e brilhos de suaves marcas.

Correm no fio de ouro as pétalas dos sábios amantes!
Tecem ganas, enredam urdiduras com fitas passionais.
Se dissolvem em pólen e chuva, é para que me plantes

Continuamente mudas, de que não nos fartaremos jamais.
Até que na paisagem muitas árvores deem cor aos montes,
até que todas as águas venham no cântaro de uma única fonte.



SONETO LXV

POR FIM, não importa se perdes ou ganhas,
mas que estejas feliz, grão e sem medo,
sem notar se são panóplias ou arremedos
os frutos que o outono fez das artimanhas.

E é de graça que deposito com fé tamanha
a energia que outros tantos me negaram.
Por teu amor é que meus versos não tomaram
do cálice triste de veneno de uma ariranha.

Mas te salva, esta corda longa que não terá fim,
venha depressa e corre todo dia para mim,
que não necessitas mais de nenhuma tristeza

Agora que sabes o que de antes já tinha certeza:
não nos largamos por sequer milésimo de segundo,
inda que mil léguas nos separem em outros mundos.

O POEMA ESCONDIDO NOS PRIMEIROS VERSOS

AMIGO: QUANDO EM MEU PEITO, UM CERTO
APUDOR ME DESVIA: AI DE MIM! AMO...
GOSTO? EU AMO... O SONHO: SEJAMOS AS COISAS.
E SEGUE: EU NEM SEMPRE PONDERO SE TU ME
LEMBRAS AMOR. AH, ALEGRIA! PERVERSIDADE,
PONTE LEVADIÇA, SE RI! DE MANHÃ MUITO EU
QUERO A VIDA, UM MILAGRE.... EM SONETOS
MERGULHEI. O QUE DEVO TE DAR, CALADO,
FRENTE À LUZ? EU TE AMO... QUANDO
ARRANJAREI PALAVRAS, SE A TÁBUA EU OLHO
DE PERTO? TÃO CEDO NÃO SAIA...TANTO ME
LEMBRE, AMIGO, NÃO QUERO AMOR AINDA.
O QUE EU TE DESEJO, AMOR: ATENDER POR
DENTRO AOS ESCRAVOS DA PRÓPRIA SORTE,
A MINHA ESTRELA. DEIXEMOS... E ESTÁS
CRESCENDO, CONVENHAMOS: ÀS VEZES O AMOR
ACONTECE. AMOR... ENTRASTE ONDE ESTOU. A
MISSÃO: MIRAGENS... AMOR, SIM. É VERDADE!
A MINHA VIDA JÁ É O TEU PEITO, POR FIM.

A. P. Arendt

SONETOS DE DISTINTA BRANDURA

Ana Paula Arendt —

JULHO DE 2019



*Para os anti-heróis,
para os Pais quando envelhecem
e para os Filhos quando crescem,
esta obra de intuito salvífico.*



*“É por isso que antes do engano e da cinza
da chama penso na Rainha para que
nume nenhum transmudá-la possa
e seja magno consigo o amor que tem por Enéias.
Caso possa fazê-lo, aceite isto que tenho em mente.
O infante Régio, acionado pelo genitor,
possa ir à urbe sidônia,
e nele ponho a minha máxima cura;
pois como presente, ele carrega o que do pélagos e das
chamas restou de Troia.”*
(Virgílio, Eneida, Livro I, 675-679, 19 a. C.*)

*“Oui tibi magnus amor, maxima cura subit:
Haeret adhuc animus: Dominique facessere certus.”*
(Louvor à Virgem, Padre Anchieta,
Chronica da Provincia do Brasil, 1663 d. C.
Padre Simão de Vasconcelos, 1663)

** tradução da autora.*

SONETO LXVI

SIM, segues sendo o meu problema,
Nos outros eu busco o que me deste:
razão pela qual não cessa o poema,
um Amor correto, sem qualquer teste.

Em sonetos, neles, humilde me desculpo
de leviana te desmerecer sem pensar
na leal luz ambiente do meu lastro e lar,
a Pátria amada à qual retorno e exulto.

Sim, eu esqueci de ti no condão dos muitos
papéis acumulados em pilhas empoeiradas.
Deixei de lado o livro de verdadeiro intuito

E dediquei capoeira ao que não vale nada.
Mas, Amor, não é assim que se tornam gratuitos
os meus braços de paixão não consumada?

SONETO LXVII

QUAL MOIRA dá o sentido disto tudo?
Por que prosseguir neste pesar vazio?
Eu não quero saber mais de teu canto mudo,
já chegou ao fim da vela este adusto pávio.

Mas despertei antes do sol e da estrela
e estavas acordado lamentando em parte.
Aí, Amor, é que me convidas a esta arte
de consolar com a linha que o canto sela.

Sim, eu te abandonei de novo como outrora,
empenhada em fazer meus próprios nichos.
Muitas vezes tentei pensar em melhores horas

Para caminhar em bem mais rasos caprichos.
Mas a ti vejo olhares ferais, sutis perigos e atros muros.
Buscares se opor comigo me parece algo mais seguro.



SONETO LXVIII

A I, nau bela, tempo limpo. Me dá tanto gosto
Atriscar feliz nos assuntos de teu casco,
ver os nós com segurança no teu rosto!
Trabalho tranquila em teu formoso frasco.

E é rumo ao céu dos campos sem vestígio,
onde o que era há um segundo se desfaz em passo,
que tua trajetória em cântico profundo traço,
grata e pasma, sendeiro de sonho e delírio.

Haverá justiça apenas quando me repares,
nau amada, nave estrada, com tua amura esquerda,
chegada no tempo grande de uma praia ancorada.

Quando os bosques brasis forem Terra pacificada,
quando luz da manhã me diga: já não há mais perdas!
E tripulantes, contudo tristes, de ver novos ares...

SONETO INTERMITENTE (LXIX)

EU TE AMO num canto obscuro donde me olhas,
do alto de teus cimbres de dúvida e incenso,
nas falas seguidas de um doce consenso,
no teu sorriso espontâneo traçando cabriolas.

Nos ditos loucos e místicos, textos de navalha,
também neles ama esta poeta o intuito a esmo:
assombro de dedos e um pavor fortuito, mesmo,
para que eu busque teus braços, suave malha.

Deixa aberto teu busto de pedra escancarada,
Amor, para que eu acaricie os teus labirintos,
tuas paredes estreitas com mãos eu sinto,

Os extintos caminhos que levaram a nada.
Na madrugada desato o fio de teus romances,
saídas demarcadas com os avanços de meu desvelo.

SONETO LXX

MAGNO AMOR, máxima cura,
tanto carinho, distinto cuidado,
taça de estanho libando brandura,
sonora curva do peito mencionado.

É que a viagem é linda e a glória, certa.
Dos bojos de vinho jamais vertidos
subiram ao topo os tempos de Dido,
de lá ditaram esta noite aberta.

E assim fazem todo minuto alerta,
fluem este rio refulgindo as montanhas,
contornam as pedras, pois é luz do poente.

Acoladas virão meio a intacta gente,
com a fuga e as figas do pão de campanha...
E as rugas de risos, a paixão descoberta.



SONETO LXXI

QUANDO chamada a ler versos de Camões, sendo criança,
fui forçada a explicações de como teriam sido escritos.
Que num naufrágio, o célebre oleiro de nobre faiança
escolheu o ouro de salvar a obra, ao invés da prata de ser o favorito.

Deixando afogar-se a amada, duvidei do valor do cântico,
de uma poesia construída sobre a ponte da ambição.
Mas agora, de vagar neste longo deserto de solidão,
releio o que escrevo do outro lado do Atlântico.

Ciente de tão grande miséria que nos separa a nascença,
irreversíveis os melhores anos de meus Filhos.
Diante de tão imenso sacrifício de uma vida sem gatilhos

E sem sequer provar uma gota da dignidade da tua rara presença,
posso entender e afirmar que a história não é nada disso:
a mão versejando é que se afoga, lentamente, neste serviço.

SONETO LXXII

É COM tamanho fervor e sentimento tão puro
que escrevo um verso de Amor verdadeiro,
com tanto sacrifício sobrepondo muros,
que de toda posse abri mão por inteiro.

Porque há nisto alguma coisa da pessoa amada
que de si sobrevive e floresce destarte:
no gesto concreto de inscrever nesta arte
não se encontra em outra parte uma fé mais sagrada.

É o que resta de minha humanidade,
é o que sobra de minha esperança,
a mecha que enleio de minha trança,

Trajeto em que escorreu o orvalho.
O bom laço que atou nossa unidade,
a beleza que faltou ao meu trabalho.

SONETO LXXIII

AMOR, não és tampouco em poemas
o prato de lentilhas de Esaú e Jacó.
Não é para satisfação própria e de um dia a avena,
o amor grande que se tenha é tudo, e só.

Nisto eu incluo sempre os teus,
eu os amo confundida com Pátria e Filhos.
Mais importante a preservar que a campanha são os réus:
tal verdade o próprio Cristo nos rezou em estribilhos.

Por isso se foi todo meu reino,
Amor, e eu o entregaria de novo,
pois não me foi permitido ensaiar em treino

A ver que resultava para depois a decisão.
Amor, te instalaste, e o prêmio é minha paixão,
o sopro de ave que não volta ao ovo.

SONETO LXXIV

É o meu amor algo assim tão barato?
Sinceramente és quem sequestra as mãos da poeta.
Achas evidente não haver razões para o mandato
de dar importância à minha exaltação correta.

Não a ponto de arriscar teu caminho traçado
numa aventura amorosa com ser mais velho:
ponderas ainda o escaravelho,
que meus caminhos são plurais em muitos lados.

Ai! Se soubesses... Tampouco é nada disso!
Deita em cama de pregos quem fez a música
enquanto, na dúvida, seguiste com a tua vida.

Guardei na câmara secreta do coração o viço
dos versos de não ousar desviá-lo com súplica.
É assim que morre a chama no vazio: comovida.



SONETO DE UM FELIZ DIA DOS PAIS (LXXV)

BÁLSAMO és sobre o desgosto,
banquete abundante sobre a inópia.
chuva e umidade no mês de agosto,
fonte colorida, a brisa e cornucópia.

A linha invísivel que amarra o meu passo,
hesitando antes que o outro pé siga.
O que nos leva à frente em inoxidável liga,
ser mesma coisa de um leal compasso.

Bebe tranquilo teu cálice de vinho,
o teu prato favorito te satisfaça.
abra o portão que dá para a longa estrada

De árvores em ambos lados com fronda dourada.
A temperatura é amena e as mãos, de graça,
as que plantaram a beleza pelo teu caminho.

SONETO LXXVI

O POEMA mais belo de toda história?
Como assim? Conte-me mais.
Mais de mil gerações em rogatória.
Mas o que eu diria, como se faz?

O que tanto gostarias,
já não foi tudo dito?
Descrevi tão bonito
amor de fé tardia.

Queres que esteja do teu lado.
E quando estiveres errado,
que eu diga: estou errada.

Triste e sem tempo: não valho nada.
Ai, poeta mulher não cabe em teu destino.
À minha frente apenas meu caminho peregrino.

SONETO LXXVII

ÉS COMO um Filho.
Convite feliz de uma ilha.
És como meu cílio
enxugando e vertendo o que brilha.

E brincas em minhas linhas,
e abres as minhas portas,
e pulsas a minha aorta.
Ideias me realinhas.

Este não é o poema mais lindo da história,
mas estas linhas me retêm memória.
Então? Por que busco o que dizer?

O que há de tão especial a ser dito,
se de ontem veio a hoje o porquê...?
Amor, é que és a metade deste meu verso infinito...

SONETO LXXVIII

QUERES o poema mais bonito de toda história.
Isso eu já entendi. Não enrolo.
É claro que mereces a flor da glória.
Estou a buscá-lo para ti, teus olhos.

Não, por ele jamais cobraria nada.
Dedos felizes a correr por estantes,
desembrulhando os instantes
que inventamos de madrugada.

Mas não devo saber disso,
da terra ao amor fronteiriço,
visto séria a minha túnica.

Por favor não me atrapalhes.
Sim, Amor, escreverei da única
treva oblíqua deste humano entalhe...



SONETO PELA VIDA DO AMOR ANTIGO (LXXIX)

É ESTE o poema mais belo de toda história.
Sim, Amor, porque sou eu que escrevi para ti.
Reclamaste a derrota, alheio da vitória,
e em situação vexatória, residiste aqui.

Não quiseste o troféu da conquista,
não esperaste o prazer dos prazeres.
Só a dor que criou muitos seres,
Só a paisagem que melhorou a vista.

Este poema é o mais belo de todos,
sem ideias excelentes ou sentidos cômodos:
Prescindindo disso deponho um segredo.

Amor, o maior poema é sobre o meu maior medo,
de que menos tarde que a minha seja a data em que morras,
e tendo ou não te conhecido, o meu lago partido escorra.

SONETO LXXX

DIZER o meu nome: voarei de repente.
Assim procedem os miúdos passarinhos
quando corre o homem à amizade frequente.
Estou na janela apenas enquanto me apinho.

E o que faço quando não estou na relva
de teu pomar tranquilo e adocicado?
Vou na árvore e canto os reisados
em busca de outro pássaro perdido na selva.

Pois qual ser humano não gosta de ver aves,
quem não acredita na beleza das flores?
Quem não tem nunca escondidas as dores

Que o tempo absurdo sozinho não aplaca?
Antídoto a tudo que é obscuro e grave,
o canto e o perfume nos curam da faca.

SONETO LXXXI

EM EMANAÇÃO invisível abre caminhos
sobre vasta gente, capilares territórios,
são milagrosos os efeitos de teus carinhos:
assustam a serpente, constroem oratórios.

Eu vi que a força macia de teu peito
contou histórias, enraizou maduras
frutas de fé em almas bastante puras.
Como contar a dádiva de teus feitos?

À luz do dia mirei uma estrela no céu perfeito,
com íons de sol tocaste as virentes folhas.
Neste domingo de tuas latentes escolhas,

Muitas batalhas libradas na água.
Amor: bem plácido curas defeitos,
ressuscitas o rosto da minha águia.

SONETO DAS LIMITAÇÕES DA SUPERREALIDADE (LXXXII)

A CHAS que o amor é intangível,
Afluência azul celeste e púrpura.
Eu aceito: seja inexprimível
o gesto de tua zelosa ternura.

Superreal, bailas e gesticula
mencionando por vezes meu nome.
Quem te segue há muito tempo tem fome.
E lês cuidadosamente a minha bula...

Mas não posso devorar o que me é caro.
Este Amor assiste atenta detrás dos arbustos.
Pois dando um passo, em desembaraço,

Perderia o aço de nós robustos.
Pois eu também tenho alguns aros
indulgenciando meu humano cansaço.



SONETO LXXXIII

O ÂMAGO do acordo vivo,
sim, este poema de paz é para ti,
ímpeto do entendimento que li,
fogo celeste introspectivo.

Mas sei que tu amas as alas de guerra,
diapasões das circunstâncias,
cúmulos de todas instâncias,
a resolução das coisas na terra.

Por isto é que eu te exorto, Amor.
Tenhamos a própria lida e joça.
Venham as palavras de grande furor,

O sangue pulsando na veia nossa,
a violência que a alma ofendida paciente espera.
Na falta de recursos, atemo-nos à mesma era...

SONETO LXXXIV

DE TODO poeta, estas mãos escrevem contigo,
conforme dispõe a lei da empatia
que decretou poetas fossem bons amigos,
durante o silêncio da noite e o barulho do dia.

O poeta escreve também com todo homem,
conforme dispõe a lei da universalidade.
Sim, todo ser vivo merece a felicidade
de ter consigo canções que não somem.

Amor, amigo, peça mais que eu descreva
os critérios e características com que te amo.
Assim com o transcorrer das eras e passar dos anos

Terá sido anotado tudo que de Adão e Eva
não foi percebido sob o sinônimo paraíso:
Os dedos hesitantes dentre os cabelos lisos...

SONETO LXXXV

SER HUMANO... Eu deixei um parágrafo
S entre a cozinha e a sala
enquanto despia o telégrafo
nas escadas que o fôlego cala.

Ainda não me lembro dessas linhas.
Contudo, assim que fizer o mesmo trajeto,
estará retomado o intermitente projeto
de um palimpsesto da voz sozinha.

Talvez não me surjam as que eu tinha.
Outras decerto virão, ou provavelmente,
de modo que escrevo e arregaço as bainhas

Da colisão necessária entre a voz e os dentes.
Deixe que eu guarde um pouco dessas manias,
Amor, no baú de tua humilde falta de regalias.

SONETO LXXXVI

NÃO DEDICAREI minha vida às ideias,
eu não doarei esforços para um regime.
Não serei taquilha do sucesso de estreias,
eu me empenho num amor mais sublime.

Falarei de casamentos,
construirei muros e casas.
Arrumarei crianças com asas,
cozinharei para o entretenimento.

Desembrulho o presente da vida
e não sou parte de distinta colmeia,
das ondas ditadoras de uma rainha.

Eu sou a minha própria assembleia,
eu canto o ser humano sob a luz que envida,
as bicicletas na praia soando campainhas.



SONETO LXXXVII

NEM ESPERO as multidões em busca de promessas
ou exércitos de bravos, legiões de irmandades distantes.
Me basta um amigo ou outro, um pouco sem pressa,
um parente exagerado é que me faz importante.

A fama e o êxito corromperam corações constantes,
fizeram das palavras certas uma mercadoria.
Meio a fãs pirados e exigentes por alegorias,
se perderam muitos sábios num frenesi jactante.

Não, Amor, não é o meu trajeto de vida uma tara alheia,
e o obstáculo anônimo não me desfaz nem me perturba.
Eu seguirei sendo a mesma, disponível meio à turba,

Meus juízos independem de coligações caras, ameias...
E te amarei ainda mais por tua impossível capacidade
de achar no teu céu escuro as emoções desta cidade.

SONETO LXXXVIII

ALGO, Amor, com certeza experimentaste
dessa certa demência em ser sol dos outros.
Seja sol de si mesmo, pois isso é pouco,
o sol verdadeiro pede filtro solar, em contraste.

Talvez os planetas hajam conversado deste impasse.
Sim, meu Amor foi às estrelas, bem silencioso.
Talvez galáxias inteiras sofram do mesmo desgaste,
de não saber qual é o gosto de um permanente gozo.

O que nos reserva a nossa vida?
Qual é o auge que não nos afasta?
Por que viver meia hora combalida,

Por que se deter meio a exigências não nos basta?
Ai, Amor, são tantas as minhas dificuldades
para se entregar sem perguntas a um Amor de verdade...

SONETO LXXXIX

QUANDO ESCREVO, todos para quem escrevo escrevem.
Metade do poema é do poeta e de quem nele vive,
Metade do poema pertence a quem o poeta inscreve.
Assim é que o texto constitui e se sagra: com duas metades se redige.

Eu queria, Amor, escrever-te sempre e de tudo,
mas não acreditarias o quanto anda desmazelada
esta sábia indigente do que tens falta e és mudo:
indulgente de intuitos e de velhice vencilhada.

Nem o sofrimento nem a demonstração dele
deveriam ser justificativa para negar dignidade:
por isso eu sofro sem que saibas o quanto.

Duro e infeliz, quem constata o que anele,
prosseguir sem se servir do que há em sua metade,
quebrando o que dispõe este santíssimo encanto.

SONETO XC

SOBRE EXPURGOS. Tenho em mente exscritos:
O cuidado de não desejar mal a teus adversários.
Amor, se o meu sangue jorrando de soldado eu exsico,
é porque sei não são muitos dos tiranos os aniversários.

Embora eu não lembre quanto foi o passar dos anos,
eu recordo do preço de te ver subir no tablado.
Tudo depois teve de ser recalculado,
embora, Amor, me ignores, e os meus planos.

Por isso jamais me ressinto, eu me refiro.
E na vida penso, e sigo, e desejo, e falo,
pois na teia complexa se prende o próprio interesse.

Prefiro sejam espontâneos os meus giros.
Neles não me retenho, tendo criado os calos
de caminhar todo dia sem evitar a messe.



SONETO XCI

REFIRO-ME à letra da pluma atada,
O sopro entalado no esôfago.
À sátira da voz alienada,
algarismo no meu peito sôfrego.

O peso que estira a fala,
o fardo que arreia as pernas,
palavras que poderiam ser ternas
e contudo emprestam o que cala.

Mas o entendimento é o filtro do coração doído,
a alma intensa e o fôlego amigo me renovam.
Tenha muito claro, Amor, meu clamor divino

para ser entoado não só nestes meus hinos,
convites abertos a que muitos aprovam.
Mas que juntam por vezes sustos e ruídos...

SONETO XCII

A OS REMORSOS nada: meu amor é diário e gratuito.
Se esperasse algo, não seria da melhor malta.
Talvez para um só seja de fato muito,
contudo eu o dirijo a quem tem mais falta.

Eu sinto secos teus dedos, de azia:
juízo do que serve e do que é evitável.
Soubesses o quanto um dia será notável
com verso que não cansa de buscar poesia...

Para que não te arrependas, Amor,
e prescinda de arremedos, de astúcias,
eu escrevo: com fé e ardorosas minúcias

Do que serve para sempre e é esplêndido.
Das coisas de que sabe quem é delas portador,
do momento que perdura no correr do pêndulo.

SONETO XCIII

POIS QUAL SERÁ o homem que não morre,
qual será a mulher que não envelhece?
Que sentimento não mudará conforme
os súbitos serpeios que nos levam à prece?

Mas a nossa discordância nos evita,
teu grito de guerra desarmado passa.
Ficam estampados o teu riso e graça,
a tua luz dentro do rosto me faz visita.

E qual amor não é posto à prova,
e qual descarte não nos machuca?
Qual segredo não se revela diante da cova,

Qual lembrança não será um dia caduca?
Mas vem teu semblante e o mundo se renova,
cada dia é mais raro com teu carinho e açúcar.

SONETO XCIV

OARREPENDIMENTO, verso mais lindo da tua história,
a rima sorridente que teu coração não apaga.
Que em todas as línguas se saiba de memória...
Em que poema o amor não será uma linha vaga?

A palavra leve para levar no peito,
sendeiro aberto onde meu passo galga,
um registro que na pele o mar salga
e dito por escrito se move perfeito.

Eu queria escrever o poema mais lindo da história,
o amor verdadeiro ao alcance de teus olhos.
algo que apenas o tempo faz crescer de espólios

Que as lágrimas nos tomam ao brandir memórias.
Mas ao final eu não saberia o que dizer ao certo
para revogar a distância, ser definitivamente perto.



SONETO XCV

DE SE TER VIVIDO tenho um buraco no peito
e por ele escorre todo o mundo.
Tudo converge a um mesmo pleito.
Qual? Eu não saberia dizer, no fundo.

Ai, ao menos viesse galopante a demência
que almejo para explicar minha desgraça.
Mas não! Só raciocínios coesos na praça
em que exponho uma incompleta ciência.

O dia não floresceu novíssima aurora,
a flor de ontem: mesma dor inebriante.
Também facturas e problemas como antes,

A mesma oração perdurando a demora...
Então por que o buraco no meu peito em que escorre o mundo?
Ou é no teu peito, Amor, em que caem as coisas no mesmo segundo?

SONETO XCVI

TANTO A ALEGRIA quanto a tristeza
me fazem clamar tua intervenção doce.
O milagre não é deixar de ser o que fosse,
mas teu jeito inclinado a aceitar proezas.

Por isso eu poderia encontrar nestas redondezas
senhores mais fortes e mais respeitáveis,
mas apenas tuas mãos correm tão fiáveis
a dizer do que penso, e não a incerteza.

Amor, que possas vir cedo a Canossa.
Eu irei e virei ao teu lado e contigo
porque és destro e notório amigo

Das coisas benditas e mais honestas.
Eu não faço de conta, nem vista grossa.
A quem não se confronta, a vida contesta.

SONETO XCVII

QUANTO A REVELAÇÃO vale e sua vela,
Onde sopram ventos e movimentos sobram?
É bem cuidada e aparada em costura velha
aquela genoa que firma quando os ares dobram.

Mas barcos sem velas içadas
não se movem e não há descobertas.
Pois então exigem sejam abertas
fronteiras nas quais despejam pitadas.

Amor, que se registre o quanto é ridículo
e obeso o contingente que com ameaças
pensa progredir as gentes que usa.

Eu prefiro teus nomes e teus círculos,
teus favores coloridos e voos de garças,
a lealdade que me declara antes a escusa.

SONETO XCVIII

DE SEU VALOR sei e leciono
porque se tenho um pesadelo,
escolho não viver nele, no sono
pesado da crítica ácida em apelo.

Sendo a vida tão mais ampla matéria,
sim, Amor, e eu te digo inapreensível
o montante que possa valer viver é indizível,
quem rotula e precifica habita a miséria.

Não há valor que eu possa atribuir à vida,
à liberdade que infinita nela desperta e cabe.
Não comercio o que me basta e não acabe,

As palavras de amor bastantes e lidas.
Passando teus olhos nestas linhas me trazes
o melhor salário que merecem minhas frases.



SONETO XCIX

DESCONHECIDO e robusto o pendor segue?
São tantas as palavras que podem ser ditas
ao que se jura, serve e se precipita
numa água que ao templo do amor chegue.

Ali os que insultam e guardam rancores não entram:
a fortificação do amor é intransponível.
Mas adentram os atentos a essa porta invisível,
com flores de marias e agradecimentos concentram.

Fogem os de alma dura, ficam os de peitos abertos.
De um futuro decidem com amizade por certo,
aguardando os ajustes que a mão delicada faz.

Detalhes de lindos planos, projetos de nova paz.
Entalhes que prevalecerão sobre bravatas ao vento,
vitórias bem registradas para que ambos tenham contento.

SONETO C

AO PERDÊ-LA são o homem e a mulher infelizes?
Jamais satisfeitos com poder, demandam mais poder.
Inebriantes buscam incessantes a todos corroer,
acham que exércitos de seguidores aplacam deslizes.

Amor, qual é então a correta medida?
Para os que não se deixaram iludir pelo orgulho,
sabendo que o destino da ambição é o entulho?
Não amaldiçoar, retirar ofensas, a melhor saída...

Meu Amor, tenha sempre o brilho de quem sabe a ferida.
Porque te distanciaste antes, a me deixar arrependida
com seguido silêncio de teu atordoante mergulho.

Muito feios se tornam aqueles que lucram com fraudes sabidas,
vendendo notícias com litigâncias e faúlhos.
Mas farpas farão a foz de péssimas investidas.

SONETO CI

EIS POEMAS INFINITOS, porque provaste do choque
com que já convivo há muito, e dizem, sagam.
Sim, é nisto que o mundo quer que se enfoque:
as dores que ao amor os desafetos pagam.

Este é meu salário, toda noite, todo dia,
ameaças de morte, desprezo, indecisão.
Há muitos anos dizem estarei num caixão,
contudo eu me desperto e o Amor me anuncia.

É que não gosto e dispenso essas vãs regalias.
Amor, isso fere a quem as cobiça com ambição:
Por isso anunciam desprezados a minha morte.

Mas enquanto um ama, o outro vive com alegrias.
e arde esta poeta em chama eterna de verão:
porque proclamo um bom tempo e uma boa sorte.

SONETO CII

COMO A CHUVA DE verão, não sou escrava
de um céu perfeito e sua nuvem lisonjeira.
Conheço bem do estrangeiro a clava
e prefiro o lugar que me aceita por inteira.

Quando eu o descobrir, sem dúvida avisarei
em que país moro, e qual é o nome
da veladura que me herdou e eu herdei,
seus sons latentes em que a rima some...

Não sabes, mas tenho um país,
Pátria guardada a muitas chaves,
no horizonte bem longe de espelhos...

E nele batalha minha raiz,
Com frases contumazes,
Contra o olvido, traças e escaravinhos.

SONETO DE CONDORCET (CIII)

ESTRELAS CADENTES e o louco martelo da noite,
Enada podem contra Teu cetro,
Amor, tua abertura de água afoite,
dourado e cheio na letargia de espectro.

O poder de perdoar sempre!
O que a arguciosa ambição não pode,
A dor que sinto no meio do ventre,
quando o amor em lágrimas explode.

A vida! A vida! A vida!
O meu amor próprio de ramos floridos,
eu planto olivas, não busco vingança.

Eu nos amo demais para me deixar arrependida!
A Força divina dos tempos presentes e idos
me empurra para frente com luz e esperança.



SONETO CIV

(pela pronta recuperação de um amigo)

COLORIDAS borboletas, não deixem que se apague
a estrela que engoli, expelindo meus tesouros,
o fio que neste cantar vou tecendo em bons agouros...
É só isso que me vale, o que pelo amor divague.

Tendo em mente que não se deve desejar ao outro
algo que para si mesmo não se queira,
evitando me chocar com o que seja vindouro,
eu saio pelo mundo em busca de sua beira.

Vaticinaram muitos, sobreviveram poucos.
Onde mora a segurança, no troféu, na placa?
Não, Amor, é nestas mãos que erguem barracas,

E retiram da órbita de Plutão os prantos moucos.
Tenha segurança de que mantenho intacta
a tua casa na rocha, na pedra verde e azul compacta.

SONETO CV

NUM CÉU PERFEITO deliraste e doeste,
mas todo alvoroço de quem vagueia passa.
O eixo da Terra gira do Oriente para o Oeste,
na perplexidade do vazio ocupa a boa graça.

Apodíctico o conformismo salta,
o péssimo sentimento se instala,
as pessoas vêm e vão na mesma sala,
repetem medos desde o pódio de febre alta.

Mas eu recorro aos manuais antigos,
ergo a corda que transmitirá a onda.
Ao final, passará por todos os amigos,

O meu pleito de humanidade que em teu peito sonda.
E multipliquei por mil o número de beijos em tua testa
e não retirei o antebraço debaixo do sono de tua sesta.

SONETO CVI

DE ÍNDIGO ADMIRÁVEL dormem as nuvens,
e o vapor acumula as vezes de borrascas.
Amor, quase morreste em trânsitos e viagens:
é São Cristóvão que nos deixa em lascas.

Eu deveria forçar o que te devo,
será possível que eu não te faça nada?
Diante do escárnio de tão vis risadas,
das tuas lástimas de um nítido relevo.

Eu gostaria houvesse para ti um teto
sob o qual os anjos convidassem com harpas.
Que te recobrisse em teu caminho itinerante,

Cujas paredes imponentes repelisses farpas...
Mas escolhes tua fé como verdadeiro diamante
e te sacias com os gestos de meu amor concreto.



SONETO CVII

ONDE SE BANHAM as bátegas,
onde se lavam as bateias
onde se esfregam almártegas,
onde aplaudem as plateias.

Onde trafegam em rampas,
onde se entalha a moessa,
onde se bordam estampas,
onde a palavra é nossa.

Aí, Amor, é que o meu peito canta,
aí, Amor, é que o meu seio arde,
amalgadura por onde o laivo às tantas

Tinge de alva e celeste a minha tarde...
Nos vestígios sobrevivendo sem alarde,
sob os dedos aconchegando tua manta.

SONETO CVIII

N OSSAS MÃOS deveriam construir elas mesmas
pedra por pedra espessa na parede estrata,
o movimento destas folhas de muitas resmas,
as palavras ditas que pavimentam estradas.

Os homens das cavernas gritaram pelo mundo,
Amor, detestam nosso véu humano e vulnerável,
querem apenas ideias fixas da destruição inexorável,
se a eles não designarmos comandar cada segundo.

Mas eu gosto mais do teu jeito de pudores,
retraído perante a multidão e a farta festa,
dizendo as mesmas coisas desde sempre.

Calhando e erodindo, apegado às nossas dores,
ainda que não se resolvam na próxima década ou nesta,
Amor, a sobriedade tem minha pluma e o meu ventre.

SONETO CIX

E OS PÁSSAROS anunciaram a primavera diferente,
adrede inventada para arrebatat teus olhos.
São iguais as flores dadas, adregam as odes quentes,
mas os vincos de nós vivos já não são teu monopólio.

E afasto aberta a chuva de pó das terras vermelhas,
a areia que me jogam amantes de frasco, no entanto:
quero a morada neste amável e livre canto
com que te encontro amoroso em coisas velhas.

Talvez um dia este pulso latente passe,
a água de meu rio siga sozinha seu curso.
Se bem teu princípio me traz sulcos densos,

Postergas seus frutos dispondo tudo em classes...
Mas samicando me impedes despedida e discurso,
e se murmuras o meu nome, Amor, recobro o senso.



SONETO CX

FAZEM NINHOS as andorinhas em qualquer parte,
a porfia calorosa não lhes atinge o altar, por certo.
Mas, Amor, adur a altitude nos diz qual parte
da vida nos trouxe o pomar e o deserto.

O oceano igualmente, com suas extensões e estaturas,
tampouco mensura, nem se importa com nossos dilemas.
E tanto nas alturas quanto nas profundezas, os meus poemas
seguem como o ar e a água, conformando envolturas.

Mas nos versos respiramos por meio de rasuras
o que íamos dizer e fazer, mas revertermos:
entre Cila e Caríbdis se debruça este centro.

Porque é preciso mergulhar na dúvida toda alma pura,
na reflexão imperativa sobre os valores supremos,
ponderar o que nos move do que nos une por dentro.

SONETO CXI

ÉTAMBÉM VERDADEIRO o que não chora,
na sede sem gota de tua presença.
Dignidade desta longa hora,
deserto de pontual indiferença.

Eu te amo, e esta é a minha presença de raridade,
o amor grande que independe de resposta,
ave que brande alumia mesmo indisposta,
longe das deteções dos elogios das herdades.

Vigília oculta sem nenhuma seta,
Eis a prova de amizade permanente:
o momento atrás um do outro.

Igual como vive o poeta:
sucessivo e indigente,
invocando o Amor com seu próprio ouro.

SONETO CXII

DO QUE SINTO FALTA é de como eras,
voz escura numa sala silenciosa,
resumo de partilhadas eras,
as lágrimas derramadas em minha rosa.

As frases limpas bem lapidadas,
após uma longa consideração,
dizer que tinhas naquele tempo, então
território conferido por terras dadas.

Hoje: inelutável luz sobre tudo.
Explicações abundantes sobre os vários ares,
sem o tempo de pensar nos teus colares

Que a minha reza atendia com mãos sem jugo.
Eu sinto falta daquela pequena canção mestra,
feita de poeira de estrada, orvalho de seresta.

SONETO CXIII

EJÁ NÃO POSSO imaginar a minha perda,
vazio distante e dito aos pedaços.
Vivo estás, e esta linha de novo herda
o montante de chumbo sem vez no espaço.

É por causa do ódio bem calculado,
do tempo senil da besta serena,
que ele rouba o abraço de vida plena
da mãe com o filho envolto e calado.

Como dali e doutros memoriais ao teu lado,
resiste a flor ao fim do mundo e à seca,
à dor de séculos tristes e transtornados,

Também perduramos nesta mesma biblioteca,
em momentos distintos que o mesmo tempo teça:
assim sobrevive nosso abraço bem apertado.

SONETO CXIV

DISTINGUIR teus calos, sobrepor teus muros,
anunciar estalos, consolar apuros,
esquecer de balde a tua mão sobre a minha,
saber que é fraude a plantação sem vinha.

Correr pelo campo de bem nítida amizade,
ouvir o teu pranto nas bancadas de alvalade,
ver o que vês, sentir o que sentes,
prover mercês, pisar serpentes.

Bordar com esmero um pedaço de tecido
enquanto espero por teu abraço retorcido.
Engravar gestos sábios, transmitir nossa cultura,

Enxergar nos teus lábios minhas doces comissuras.
Dizer, dizer, dizer, o quanto eu te amo a todo momento,
até que afinal compreenda esta mãe, este fundamento.



SONETO CXV

OQUE ME RETÉM deveria ser o celestial ninho humano,
lugar onde teus braços rapineiros me envolvem nua.
Mas o espinho me despertou com vinagre e os panos
arranharam minha pele, Amor, vazia, não sou tua.

Não há pão, nem mel, nem maçãs ou romãs,
tudo arrasta ao fundo e ao fim a minha âncora.
Os demônios nas ruas pondo distância e fel na ânfora,
alabardas ceifando com dissidências cãs.

Mas eis que te levantas da minha última treva,
e novamente as pérolas do suave Rosário falam:
ao redor de teu pescoço o condão de Eva.

Das pedras de minha vida os vapores exalaram
sebes de erva fresca, pássaros nas flores, polvilhados pinheiros,
e voltam a galopar livres os meus versos aventureiros.

SONETO CXVI

A TEUS CARINHOS: volto sempre que posso.
Neste mundo de distúrbios comburentes,
sempiterno seja o que for elmo nosso,
sob máscaras malinesas e sono suficiente.

Fica em casa, Amor, aguarda-me bem à espreita,
de tocaia, frente ao jardim em bela varanda.
Assim, quando eu chegue, verás como anda
quem por vezes discorda, mas sempre te respeita.

Sagrado és, sobretudo quando ausente
nos discursos abusivos dos crivos utilitários.
E se falta poesia e se impõem horários,

Tanto mais te busco sábia e indigente,
preparando os álbuns de mui grande nostalgia,
com chuva e riso fácil salvando do calor meu dia.

SONETO CXVII

SE escrevo é porque te amo, assim preencho linhas vazias.
Filho: nada serve no espaço de teu quarto nestes anos,
só o amor em tempo de espera salva meus dias.
As palavras e cartas me enxugam como os panos.

Só o amor em tempo de espera
é tão grande quanto a estrela imensa
que me faz te amar, enquanto dilacera e pensa
em prover o nosso encontro depois de uma era.

Porque já te esperei como tudo era antes,
sonhando cidades com ruas de água:
dormias profundamente em meu corpo sob a neve.

Hoje, eis os teus olhos em Paris por um instante,
o teu riso em Lisboa, minha lágrima enxagua:
e toda espera será lástima de um canto breve.

SONETO CXVIII

A FALTA escreve desde a nossa mesa
com os mesmos guardanapos de linho,
as mesmas flores, livros e certezas...
Soldados togolezes correm e cantam cedinho.

Filho: mas tudo, se permanece ou muda,
me faz ter presente o teu rosto perfeito,
as coisas que erguemos, hoje nosso direito,
embora teu querer eu acumule aguda.

Mas, quando estivermos abraçados e juntos,
cada momento guardado entrará em vigor,
o tempo calhado será várias vezes: tempo novíssimo.

Elevados à potência da alma todos nossos assuntos...
Lembra do tesouro de luzes vivas ao nosso redor!
Forjado de súplicas na fenda profunda destes sismos.



SONETO CXIX

SOB ÁGUAS NOTURNAS disparo o olhar em teus cabelos.
Filha, soubesse quantas vezes entrei nos espelhos
em busca de uma sombra de teus olhos sorridentes...
Nada mais encontrando que escombros, escolhos, acidentes,

Parcéis dos quais a água brotou em meu corpo.
Mas no meu canto corrente, carreando incessante
deste a outro continente em busca de teu semblante,
prossegue inteiro e seguro o amor que é teu porto,

Feito de tuas coisas guardadas em gavetas,
de um sal no rosto que de dentro me diz: bem sabes
dos afetos cozidos, da fragrância em meus dedos...

Exalando as palavras que dos dias faço seletas,
dizendo os voos com que fizemos novas unidades,
crescemos campos, plantamos flores, banimos medos.

SONETO CXX

DE UM vasto campo florido, és a última rosa branca
que regalaste a meu rosto, em nosso aniversário.
A suavidade da pétala perfumada de lábia franca,
a guerra santa em que se converte um adversário.

E peço a D'us muitas mais guerras destas:
o bom combate do amor contra mais amor,
o ruído de abraços rebentando o botão em flor,
o vasto campo florido em que habitam rosas modestas.

Sim, Amor, és tudo o que me dás e que redijo,
pois tudo o que tocaste se fez alimento sagrado.
O mar fica tranquilo e o mundo, aquarelado,

Com tuas bênçãos suaves e resumos rijos.
Tantas visões com que me brindas e curas!
A porta cujo vão se abre, a resposta que se procura...

SONETO CXXI

MUNDO feliz, vejo-te riscando em traços,
dono de minhas profundezas esquecidas,
construindo aos poucos o peito em que me faço,
já que respeitas eu permaneça em ti escondida.

És aquarelistas, embaixadores, leiloeiros...
Muitos alegres vão perdoando erros em trovas,
descobrimdo braços de ferro, palavras novas,
na amabilidade de teus gestos companheiros.

Em discussões cáusticas de ambiciosos e adúladores,
puseste uma pontuação malandra e invisível:
a linha transparente que os assusta, mas apascenta...

As promessas de uma paz com mais amores,
pedras em teus prédios de confiança o combustível,
aventuras sonhadas que a mão livre experimenta.



SONETO CXXII

(para Srta. Agatha Félix)

CONSUMIDO pelas ondas, pelas marchas, pelos apelos,
Cail, teu corpo de queda, no solo de erva-doce, capitel de acanto.
Razão fez cessar tantos brados de atropelos:
ouço apenas tua voz, só então meu violão levanto.

Quem descartou uma menina ao caminho de passos ausentes?
Quantos homens provaram da paixão de ter uma filha
e sobreviveram à pavorosa visão de sua carmesinha trilha,
tolerando um velho eunuco, de violência devasso e demente?

Nó de arbitrar mentiras: dispenso fio que a cerzideira desenrola.
Por que sobre rocha de ágata recai o que nos fere e desola?
Ela desmonta o robô desumano que tanto quis açoitar balas...

E a famílias que choram teu pranto, porque não buscamos melhores plagas?
Haja um serviço de realocar tristezas fundas de molhados suspiros...
A bairros melhores, longe de tuas batalhas contra os conflitos, em novos retiros.

SONETO CXXIII

AH, AMOR! Os infelizes fotografam o que são,
As flores murchas e as paisagens desoladas.
Não sabem da obra e reza diária de meu coração,
ostentam letargias de dores como coisas provadas.

Porque a alma infiel não pode presumir a lealdade,
o corpo mesquinho não supõe o que é generoso...
Grande punição: viver sem conhecer o gozo
suficiente do que é verdadeiro e nos agrada.

Porque todos fizemos um grande sacrifício
para conceder nossa fé de um modo puro.
Do contrário, o ser humano, inseguro,

Não voaria sobre o penhasco e o artifício.
Tu e eu, Amor, sabemos da soberba e seus furos,
muitas explicações iluminamos neste santo ofício.

SONETO CXXIV

OU A FÉ nos move, ou ela nos salva,
tê-la em demasiado jamais nos consome,
estende nossos olhos até à estrela d'alva...
E sendo manifestada, diz-se Amor o nome.

Se um erro me fez ter remédio nos versos,
por que, remediado, seguiria escrevendo?
Senão essa virtude que vai nos crescendo
para compensar dias ásperos e dispersos.

Um presente que me trouxe o universo,
reclamação comigo de um dividendo
invadindo minh'alma com encanto doce.

Clamando eu prepare novos referendos,
demonstre em lugar atemporal tua posse
após temporais nos fustigando o inverso.

SONETO CXXV

NO FUTURO, eu espero ser o que sou hoje.
Onde, como, quando, por que meio então?
Isso ainda não busco saber de antemão,
apenas de espinhos o dia me despoje.

Longe a conveniência de ser tudo o mesmo,
Não, não é isso que busco nem leciono.
Apenas digo que vivo bem em abandono.
Não é isso que me exaspera num grito a esmo.

Quem me dera, nestas páginas de pouca idade
encontrar o lugar em que afinal me buscas,
dentre tantos desacertos das possibilidades

Fosse ferrenho teu pensamento, o que não me ofusca.
Mas sou apenas eu, Amor, eu e meu baldo teclado,
colhendo em jardins dilúvios e o que resta dos meus pecados.

SONETO CXXVI

NA PISADURA de um caminho traçado, Filho,
é por onde esta mulher se esvai de força.
E sentes o mesmo, porque os teus trilhos
seguem ao meu lado, por mais que os retorça.

Sim, pesa a tonelagem de um planeta Terra,
e quem por tanto tempo poderia aguentar?
Por isso as visitas urgentes que nos faz o mar,
nos olhos cansados sem saber quem erra.

Que jamais acusemos em busca de uma vitória
as classificações de enaltecer passos pequenos,
também eles buscam algo em si que mudemos

Para dar fins felizes a melhores histórias.
Caminheemos sem nos dar muitas glórias,
aprendendo laços, inventando novos terrenos...

SONETO CXXVII

DE MEUS PASSOS cansei do andar,
fui buscar sob florestas de sonho abrigo.
Não me levava além do mesmo lugar,
suspirar deitada, falar de colibris contigo.

Encontrei novos temas e percursos:
a poesia é tudo que não tem limites.
O protagonismo do povo nos faz convite
a engenhar no corpo da amizade recursos.

Para imaginar solução cabal a olhos tristes,
vessar a terra para os rebanhos meirinhos,
estender palavras e jeitos novos de pensar,

Acalmar as copas de titubeantes pinhos.
Abrir janelas com reflexos de sol no mar,
ser dona da vontade com que me possuíste.



SONETO CXXVIII

PELO CAMINHO senti teu aroma de sândalo,
Amor, teu peito anda sempre tão escancarado...
É muita alegria compor elegias desde o teu lado,
coisas que o sono se fez suprir sonâmbulo.

Mas todos prosseguem em trajetos cismados,
com os carros e prédios e ruas e faturas...
Só esta alma retém o suspense de loucuras,
pois ecoa a disparada de teu coração alado...

Amor, digo do encontro que ainda não sabemos.
A gente tanta preparei em vão o quarto de visitas,
mas não me recordo de quem em degraus se repita,

Subindo ao recinto de amar quanto queremos.
Nestes cristais busco os olhos com que me habitas,
cordeiro de mirar desviado, meu domínio supremo.

O POEMA ESCONDIDO NOS PRIMEIROS VERSOS

SIM, QUAL MOIRA... AI, EU TE AMO, MAGNO AMOR. QUANDO É COM AMOR, É BÁLSAMO, O POEMA. ÉS COMO QUERES, É ESTE DIZER EM EMANAÇÃO. ACHAS O ÂMAGO DE TODO SER HUMANO... NÃO DEDICAREI NEM ESPERO ALGO QUANDO ESCREVO. SOBRE EXPURGOS, REFIRO-ME AOS REMORSOS. POIS QUAL SERÁ O ARREPENDIMENTO DE SE TER VIVIDO TANTO A ALEGRIA, QUANTO A REVELAÇÃO DE SEU VALOR DESCONHECIDO, AO PERDÊ-LA? EIS POEMAS INFINITOS COMO A CHUVA DE ESTRELAS CADENTES COLORIDAS, NUM CÉU PERFEITO DE ÍNDIGO ADMIRÁVEL, ONDE SE BANHAM NOSSAS MÃOS E OS PÁSSAROS FAZEM NINHOS... É TAMBÉM VERDADEIRO DO QUE SINTO FALTA, E JÁ NÃO POSSO DISTINGUIR O QUE ME RETÉM A TEUS CARINHOS: SE A FALTA DELES, SOB AS ÁGUAS NOTURNAS DE UM MUNDO CONSUMIDO... AH, AMOR! ...OU A FÉ NO FUTURO, NA PISADURA DE MEUS PASSOS PELO CAMINHO.

A. P. Arendt

SONETOS DE DELICADO CARINHO

Ana Paula Arendt —

9 DE NOVEMBRO DE 2019



“A dignidade é um valor espiritual e moral inerente à pessoa, que se manifesta singularmente na autodeterminação consciente e responsável da própria vida e que traz consigo a pretensão ao respeito por parte das demais pessoas, constituindo-se um mínimo invulnerável que todo estatuto jurídico deve assegurar, de modo que, somente excepcionalmente, possam ser feitas limitações ao exercício dos direitos fundamentais [...]”
(Alexandre de Moraes, Ministro do STF, da obra Direitos humanos fundamentais, 2016, 11^a. edição)

“La dignidad es un valor espiritual y moral inherente a la persona, que se manifiesta singularmente en la autodeterminación consciente y responsable de la propia vida y que lleva consigo la pretensión al respeto por parte de los demás.”
(Trecho do acórdão STC 53/1985, FJ 8, citado pelo jurista Francisco Rubio Llorente, em Derechos fundamentales y principios constitucionales, 1995)

“Quid quod idem ipse vos, qui hac sua dignatione tam mirifica angelis quoque praetulerat, ipsos vobis angelos custodes adhibuit, ut modis omnibus vestram inter creaturas excellentiam demonstraret. Ait nempe Hieronimus: tanta dignitatem esse animarum, ut unaquaeque ab ortu suo habeat angelum sibi ad custodiam deputatum [...]”
(Petrarca, em resposta à obra Cur Deus Homo, de Santo Anselmo. De remediis utriusque fortunae, ed. cit., p. 190–194; 198. Do ano de 1374)

*“la dignidad es algo absoluto y pertenece a la esencia”
“dignitas absolutum est, et ad essentiam pertinet”*

(São Tomás de Aquino. Suma teológica, art. 4,
Questão 42, Prima Pars, p. 411,
escrita entre os anos de 1265 e 1273)

*“Tanta dignitas humanae conditionis esse cognoscitur, ut
non solum jubentis sermone, sicut alia sex dierum opera,
sed consilio sanctae Trinitatis, et opera
divinae majestatis creatus sit homo [...]”*

(Monge cisterciense Alcherus de Claraval. In Our
image and likeness, v. 1, p. 179-199 capítulo XXXV
“De dignitate humanae conditionis”, século XII)

*“Dignas paucorum bonorum longe
excellit infinitam multitudinem malorum.”*

(Marco Túlio Cícero, Artificiosa eloquentia, 45 a. C.)

*Pela honra e amizade dos amigos e dos familiares;
e para todos depositários de dignidade humana.*

SONETO CXXIX

PREDESTINADO estás, os caminhos de Cristo
sempre se abrem para aqueles que o invocam.
Te esquivarás, mas às claras e aos olhos vistos
eu te direi: barbeia-te com a navalha de Ockham.

Se evitas caminhar com passos largos e humildes,
se tua fé é insuficiente e abandonas a ti mesmo,
Amor, tudo que teremos é abrigo construído a esmo,
as maldições terminarão num canto amargo e amiúde.

Pois é preciso dar sabor novo às coisas,
amar o que treme, dar força ao rompante:
um propósito lindo pelo qual te faças digno.

Assumir sentimentos e aspirações que poisas,
transcrevê-los em teu sábio, amistoso semblante,
ser o que não fomos: acontecimento e signo.

SONETO CXXX

ÉS como a chuva fresca no bosque,
o poder de uma gota sobre o lábio ressecado.
Tua vinha sem batalha enrosque
em meu veio ressuscitado.

És como a brisa branda,
a luz de meu dia, à noite, de velas,
os silêncios que me mandas,
comandas de palavras belas.

Muito terei lido, muito terei dito,
mas nada igual tua chuva fresca.
No auge de meu desastre aflito

Trespassa minha alma pitoresca.
Nada igual tua chuva fresca,
no auge de meu futuro estrito.

SONETO CXXXI

ONDE ESTÁ o teu sorriso?
Não o vejo há tanto tempo.
Meus pés em erva seca piso,
negro o campo de incêndio lento.

Nos teus manuseios
não deixo pegadas.
É longa a estrada
e há silêncio nos seios.

Onde está o teu sorriso?
A leveza de um contento
meio aos ódios tão concisos,

Quando estavas por dentro.
Onde está o que eu preciso?
Teu sorriso, com olhos atentos.



SONETO CXXXII

O MEU CORPO EM água solto,
às misérias de cada dia.
A falta que este bem fazia
quando o brindavas de amor envolto.

Dizendo tristeza e agonia,
a lástima de quem amava pouco.
Amor, o teu elogio desenvolto
que a mim, malfadada, oferecias...

Os passos largos com força de tuas pernas,
a palavra em trânsito e a voz ao travesseiro,
as tuas loucuras de fugas modernas,

Da magnólia branca e dos pipasseiros.
O teu sorriso sobre a memória terna
do que em cinco minutos te escrevi ligeiro.

SONETO CXXXIII

TEOS OLHOS abrem a lagoa verde e salgada
onde os peixes nadam, revigoram e procriam.
A onda luminosa de abertura fértil brada,
os rubores compassados em meu ventre fiam.

Muitos anos se disseram em pouco tempo,
arcada de labor juntos, o tiro, a nave e espada.
A gente morta e enciumada,
o silêncio de dor por dentro.

Me pediste um abraço sem costume,
o ombro macio ao teu sorriso machucado.
Mas tudo o que posso: infinitos beijos.

Lamento a falta de meu véu sem volume,
deitar-me muito longe de teu leito ao lado,
o espaço demarcado de ser o que almejo.

SONETO CXXXIV

AI, O LONGO TÚNEL ESCURO, hostil e húmido
em que minhas cordas são arrebetadas.
O gelo de rumor, as sequências de que duvido
com o outro em comboio sobre ásperas estradas.

Amor, foram tantas as minhas rodadas,
os cantos inúteis e as rosas murchas,
mas do outro lado desta parede desgastada
teus ouvidos de silêncio me pedem marchas.

E eu já não encontro mais fios,
os cardados, nem vistas ou linhas,
apenas o ar vazio e o sopro frio,

No qual se movem ao longe, com pressa, as avezinhas.
Despejaram em mim toda a ausência deste mundo
para me ver cantando triste, tomando por triste algo profundo.

SONETO CXXXV

MAS REUNISTE a loucura do canto finito,
queimaste os gravetos de farsantes na praça.
Gritando por muitos o que estava em atrito,
gozaste em mim com rezas de que tudo passa.

E eu joguei então a lavagem de resto aos porcos,
acendi velas queimadas de um pleito expresso.
As multidões loucas dançando e pedindo incesto,
nada disso os pirrentos esperavam em seus orcos.

A polícia e o soldado nos regalaram prêmios,
as palavras perfeitas celebraram em grêmios
as ondas felizes de jorrar amor nas praias.

Hoje as crianças brincam com o que temos, rodam saias,
se escondem e pulam em nossos peitos ingênuos,
o riso, o sol e a vida rebentando entre Marte e Vênus.

SONETO CXXXVI

O TEU AMOR feito de ardor concreto,
o meu amor feito de muitos cavalos.
Hoje já não mais há meu clamor direto
e os reis cavalgam em outros regalos.

Mas Nosso Amor vive e reina com cetro,
cresceu nos galhos de nossas minúcias,
no silêncio, e cuidado, e dor, e argúcia
de querer dar ao outro o que lhe é diletto.

Muitos séculos fizeram mais valioso este verso,
todavia Nosso Encontro veio antes do universo.
Luz da vida, alma com alma em nossa matéria,

Nós te sentimos, e nos fizeste esquecer da miséria:
nos levantamos febris, arregaçamos sorrisos
rumo à batalha feliz de te ver tomar posse indiviso.



SONETO CXXXVII

DIA APÓS DIA, caminho no jardim de tuas brechas.
Amor, amigo, eu vou regando o cerne de tuas raízes.
E brotam abrolhos com o verde de novas mechas,
teu corpo responde ao copo aberto de deslizos.

E vem teu fruto extante, de espigas perenes,
tão prováveis quanto o esforço de meus dedos...
Crescendo nos fatos e n'água de enredos
que entendo são solo de tua alma indene.

Amor, amigo,
pela manhã e pela tarde estão molhados teus galhos.
Não houve chuva, mas eu vim te dizer em que falho
para crescer tomos na estante deste canto solene

De frutos extantes, de espigas perenes
nas linhas carinhosas deste cabeçalho,
os títulos que te concedo porque sou orvalho.

SONETO CXXXVIII

O AMOR é meu amigo,
nisto tirei sorte grande.
Eu não me fiz de jogo, então consigo
O gozo de quem propaga e brande.

O Amor anda comigo todos os dias,
quando eu me desperto, quando fecho meus olhos,
até o momento em que será irrisório
dizer com palavras o que em meu peito fazias.

Será portanto bastante a alegria,
cumprir os cumprimentos desta longa estrada
até os formigamentos de quando haverá mais nada.

Tudo o silêncio, o fim dos medos seguro,
ter tido um amor vivido neste lago mais puro
em que nos entregamos por juras de maestria.

SONETO CXXXIX

QUERO-te ver como um tiranossauro.
(Todo homem seria um tirano, se pudesse)*
Tirados de mim teus punhos, já não exauro
teu corpo faminto e sedento em prece.

De fato há séculos foste um tiranossauro:
arrasaste outras crianças e mulheres,
incendiaste hospitais, e hoje, cisne, queres
educar falsos deuses e transtornar centauros.

És um animal metido a herói,
mas te quero ainda mais herói assim:
perigoso e medonho corróis

Uma guerra pior, a que não tem fim.
Ditadores morrem de medo e fogem a Paris,
porque vingaste no solo sagrado de nosso País.

* Abigail Adams.



SONETO CXL

O REGRESSO tocou tuas veias.
anunciar sempre se faz o fracasso.
Eu me preparei para a última ceia
e para retornar em cada verso que faço.

O sangue derramou na tua porta,
a ti levaram um monstruoso feito.
Assassinado o bandido, disseram perfeito,
e o que virá depois não lhes importa.

Levanta, Amor, recusa e rescinde
o mal que fez tombar o corpo de um prócer.
O mais sábio partiu e o meu peito retorce

De não te ver na fila para mover seu deslinde.
O sarcasmo e a estupidez vagam nas ruas
por teu silêncio relegando verdades nuas.

SONETO CXLI

EU QUERO que faças o seguinte:
Despeja abertamente essas facas!
Deixa de ser apenas mais um ouvinte,
esquece o museu e reabre a arca.

Dentro da arca, lembra o que há dentro?
Eis a muito antiga e valorosa espada.
Empunha o que muitos dizem valer nada,
e cumpre o que do Alto desceu em Mandamento.

Amor, esquece as risadas que dão de contento.
Constrói tua casa com Palavra, e não propostas.
Deixa de fora quem se vendeu por intento.

Esquece esses guardas que vivem de apostas..
E firma as tuas frases que serão fundamentos
dos serros e regueiros, dos planaltos e encostas.

SONETO CXLII

OQUE TU ME DESTES: sonetos que não são elegias,
já sabes que, tampouco, consumo biográfico.
Não há espaço na ciência para estes dias,
o combustível da alma não queima em gráficos.

As grandes batalhas merecem versos honestos,
e à tua honestidade mil versos eu cantaria,
mas tristes desfechos me levam à correria
de elevar muito mais de mil manifestos.

Porque neste ar correto é que paira a ousadia,
onde a liberdade não franqueia, cede espaço.
No pleito de teu olhar espalhando poesia:

O sacrifício de um dever frente ao desejo escasso.
E se eu digo Amor, é porque por nada mais eu faria
um veio de teus anseios para te abrir meus braços.

SONETO CXLIII

A I, O RADICALISMO que nos anima
e a vontade de fazer adversários...
Tanto a história nos une e ensina
e, contudo, menos aniversários.

Há falta de bom senso, Amor,
em dispensar doentes e os jogar na rua.
A morte virá cobrar sua fatura crua,
no portão do céu se verá o furor.

As almas lá em cima cumprirão esta promessa,
expulsarão do céu os que desprezaram a dor
de quem buscou apoio, e não encontrou medida.

Não há no céu lugar para assassinos sem pressa,
ao menos disso nos garantiu Nosso Senhor:
deixado de fora quem faturou contra a vida.



SONETO CXLIV

DESPERTA cedo com o oriente, filho de teu pai.
O suor já não se distingue de lágrimas em meu corpo.
Carrego comigo a Ketoret! Doze perfumes, despertai!
Como ESDRAS escolhido por divino sopro!

Levanta-te, porque comigo eu carrego
o carinho que me pediste em teu braço.
Veio o dever sagrado, acrisola teu aço,
deixa de lado um pouco teu emprego...

Por pouco não serão clientes, mas funerais.
DESPERTA E AMA, ó, filho do teu e de meu Pai!
Afia a espada de tua língua, aquece o vigor de teus músculos.

É como a guerra, à batalha! Muitos corpos em crepúsculo...
Confia em mim, no que não quero teus olhos vejam.
Levanta-te e age, por tua causa, para que todos se protejam.

SONETO CXLV

TENHO RAIVA da tua roupa,
da cobertura escondendo tuas fitas.
Tenho dito a ponto de estar rouca:
detesto quando outro nome citas.

Amor! Tenho raiva! Eu tenho raiva de erros!
Porque teu texto alguém não revisa,
porque não buscas as palavras que visas,
que não te importes com lixo em aterros!

Onde estão os pensamentos vastos e emoções lindas,
os teus cantos finos curando amargurados?
Teu corpo nu, o prazer que não finda,

As frases benditas por ambos lados?
Estou suada, com sede, sem vinda,
e só te quero mais teu, menos maquiado.

SONETO CXLVI

AMOR, tu me deste de volta a minha vida,
qual mãe e pai articulam felizes no ventre.
Nos tribunais vazios eu me perdia na lida,
desafeiçoada de mover-me, para sempre.

Nada mais justo, portanto, que eu olhe pela tua,
para que também tenhas gozo de retorno a casa
e não pereças na soberba de voar sem asas,
nem abandone o que te integre e constitua.

Se agitam as minhas ideias amolgadas,
as tuas corridas estancadas remindo tempo,
é porque devolvo o bem que me fizeste

Completando trajetos na abóbada celeste,
por isso estacas, ao teu redor, que empo:
para crescer vertiginosa tua videira em cada.

SONETO CXLVII

TUDO o que foi construído lamenta e cessa:
o cheiro de sangue e de morte bate às portas.
A gente correndo a ver o que mais interessa,
nas ruas a navalha dizendo o quanto corta.

Então retiraste do teu peito o meu peito,
buscaste o pomo de meu rosto em lágrimas,
e tudo o que com desgosto esgrimas
desfez em fragrâncias de canto perfeito.

A dimensão da orbe e o gesto futuro,
a flor brotando em botão de ser regada,
retribuição de ter percorrido escadas,

Em busca de força para teus olhos puros.
A alforja de tantas melodias alcançadas,
este latíbulo sobre lava de nosso amor escuro.



SONETO CXLVIII

NOS TEUS BRAÇOS aéreos, esta voz diáfana
todos os dias nos murmurando ao ouvido,
o cheiro de lírio e alecrim sob os pífanos,
colhendo o nosso corpo de pesadelo doído...

O teu abraço é do gesto gigante o meu centavo
contra a racionalidade material aparente.
Muitos preferem a certeza de ser escravo,
a desviar o cotidiano para um rumo diferente.

O deserto no qual nos entregamos à providência,
eles dizem, é entregar-se à pouca sorte.
Mas é assim, a liberdade e a independência:

Um deserto com o teu abraço contra a morte.
Eu me confiei à via sábia de querer, Cristo ventura,
ao invés de perecer em poeira perdida na própria moldura.

SONETO CXLIX

SIM, EU TAMBÉM me vi tomada pela tristeza,
é um lamento imenso uma vida subtraída.
Mas ainda não tombei nem ergui defesa:
a tristeza está lá, e eu sigo com voz havida.

Houve momentos piores que esta pandemia.
Lembra-te, Amor, de quantas guerras?
Ao menos hoje nesta renovada Terra
os povos se unem buscando harmonia.

Pois então é triste, e eu tenho sim, chorado,
fechado os olhos em momento de suspiro.
Mas lembra-te, quando estiveres emocionado,

Que é meu o sofrimento, sob a tenda de teu retiro.
Seja forte, muitas virtudes também vão surgindo
de não temer a morte, e viver de um modo lindo.

SONETO CL

NÃO PRECISO SER de sair para fugir de si mesma.
Faz muito calor, mas lá fora está mais quente.
Habituada à quarentena e a muitas resmas,
com a minha loucura já lido permanentemente.

E tu, como fazes, para seguir a vida com leveza?
Não me diga, se o tempo passa com outras pessoas.
Mas se comigo tuas horas e momentos amontoas,
registrarei bastante em verso, Leitor, a tua gentileza.

Estou a pensar ideias novas, contendo menos certezas
do que o dizer da língua, da multidão com pressa.
Montando o que me parece juntar muitas peças

Que expliquem este passado de involuntárias defesas.
Se um homem de cultura vasta toma um amor por flerte,
o que mais tu farias, se a história ao inverso se repete?

SONETO CLI

ASSIM, escrevo um tratado de nossas limitações.
Mas não é um texto para demarcar terras,
nem para autorizar bombardeios como retaliações:
um resgate a teu gosto ímpar, que nos encerra.

Não que houvesse muitas e diversas opções
de poetas para devolver o que tanto necessitas:
nem muitos interessados em saber o que palpitas.
Amor, Amigo, contigo encontro as minhas razões...

Para te dizer o que à gente hoje muito irrita,
mais do que minhas rimas em versos desditas,
o que depois de ter tanto pensado, revelou-se.

A falta de enxergar limitações, o limite que fosse,
preveniui tanta gente de prosseguir navegando no intento,
ao invés de desviar e seguir viagem, aproveitando o vento.

SONETO CLII

POIS és um destino inafiançável,
o especialista em mover meus dedos.
A fonte luminosa que transborda afável,
a cura instantânea de muitos medos.

És sentimento que me prende todo dia.
E, ainda que eu busque libertar-me,
nada é mais suave que o teu charme,
de modo que a ti retorno como deveria.

Por vezes desejo eu tivesse outra pessoa,
e talvez tenha, não caberia ao Amor saber,
embora conquistaste esse inevitável poder em crer.

Mas tua soberania de fato não me pesa e é boa,
Há algo maior e sublime em me deixar ser domada.
Surpresas diletas encontro contigo nessa caminhada.



SONETO CLIII

A TRAVESSO UM GRANDE DESERTO humano.
Há relâmpagos, e não chove: tenho sede.
Pela noite, longas horas contra o profano,
combate espiritual ao que não procede.

E então, de coração partido com a seriedade
que o mundo me ensinou a reter sozinha,
vens com palavras de que sou só minha,
as linhas que celebro com boca de verdade.

Contudo, como o sol sobre o solo a vida espalha.
Também em mim há os efeitos de tuas falhas
e brotam então livres, os livros de muitos sonetos.

Porque amo ver os teus rumos e os teus acertos
feitos na íris de um arco perdido de névoa em poeira:
desta água saída de pedra, deserto e abismo, barreira...

SONETO CLIV

PARA CADA FALHA, um soneto de meu peito ferido,
e sinos, sextas, seios, seiras
para recolher frutos em festas, freios em feiras,
de fé num propósito, por ele redimidos.

Saberá o Amor que o ano veio?
No dia em que o entregaram em minha porta,
surrado por ser demasiado ligeiro.
As minhas lágrimas, o que importa?

Antes surrado e vivo, Amor.
Foi muito triste meu aniversário.
Sair fazendo o trabalho de mesário

A ver se mudava a dor em qualquer coisa,
teus olhos hoje perdidos em milhares de loisas.
E que posso fazer senão cuidar do Amor.

SONETO CLV

COMO ALGUÉM PODE trair um poeta?
A poesia não se trai jamais.
Continua produzindo sons de canção modesta,
como a criança, a paisagem, os animais.

Não se pode trair a confiança
de uma poeta que nem em si confia.
Portanto aguarda, Amor, nascerá o dia.
E trair-me, de novo, cansa.

Amanhã poderás novamente atribuir a mim teus erros
e eu poderei de novo apaziguá-los.
Poderás procurar em mim cincerros,

E eu poderei massagear, leal, teus calos.
Não há outra Constituição, Amor, se assim requerem,
apenas vão caindo, dando graças, os que desferem.

SONETO CLVI

É TÃO BOM te ver
depois de longo lapso
de tempo sem dever:
problemas e colapsos.

Como é bom te ver
tranquilo e comunicativo,
passando fatos no crivo
de um suave bem-querer.

Como é bom te ver
depois de um mês confinado
e no início de uma quarentena

Teu novo modo de ser,
sem olhos revoltados,
juízos, sarcasmos, nem safenas.



SONETO CLVII

MAIS UMA MANHÃ nos vem de presente
que a vida concede, preserva e enfrasca,
em tinta serena de meus pássaros contentes,
e é uma manhã nossa de domingo de Páscoa.

O meu braço após teu braço são mesmo Corpo.
Vão se alternando, a anotar distintas vozes
pedindo um mundo menos triste, com menos algozes:
em nós, o mesmo combate ao cal de um corso.

Não seremos nada mais no futuro,
porque, muito antes, sempre fomos.
Por isso, Amor, a vida é uma festa

Para a qual não foram convidados os duros
corações de pedra, em seus próprios domos,
Apenas estes de carne, em que a chama resta.

SONETO CLVIII

É S louquérrio e azado.
Um único vislumbre de perto,
e desvio o meu rosto machucado:
o espelho de minha alma aberto.

Apenas uma promessa no ar velada,
uma suspeita de ser em longo alcance
o amor que nada obrigue nem canse,
mas existência sem pressa em morada.

Comovida eu vejo a relíquia de minha imagem:
da arte de se renunciar e perfazer atrelada,
sem saber ao certo o que te move tanto,

Se é a tua falta de ser gestos ou então meu pranto,
tua escassez de afetos ou minha mirada,
que nos diz a distância é uma vontade de mensagem.



SONETO CLIX

ANTÍDOTO para a fumaça de encanto ligeiro,
teu rosto permanente de amor irrestrito.
Eu me visto de teu corpo passarineiro,
cobertor de flanela ao qual me permito.

Ame! Até que o despir incompleto
seja a causa de teu desejo e inércia,
de tuas mãos seguras sem controvérsia
sobre o ardor da pele com eixo correto.

Cavidade em superfície e calor de entranha,
esta alvorada confusa de carinhos e méritos
para fazer com ar leveza e saciar o inquérito

Que faço de teu propósito, sorriso e insânia.
Formigamentos de prêmio, abraço em estrada
na busca de oxigénio e amêndoas em beiradas.

SONETO CLX

NÃO TE PERCAS sendo escravo da vitória.
A obstinação não te construa altares de poeira
onde se elevam esperanças de falsa glória,
brindando desgraça em manjares com sujeiras.

Dia após dia vais buscando outro êxito,
até que o final do túnel revela um caminho
longo e escuro em que gastou sozinho
a vida em pretextos e deveres que hesito.

Muito melhor é escrever o próprio enredo,
Amor, a vida linda!
O sol espreado desvairando medos,

O peito de luz nunca finda.
Satisfação e torpor após ser vencido:
por ter tudo dado, e por amor servido.

SONETO DO AMOR DE AMIZADE (CLXI)

VEM PELA NOITE a tua face acesa,
cura meu corpo de dores esfacelado,
meus braços doídos de pouca destreza,
velando o sono de meu cílio agitado.

No mundo a fúria e o pouco caso,
consultam e culpam os voluntários:
seiva de um abandonado herbário,
selva a crescer rebelde e ao acaso.

Quando irá cessar essa pouca mágoa
em que o dobrador insiste pelo certo?
Quando irá chover livre a sua água,

E virar a lágrima de nosso canto aberto?
Aguardo com choro de pura esperança
um coro de afetos que sejam a mudança.

SONETO DA NOITE FRESCA (CLXII)

(para meu Filho Tomás Antônio)

A NOITE É CALMA, escura e fresca,
Aos sóis no céu nos aplacam distantes.
As nuvens nunca são como eram antes,
durante a terra sopra e o jardim cresça.

Também teus olhos são fundos de orvalho
que a noite junta ao meu corpo em seresta.
Se bem longínqua estrela, o tino que me resta,
jamais iguais tuas paisagens que agasalho.

E cresces forte, sob a salva de luzes
que convoco a Deus para abençoar-te,
fragrância de pinhos que em muitas partes

Perfumam a vida no canto que traduzes,
o vasto, imenso campo que fizeste encarte
de todas minhas linhas, melodias e anacruses.

SONETO CLXIII

(para meu Filho João Davi)

DISSESTE A CIDADE é o céu estrelado,
o lugar fraterno em que os sóis brilham.
A terra azulada destes montes calados,
os fios pontilhados que nos cantam e estribilham.

Também este gramado em que teu coração pulsa
está salpicado de botões com fortes cores
como a cidade que desabrocha caindo flores,
cedendo os momentos que o vento avulsa.

Para cada segundo de minha ausência,
todos os segundos em tua presença eu te dedico
tão intensos e infinitos quanto aqueles em que fico

Recobrimdo e descobrimdo do amor a tua ciência.
Igual faço hoje contigo, quando pequeno eu te cobria
com um manto pela noite, com meus beijos pelo dia.



SONETO CLXIV

(para minha Filha Catarina)

EM LONGA TRAJETÓRIA, meu olhar mira,
para lançar em éter airoso esta rosa,
de saber sentir tua alma e o que ela aspira,
sem dizer palavra, rima, salmo ou glosa.

No vale inclino ao longe esse trajeto,
e nele corre o som de uma mensagem
deitada em uma memória, faz viagem
até janela em luz de amor completo.

Nas mãos querendo coisas deste afeto,
riscando linhas, provas por fé desenhadas,
dores que fazem soar as tuas chamadas,

Nos campos, na brisa e nos mares prediletos,
abertos nos livros de sonho, com muitas tarefas,
com trilhas e novos caminhos, não mais com nefas...

SONETO CLXV

(para la enseña Argentina)

ERES COMO EL CIELO azul con nubes blancas,
una cosa muy común de cada día,
algo que decirlo yo no sabría
sin mirarlo el cuanto de común me encanta.

La nube tiene formas un tanto inciertas,
el cielo es inmenso de sus horas vagas,
pero es nube de pájaro vivo y polvo de agua,
pero es cielo de me abrazar con flor abierta.

Algo por encima de mi cuerpo y frente caída,
verdadero porque se cumple lo deseado.
No hay la lluvia que me lo prueba concretado,

Sino mirada que hace esta tierra a él atañida.
Eres como el cielo azul de nubes muy blancas,
cosa más grande que me sigue y recubre franca.

SONNET OF AN OLD FRIENDSHIP (CLXVI)

I JUST LOST the sonnet I was about to write
on the spread of wings, and of dreams we must.
From your smile in a suit black and white
came the edge of a sting, in my heart it has burst.

Over my bosom, a painting among dust:
the space books open to warm us and tell
a study on how to overcome such hell
of forgotten means to give and to trust.

And what is the reason for dedicating life
to findings of feelings, and notes of sorrow
if I could not move widely, and open tomorrow,

Spending my thoughts to overcome strife,
sending my ears while honing your blade
and searching for why we made things we made.

SONETO CLXVII

DELE NADA TENHO a dizer,
que antes já não tenha dito.
Eis minha natureza de ser,
a maneira com que me repito.

Nada mais tenho a dizer,
impressão que não tenha escrito.
Centenas de manuscritos,
sem dúvida de mais crescer.

Nada além vai desdizer
os muguets que te dei em rito,
bênçãos ligadas sob o infinito,

Poema que estou a escrever.
Alguns mais te fariam crer
num amor cansado e irrestrito?



SONETO DA MESMA CASA DE MINHA MÃE (CLXVIII)

MAS TUDO PERMANECE com o mesmo gosto.
Tó aqui uma fatia de bolo açucarado,
com um beijo estalado no teu rosto,
bem ligeiro, de já ter muito beijado.

Tudo permanece com o mesmo cheiro.
Eis aqui o meu perfume de ir à sesta,
com nariz no teu nariz e testa a testa,
coisas ditas sem palavras por inteiro.

De presente quero mais lágrimas e mais Filhos,
ainda que sejam os mesmos, em dobro de tempo
dizer com alegria dos meus tantos sofrimentos

De encontrar tuas coisas velhas e adeus à porta.
Tantos momentos de sempre, e o que importa?
Mesma chama, e por isso há nos olhos brilhos.

SONETO CLXIX

OS ANJOS ME SOBREVOAM a caverna de mármore,
onde crescem ao redor a sálvia* e as monardas**.
Escondo-me entre zimbros*** nos galhos de árvores,
distante dos que buscam segredos e vanguardas.

Eu te vejo sem minha guarda, além de meu alcance.
Repetes gritos de guerra e espocas de astúcia,
em nome de ferir com lança e pancada vespúcia,
queres aumentar de uma vitória tua chance.

Sobre a pele da gente não mais lâ, deiscências,
provocadas pelo manejo vil da boa espada
O poder como expressão de cusparadas,

Pequenas corrupções cumulando indecência.
Denuncias as de outros, negas saber ciência,
Dizendo as de teus amigos chagas desculpadas.

* Sálvia: “O nome científico da sálvia deriva da palavra latina *salvare*, que significa ‘intacto’, ‘sadio’. No Egito antigo, as mulheres consumiam suas folhas em forma de suco, para estimular a fertilidade. Para os gregos antigos, a planta possuía diversas propriedades, inclusive a de evitar o desgaste da memória. Na mitologia, a sálvia era dedicada a Zeus, o rei dos deuses do Olimpo. Considerada herba sacra (erva sagrada) e símbolo de virtude doméstica, era empregada

na defumação de dormitórios para atrair bons sonhos. Para os romanos, a sálvia só poderia ser colhida se a pessoa estivesse vestida com uma túnica branca e descalça. Na Idade Média, os poderes da sálvia eram descritos num famoso provérbio que dizia: ‘Cur morietur homo cui salvia crescit in horto?’ (Por que morre o homem em cujo jardim cresce a sálvia?) Seus efeitos curativos sempre foram bastante propalados em toda a história. Os druidas diziam que essa planta tinha o poder de ressuscitar os mortos. Os xamãs também a usavam para transcender a condição humana e prolongar a vida”.

** Monarda: “De aroma similar à bergamota, conforme a lenda traz fertilidade às mães”.

*** Zimbro: “Na Idade média, acreditava-se que os frutos do zimbro, também conhecido como junípero, afastavam as cobras e serpentes e protegiam as pessoas contra o ataque de bruxas – talvez pelo fato de os frutos trazerem consigo, de várias formas, o símbolo da Trindade. Citado no Antigo Testamento, a árvore do zimbro foi refúgio do profeta Elias, na época em que a planta era utilizada contra a peste e as febres epidêmicas. Dedicado à Nossa Senhora, o zimbro tem uma bonita lenda relacionada à Família Sagrada. Quando Nossa Senhora fugiu do Egito com o Menino Jesus, os soldados de Herodes estavam tão próximos de capturá-los que Maria, desesperada, escondeu-se entre as árvores de zimbro para esconder seu Filho. A árvore teria aberto seus galhos para acolher os fugitivos”.

Fonte: Guia A-Z de Plantas. Condimentos. Paula Negraes, com ilustrações de Monica Negraes.

SONETO DE BOAS VINDAS
A UM NOVO AMIGO (CLXX)

EGOSTO de tuas boas palavras,
da tua humildade ao lado dos homens.
Munido de sonho, por teu futuro lavras,
e tuas respostas me dizem pés jovens.

Não há asperezas nos teus ciúmes,
apenas uma cor veste o teu corpo...
Nos movimentos do mundo, teu olhar absorto
em busca de montes que convidem aos cumes.

Estou nos rios deitados, entre margens navego
correndo ao mar apressados, a eles prego
permanecer no mesmo curso, encharcar beiras,

Nutrir de água doce o mundo, molhar as leiras,
fazer nos vales e nos campos mais verde paisagem,
onde possa caminhar alguém de tua graça e imagem.



SONETO PELA VIDA DE UMA SÓ PESSOA (CLXXI)

DO MUNDO INTEIRO há rezas pela tua causa,
Mas espere! Agora também reza o mundo futuro.
Nestas linhas muitos olhos vão fazendo pausas,
porque isto aprendi de um nome teu bem seguro.

O mundo inteiro a uma só pessoa se dedica
sem saber por que repete em rezas a tua leveza.
Agradece sem o saber, porque com igual presteza
uma só pessoa lamentou ao vislumbrar Guernica.

Assim, para que o mal da guerra nunca mais se repita,
ora o mundo inteiro, por tua pronta cura, maior fortaleza,
dizendo a uma só pessoa o quanto é importante e bonita,

Uma só pessoa, face ao mundo e sua imensa grandeza.
E muitas mais salvas, porque uma só pessoa se dedica
a um mundo de sanha furioso, por sua maior delicadeza.

SONETO CLXXII

FADADOS ESTÁVAMOS à rigorosidade de Récia e Lindelícia*,
ao fanatismo de gente régia, às refeições sem delícias.
Tínhamos intransponíveis decepções, o mesto cansaço,
anos de desilusões montadas no deserto com mormaço.

Amor, Amigo, tudo era silêncio na minha boca de fruta amarga.
Dia após dia minha língua imóvel, os protestos de ignorância.
Tudo perdido, a vida escoada em mais uma última instância,
viver sem esperança, com a aspereza que nos embarga.

Mas, depois do campo de devastação com asa negra,
chuva de mar veio limpar com sal e espuma este espaço
do teu monumento imperecível de minha lágrima,

Do encaixe de teu pescoço em meu antebraço.
Tudo como no primeiro dia, a mesmíssima lástima
com que desvelaste com rosto nossa alma íntegra.

* Umberto Eco, História das Terras e Lugares Legendários.

SONETO CLXXIII

A SOFRER, envio-me logo ao deserto:
para viver é preciso ter esperança.
Aqui não há festas nem convivas por certo,
apenas o que trago comigo de lembrança.

Deste deserto humano eu te envio amor explícito,
as reflexões de minha paixão e sentimentos.
Não porque fizeste algo por meu livramento,
mas por ser onde repousa o meu clamor de espírito.

E assim, por tua voz embalada, em braços seguros
eu transito pela madrugada, cercada de sonhos, muros
cuja porta há muito tempo se perdeu a chave,

E se indagado o teu nome ressurjo alárave,
para dizer o que tenho como ideia e resposta
aos caminhos de futuro: a lealdade exposta.

SONETO DA INDEPENDÊNCIA (CLXXIV)

FIZESTE ALGO QUE mudou a latinoamérica,
tingiste de ouro e veio brilhante os ponchos rústicos.
A veia no Prata já não é mais uma via periférica,
em rochas e praias, há conchas de ouvidos acústicos.

Entre as pessoas que se amam
não existe nenhuma distância:
as naus vindas dos sumos cáusticos epigramam
âncoras com as guindas de sua própria ânsia.

Assim cada povo segue manso em seu imenso canto,
os encontros erguem da vida o nobre estandarte
cada um buscou fazer o busto de sua própria parte,

E o resultado foi ter secado a fonte do pranto.
O que fizeste, Amor, foi cintilar em palavras modestas
o ânimo que nos faltava para confeioar dulçor e festas.



SONETO CLXXV

RETORNA AO MESMO PEITO, a minha mão ferida,
Rasgada como o fio de interrupções no presente.
Mesmo assim, o teu amor entrecortado na lida:
nas vias de calor glaçadas, torpor de gelo se ofende.

Mas és prato sagrado no qual disponho alimento,
tens uso e propósito diário do que deponho:
na pobreza de quem vive para realizar teu sonho,
pois quando não nos servíamos, solidão e tormento.

Em minhas mãos, fidalgo amor a ti despacha
para que não se canse do serviço de ser meu,
e se alegre: tua dona, a poesia, não morreu.

Peço a guarde onde a amargura não nos acha
e o ressentimento do vento sul nos perde:
em nosso templo de beijo azul e abraço verde.

SONETO CLXXVI

OFLAGELO DE adornar louvor aos ímpios!
Sim, Amor, assim é que sabiamente sou recusada.
Mas tu não pudeste dar as mesmas risadas.
E agora como faço para resgatar-te a versos límpios?

Clamei a D'us e chamei ao mundo inteiro,
que já não podes mais sentir o que digo,
não porque deixei de rezar a teu padroeiro,
mas porque te raptaram sem brigar comigo.

Eu tenho pensado em como te trazer de volta,
aos campos vestidos de lírios, rosas e jasmim,
sem negociá-lo como um artefato velho e ruim,

Sem ameaçar nas ruas, nem causar reviravoltas.
Por isso eu me desgasto, adoeço e me martirizo
em busca de forças, emplastos e pretextos precisos.

SONETO CLXXVII

VIVER SEM TI não posso,
ó, liberdade de meus caminhos!
Sem passo teu ser passo nosso,
insanidade seria andar sozinhos.

É preciso cogitar muito fuso,
Amor, Amigo, nesta vida sem trégua,
em sono adormecido por réguas,
te acometeu de me ver confuso.

Retorna! Acorda! Desperta...
Deixa esse transe de homem subjugado,
sendo vítima de desterro, por ser usado

Do seu próprio promontório por juízo obscuro!
Retorna aos teus anseios de Justiça seguros,
pois tudo o Amor constrói, convém e conserta...



SONETO CLXXVIII

É MAIOR QUE A TUA vontade de ladeira,
o meu direito à privacidade erga omnes.
Portanto estão nas mãos de rendadeiras,
fios noturnos cantando versos insomnes.

Elas me dizem sons de teu teclado,
onde anotaste o meu peito ferido.
Da câmara onde irreprimido
tocaste a dizer reinados.

Eu não sei se vão devolver o que foi mais roubado:
a honra do teu sossego,
o prédio do teu passado.

Mas tens sinais ciprestes de meus chamegos,
os morcegos fugindo de momentos assustados,
de não saber quitar um perigoso descarrego.

SONETO CLXXIX

AUSÊNCIA livre, de meus notórios fracassos,
Aimporta qual coração bate em meu peito?
Sim, pois se não for o teu, não bate direito,
em outro volume não se reúnem meus estilhaços.

Renuíste a compaixão consigo mesmo.
Na tua boca, plantaram palavras mortas!
O que me dizes, será que te importas?
E obrigado segue escrevendo a esmo.

Mas gritaste uma última coisa.
Foi tão imenso o teu último brado!
Antes que fosse o teu corpo tomado

Pelo pó liso e cinza que a mariposa poisa.
LIBERDADE! Clamaste o completo sentido!
Do que nos seria tomado, do que nos seria perdido.

SONETO CLXXX

POR ISSO TE TENHO, porque isso me atinge
mais que aos nomes de prestígio e apelo.
Sob a pele de veia púvia me provocas gíngie,
pois descobro quem és e de onde vem este zelo.

Vem das gotas escorrendo pausadamente em vidros,
das árvores sobre a curva azul do pináculo
de estrelas girando amanhã de espetáculo
das aleuias revoando desde arbustos de cidros.

Tudo que te envio me devolves em veludo,
com sorrisos excitados de tuas mãos inquietas.
As dúvidas cujo vago me resolves em mudo,

Nos sirgos de em vão ser mais de tua poeta.
Por isso te tenho, porque te envio nestas cartas
o amor que de ti recebo, tuas verdades fartas.

SONETO DE CAMINHAR NAS RUAS DE São PAULO (CLXXXI)

SOB O TEMPO SEM DEMORA é que te amo,
porque de vigor espontâneo antes me amaste,
e tudo agora quer ser de novo como o ramo
do qual brotou a completude, em contraste.

Tudo em mim quer voltar a ser no teu corpo,
isolado na atmosfera dos golpes de ruído.
E apenas tua voz sobre meu grito corroído
faz metempsicose ressonando em dorso.

E a chuva dispersa vai consolando o mundo,
de tudo ser disposto segundo outra vontade!
Daí vem ser criança, declarando amizade

A tudo que não prosperou ser de si oriundo.
Assim, a porta de minha casa é livremente aberta
ao frescor de tua umidade que meu amor desperta.

SONETO CLXXXII

ME FAZES VIVER DE SÉCULOS, de memória de nuvem,
do momento que tragou nosso peito e não passa.
Me trazes espéculos, que sobre esferas se curvem
até fazer na alma o que no corpo também faça.

Quem nos mostra o céu de fogo,
quem nos fez arder a noite escura?
Quem é o nosso mistagogo
que nos faz buscar no amor a cura?

E me dirias, Amor, que é apenas sombra
de algo vivido, retido em grito passado.
Mas são estampas da mesma alfombra,

O que vês por dentro e eu do meu lado.
A vida o campo onde se celebra enredo imenso:
a sombra nos teus olhos, o que teço e penso.



SONETO CLXXXIII

COM A ALMA TRESPASSADA te vi arrastado
pela vaga marítima sem sentimento,
pelos dedos ordenando e dividindo lados.
Ai!, Amor, nenhum vigor, te comento.

Todas tuas coisas dominadas pelo ego alheio.
E nas linhas não correm mais as tuas cordas...
Também eu percebo que não mais me acordas,
de boa fé sequestrado pelos praticantes de arreios.

Eu passei dias no deserto sem viveres, sem sono,
para isto: um soneto vago e sem entranhas.
E mais organizado, ele me diz que tu apanhas

Frente a uma lucidez que engenha monstros.
Mas ainda prefiro escrever o que eu demonstro,
com saudade de alegria dos teus passos de colono.

SONETO CLXXXIV

POR TUAS CHAMAS ateadas eu me deixo,
para queimar a substância ardente em que te fazes.
Aquilo que em tuas entranhas move teu eixo,
sem o que não poderás concluir consigo as pazes.

Tudo leva mais tempo, desde a tragédia,
e por isso temos mais tempo, para fechar os olhos,
carregar o mundo que chorou contigo e a média
dos que reclamam por uma cura, bálsamos e óleos...

Um pedaço de cada pessoa tornado em cinzas,
uma página de cada livro destruída, arrancada
mas isto cravou vera marca e forjou tua morada,

Te tornaste o patrimônio nosso, vivo!
Um homem que nos resume, de amor altivo:
Para que de povo e monumento ao redor cinjas.

SONETO CLXXXV

DEIXAI OS LÍRIOS NO CAMPO!
Eles não são para uma mesa de luxo,
onde os corta para enfeitar o fluxo
de palavras ditas para ouvir um grampo.

DEIXAI OS LÍRIOS NO CAMPO!
Eles não são para uma oficina cara,
feita de tempo sem dizer cara a cara,
de palavras ditadas sem sentimento franco.

DEIXAI OS LÍRIOS NO CAMPO!
Ai de ti, que corta os lírios que plantei
em propriedades alheias que dizes ser tuas!

Deixai os lírios no campo.
Lá, onde eles erguem tudo o que sei:
o canto do mesmo sonho, as fases de nossas luas...

O POEMA ESCONDIDO NOS PRIMEIROS VERSOS

PREDESTINADO ÉS, ONDE ESTÁ O MEU CORPO
EM TEUS OLHOS. AI, O LONGO TÚNELE ESCURO!
MAS REUNISTE O TEU AMOR DIA APÓS DIA. O
AMOR QUERO, O REGRESSO EU QUERO, AO QUE
TU ME DESTES. AI, O RADICALISMO DESPERTA!
TENHO RAIVA. AMOR, TUDO NOS TEUS BRAÇOS!
SIM, EU TAMBÉM NÃO PRECISO SER ASSIM,
POIS ATRAVESSO UM GRANDE DESERTO PARA
CADA FALHA. COMO ALGUÉM PODE? É TÃO
BOM, MAIS UMA MANHÃ. ÉS ANTÍDOTO. NÃO TE
PERCAS, VEM PELA NOITE, A NOITE É CALMA:
DISSESTE A CIDADE EM LONGA TRAJETÓRIA. ÉS
COMO O CÉU AZUL QUE ACABA DE ME ESCAPAR:
DELE NADA TENHO, MAS TUDO PERMANECE.
OS ANJOS ME SOBREVOAM E GOSTO DO MUNDO
INTEIRO. FADADOS ESTÁVAMOS A SOFRER. MAS
FIZESTE ALGO QUE RETORNA AO MESMO PEITO.
O FLAGELO DE VIVER SEM TI É MAIOR QUE A
AUSÊNCIA: POR ISSO TE TENHO. NO TEMPO
SEM DEMORA ME FAZES VIVER DE SÉCULOS,
COM A ALMA TRESPASSADA POR TUAS CHAMAS.
DEIXAI OS LÍRIOS NO CAMPO!

A. P. Arendt

SONETOS DE PURA ESPERANÇA

Ana Paula Arendt —

16 DE MARÇO DE 2020



*Para todos os homens de honra,
estes causos de um peito altruísta.*

*“Turning and turning in the widening gyre
The falcon cannot hear the falconer;
Things fall apart; the centre cannot hold;
Mere anarchy is loosed upon the world,
The blood-dimmed tide is loosed, and everywhere
The ceremony of innocence is drowned;
The best lack all conviction, while the worst
Are full of passionate intensity.”*
(William Butler Yeats, 1865-1939,
The Second Coming)

“Nada distingue quizá tan radicalmente a las modernas masas de las de siglos anteriores como la pérdida de la fe en un Juicio Final: los peores han perdido su temor y los mejores han perdido su esperanza. Incapaces de vivir sin temor y sin esperanza, estas masas se sienten atraídas por cualquier esfuerzo que parezca prometer la fabricación humana del Paraíso que ansiaban y del Infierno que temían. De la misma manera que las características popularizadas de la sociedad sin clases de Marx tienen una ridícula semejanza con la edad mesiánica, así la realidad de los campos de concentración a nada se parece tanto como a las imágenes medievales del Infierno.”
(Hannah Arendt, 1906-1975, Los orígenes del totalitarismo, p. 600)

“The fundamental cause of the trouble is that in the modern world the stupid are cocksure while the intelligent are full of doubt. Even those of the intelligent who believe that they have a nostrum are too individualistic to combine with other intelligent men from whom they differ on minor points.”

(Bertrand Russell, 1872-1970,

The triumph of stupidity)

SONETO CLXXXVI

NÃO PODIAS FICAR em teu campo,
tinhas que saltitar por outros prados,
percorrer as distâncias de teu tempo.
Devias ficar em casa, mas fugiste.

Quiseste dominar tudo o que sol estende,
como se as terras fossem todas tua propriedade.
Plantaste rosas nas praças e árvores frutíferas,
para dizer que tudo que tua mão toca é puro.

Agora que estás no templo em que tudo some,
e me perguntas que tamborim dirá a clave
em que dançará o teu peito complacente,

Amor, eu te direi que não danço nem canto a esses
que encerram as rimas dos cânticos de minha morada.
E abres teus braços me convidando ao topo desse monte...

SONETO CLXXXVII

DISSESTE O POEMA é a rosa branca que
não foi colhida no campo a tempo,
que nada pode silenciar suas pétalas
nem o aroma guardado para quem o busca.

E eu te digo que és a escuridão da noite
em que a lua se levanta feliz e serena,
dizendo as nuvens e as estrelas:
tudo o que envolve a rosa sem dizer nada.

Culpa, medo, tremor, tristeza, raiva, injustiça,
querem desonrar o mundo de teu suor diário,
no pão que preparas sob a noite em meu colo,

Para dar melhor sentido ao fogo que te queima.
Mas nenhuma causa será jamais melhor que a tua.
Por isso, Amor, fica tranquilo: cedo ou tarde vences.



SONETO LONGO DOS PUNHOS DE RENDA (CLXXXVIII)

SOBRE A MESA redonda onde há reis e homens,
Sim, ali já te diminuem diante deles, dizem teu erro leve.
Mas a eles confessei a inocência é um crime irreversível.
Desde então, todos já te olham abismados pelo teu senso.

No castelo de jardins calculados, Amor, Amigo,
também todos os olhos comigo se levantam amargurados:
o roubo do presente que me deram, e mais me deram!
As espadas de lis todas habilitadas para te tomar de volta!

No mar de âmbar, sob a roupa espessa de bordados,
ali se posta meu rei favorito diante do tabuleiro.
Todos os árabes em cálculos de símbolos jamais vistos
me comandam para sentar diante deles e derrotá-los!

Já os prados azuis em que nascem os homens
despontam pela manhã cedo me dizendo: coragem.
Com eles não temos certezas, apenas da paixão completa:
o que se erguerá, cedo ou tarde, de ser maior homem.

E onde o sol nasce mais cedo, nos palácios cinabres,
as notas longas de um único soneto, remetido mil vezes,
Amor!, também o camponês triste no campo onde cresceste,
deseja tua amizade de volta, o teu resgate!

Há mais! Há muito mais emoções nos peitos silenciosos
de tua armadura, sem despertar a tua incredulidade,
para que não te desvies da fé absoluta em si mesmo,
para que te esvazies de vaidade e te preenchas de senso.

Assim, sobrecarregada de estrofes, de votos e de santos,
já tens, Amor, tudo o que poderia te salvar e te salva,
e te entrego: mas nada disso posso adornar em tua égide.

Porque te prefiro assim, cordeiro trêmulo e sem mancha...
Para decantar a política dos ódios, vícios e miragens,
para despojar, sendo Minha Pátria, do meu País a loucura...

SONETO CLXXXIX

ESTABA MUCHO OSCURA la noche en que yo miraba,
estaba la lluvia sobre el campo de cuerpos partidos.
Pero del día novamente me constaste la alba,
mientras yo no bebía agua ni comía el pan dormido.

Me diste la idea! De no cambiar a la gente,
sino sus moradas, sus campos y caminos!
Si! Ahora sí voy encontrar la estrada enfrente,
cambiando estepas hacia el pecho de mi destino.

Ahora que la rima está de vuelta,
mientras muchos se entregan a sus códigos
voy a decirte tantas colores de mucha fiesta,

En la que retornan todos hijos pródigos:
las de mi sinceridad cavalgando suelta
bajo los lirios, las ratamas y las giestas.



SONETO DA SITUAÇÃO DO MAR HOJE (CXC)

A ÁGUA DO MAR é salgada em toda parte,
e apenas um pequeno punhado dela
me diz oceanos do planeta inteiro.
Os seus brilhos amolecidos estão puros.

Assim consigo ver que estamos em rasos,
o meu pé machucado no coral de peixes.
Achei que estávamos mais longe da praia.
Eu perdi meus óculos enquanto lançava a âncora.

À esquerda o legado arenoso de silte dourado,
à direita os seixos arredondados receiam perfeitos.
E em toda parte, aqui e acolá, os pássaros cantam,

Dizendo as suas opiniões sobre o dia e a noite:
uns dizem que o meio-dia merece uma fogueira,
já outros dizem que a noite deveria ter mais lua.

SONETO DA SITUAÇÃO DO MAR DE ONTEM (CXCI)

ONDE EU ACHO ESTAS PALAVRAS, tu me perguntas.
E não sei o que te respondo, quando sou teu silêncio.
Eu as tiro detrás da tua orelha, aqui estão.
Foste tu quem me convidou a fazer um soneto!

Onde estamos?
Eu não faço ideia porque perdi meus óculos
enquanto ríamos de não conseguir puxar barco tão grande.
Foram muitos dias intensos ajustando mapas e o leme.

Ao longe vem a tempestade em tua mão direita,
ergues tua mão e no horizonte o raio me cala.
Ó, mar! Mas se estavas tão feliz, não fazia um minuto...

Eu sento e deito na areia molhada, e daqui não saio:
porque estou cansada de ser homem de fazer barco.
Se quiseres ir ver o que há nesta ilha, carregue-me.

SONETO DA SITUAÇÃO DO MAR DE AMANHÃ (CXCII)

A MANHÃ será o dia de sábado, e me porei de pé:
porque não fizemos revirado o trajeto alheio.
No futuro não haverá laçaios entre os homens:
apenas gente nua dizendo preces perfeitas.

Amanhã sei lá o que será de nossos frutos
que catamos entre os arbustos silvestres,
o que será das espinheiras pontiagudas
de nos fazer prisioneiros de consciência.

Eu sei lá se terei mais filhos e os quatro cães que gostaria,
e se tu, ovelha minha, confiará no meu regaço.
Se lembrará dos meus olhos pedindo teus óculos,

Das minhas mãos costurando a janela para o nada,
a fim de que tudo tenha sabor do que somos
e nada mais se coloque entre o vento e a curva.

SONETO DE DEPOIS DE AMANHÃ (CXCIII)

DEPOIS DE AMANHÃ faremos amor na envergadura,
teremos encontrado as respostas de nossas declarativas.
Então virá o dia de minha vida de esgueio,
então virá o dia de minhas páginas sem rima.

O estúdio de dizer tatuagens, quem se importa?
A minha pele só tem cicatrizes que nada desenham.
Os nichos de povo e as luzes de velas é que
enrugaram o meu rosto.

Desprevenida eu fui irrigada de gente,
dançarina de acordar no meio da noite.
E tu, quem serás? Senão sempre o mesmo

De quem digo as verdades suplicadas,
porque já não importam de onde surgem as nascentes,
contudo haja vivo o teu semblante em teu corpo.

SONETO CXCIV

EU NÃO SEI para que serve
este canto de dizer coisas à distância,
esta coisa de recusar prantos tão duros e
as tantas páginas de indiferença que cresce.

Eu não sei para que serve a noite:
contar do meu espanto, às escondidas,
de desfazer teus olhos incrédulos.
Saber o que não posso mais pedir da vida.

Eu não sei para que serve o que escrevo,
sob o maior peso de mulheres desvendadas:
os hinos mais desejáveis de viver o que sinto,

As bondades permanentes durante a noite,
entregar-se ao sono que nos oferece o mundo,
ter vitória sobre os venenos sob a tua alvorada.



SONETO CXCV

EU CAMINHEI sobre o fio cego das espadas,
rumo ao peito de uma escrita indigente,
pisando os fios que tece o aboiz da serpente,
buscando algum jeito de permanecer fada.

Na brisa do dia que alivia e nos cala,
no nervo tendido de estender para frente,
a vida ferida de saber somos gente,
sem ter contudo a terra de que a gente fala.

E nessa descoberta que cada dia nos traga,
achar algum mérito contra a força doente
que almeja nos dizer tudo é feio e praga,

Do mundo que bem livre nos pede ser diferente.
Saudade de ter vivido os anos que não tivemos:
verdade de ter sido humanos enquanto morremos.

SONETO CXCVI

NO ENTANTO, ainda nos resta uma promessa
do encanto e passado de ter sido aventureiro.
E tudo que se promete é feito da falta de pressa,
do que vai se costurando devagar e cerqueiro.

Talvez eu encontre o verso de perfeito encaixe,
Do qual faça o tinido de abrir por fim tua porta.
Já bem sabes desde há muito que isso me importa,
um canto altaneiro que no teu colo me enfaixe.

Porque a vida é melhor com estes rumores e timbres,
melodias de abrir portas nos despertam felicidade
de ter caminhado juntos adentrando belas cidades,

Num dia cuja a aurora e o crepúsculo me cimbres.
Sabendo o que nos faz sofrer e sobrar as tristezas
Colhendo na árvore de loto, no arroio, as almezas*.

* Fruto do almez, árvore que Heródoto, Dioscórides e Teofrasto chamam de Loto. No livro de Jó (40:21-22): “Deita-se sob os almezes, no esconderijo dos caniços e dos brejos. Os lótus cobrem-no com sua sombra e os salgueiros da margem o cercam”.

SONETO CXCVII

NESTE HOJE INTERMINÁVEL, valha-me, eleutéria*!
A necessidade de haver princípio de muito acaso,
para a vida ser feita de escolhas e de sua matéria,
nos campos de junco** e também neste leito raso.

Porque é na incerteza do que baterá à nossa porta,
que nasce a vontade de dizer, criar mais dotes,
correndo na letra de adivinhar, sobre os magotes,
as coisas que o pouco coração não comporta.

Assim, embora eu não me mova, só com leveza de pluma,
vão chegando as muitas vias de tua noite escura,
teu longo braço que ao redor de meus ombros averga,

Porque foi muita gente receosa para pouca alcova,
martelando o mesmo cisma, reclamando de censura...
E pouca malta para tantas janelas das quais se enxerga.

* Personificação da liberdade na cultura grega.

** Para os egípcios, os campos de junco eram o paraíso, Aaru, onde adentravam apenas aqueles que tinham o coração mais leve que a pluma da verdade. Também os juncos constam nas escrituras sagradas judaicas em uma bela metáfora: “Se uma pessoa pegar num feixe de juncos, ela não os consegue quebrar todos de uma vez. Mas tomados um de cada vez, até uma criança os quebrará. Assim também, os de Israel não serão redimidos até que todos eles sejam um feixe” (Midrash Tanhuma, Nitzavim, Capítulo 1).



SONETO CXCVIII

PARA AMAR e constituir a lei qual mulher fosse:
dela alcançar um fogo sagrado inatingível.
A retribuição de dedicar-se bastante doce
a um povo e aos selos que o tornam cível.

Amar os princípios qual homem fosse,
deixar que me cobrisse de seu corpo e beijos.
Ver no céu as nuvens formando os lampejos
de dizer a fúria com que ele faz a posse.

Desenhar o rustro de nossa bandeira,
montar um arbelo sobre a nudez pura,
o leminiscado de vitória que a sensatez cura:

Dedicar a si mesmo com a recíproca verdadeira...
E tendo amado tudo que nos fez e perdura,
a lei e os princípios restituírem nossa fé por inteira.

SONETO CXCIX

SIM, AMOR, O País precisa de teu idealismo,
Se para ti é que fiz uma vontade política inabalável.
Um País não se constrói desde falsos silogismos,
mas da minha sede de Justiça inconformável!

Eu não me esqueci do choro dos meus Filhos,
e é impossível que algum dia eu me esqueça!
Por mais meu corpo se corrompa e a ideia feneça,
há DEUS! E a promessa me trouxe a Seus trilhos.

É disto, do Amor e lamento brotados da amargura
de constatar os óbelos de ódio dedicados a sinecuras
que irrompem a flor e o fruto de um futuro mais suave.

SIM, AMOR! Satisfeita com o simples voo de uma ave!
Mas jamais conformada aos risos de ódio e escárnio...
O que vi com meus olhos, senti com meu peito, no útero cárneo!

SONETO CC

O POEMA NASCE do que profundamente me aborreça
e chove com os lírios brotando de meu peito.
Amor, o que sei é escrever para que aconteça,
o momento de encontro no sino perfeito.

E dobro as folhas que cairão nesta noite:
correu ela na orbe e veio me dizer as horas
que fazem a vida de poder amar sem demoras,
quando há canto de náíade em sono e pernoite.

Silvos de pássaros carpiram sulcos no meu dia,
as coisas mais belas sem gravar na memória:
entre tu e eu as coisas que nossa mãe fazia.

Viraram prece, as incertezas e as agonias,
São o peso que nos marcou certas histórias.
E hoje o Éden paragonando em trajetórias.



SONETO CCI

PELOS LUGARES venho buscando o teu soneto,
e quando vejo o calendário: passaram-se anos.
Num piscar de olhos, o álcali dissolvido em sueto:
as rimas roubaram as horas dedicadas a enganos.

Mas ainda não te escrevi o que tanto preciso dizer:
todo dia, quando penso nele, o verso me escapa.
E me sobra o momento solto que debrua a lapa,
ao redor do que eu tinha, o fiapo de um porquê.

Arremedos de minha senda e do sendeiro de alguém,
pedaços carmeados de meus sentimentos latentes.
Lateral de repente, para que não chores por dentro.

Mas onde está o que diga mais que o querer bem,
onde estão as linhas inexploradas que não lamentos?
Para que digas: isto jamais será destruído pelo tempo.

SONETO CCII

DE DIZER o que penso encontro onde esteja
a linha invisível de emoção que te afague.
O olhar calado de saber o que se almeja:
a lágrima que outro amor não apague.

Teu coração feito de tudo que existe no mundo:
o que em meu colo solto salta fora da mata.
Em anotações ocultas as coisas mais gratas,
teu amor em primeiro, meu desejo em segundo.

Coríndon* este em que por vezes me confundo:
se são tuas mãos, ou se escrevem as minhas.
Assim que, cedendo, é a mim que adivinhas,

Teu amor o ferimento que eu cravejo, no fundo:
relvado de agasalhar pela manhã e ao dormir,
reisado pela pureza de amar e não se medir.

* Também denominado de “telésia” (em grego, “perfeito”), quando de cor branca ou do cristal hialino, o coríndon é um mineral duro, e por este motivo só pode ser riscado e trabalhado por ele mesmo. Surgiu seu nome nos meios científicos europeus no fim do século XVIII, quando foram trazidos da China cristais de um mineral que nesse país era pulverizado e usado como abrasivo, idêntico ao comercializado pelos mercadores de Bombaim com o nome de “kurund” ou “corundum”. Os místicos acreditam que o coríndon aumenta a sua sede de conhecimento, habilidades analíticas e mentais e de memória, para transportar ao trabalho intelectual.

SONETO CCIII

NA BORDA das ondas de um mar branco em ranhuras
e acima de longas notas e cordas vibrantes de estrelas,
ergue-se teu rosto de deslumbrantes linhas puras,
e nenhum outro homem jamais sabe fazê-las.

Dizes-me que é apenas um dono de casa,
alguém que todos os dias organiza as minhas dores,
limpando da harmonia o que ressabia em rumores,
trovando diretamente a elegia da minha asa.

Argueiros nos olhos elegantes demais do mundo,
travem o que não julgo antes de ter sentido:
descarto máscaras do que se busca sem nunca haver sido.

E o que por vontade me ofereceste aprofundo:
restem apenas os nossos afagos sem súplica...
Pois preciso restituir teu amor também sendo única.

SONETO CCIV

OQUE PRECISA de tão quente, que meu corpo sua?
É quanto mais sua, mais dura é a pedra.
Eu bem gostaria de uma palavra que diminua,
leitura sobre as rugas que um rosto familiar prega.

Já não durmo há uma bastante semana,
e no meio dela despertei para a causa
do que nos estarrece quando a vida nos faz pausa,
quando em busca de alguém não encontramos cabana.

E tanto já escrito, mas nenhuma palavra irmana,
se bem com tua dor, para passar as tuas horas.
As frases tradicionais e as fórmulas cartesianas

Não saem das minhas mãos nem de minha boca agora.
Só o que não entendemos: uma voz que ainda emana,
e restando nos concede um luto que hoje melhora.

SONETO DE NOSSOS DONS E DEVANEIOS (CCV)

SER melhor é estar distante neste vagar de sonho,
mas o que amo ressurgue ao vivo em vários pontos.
Embora eu retorne ao mesmo querer que te proponho,
fizemos um caminho que soa ter um traçado pronto.

Às vezes ele me leva deste lugar até o teu espaço,
e do teu passado recorre a acudir o meu presente...
Novos atos sereníssimos de um tempo permanente,
desembrulhando o sentimento há pouco escasso.

Como se a vida, feito erva, de ter brotado crescesse
e fosse arvorando em arco, de épocas esquecidas desse.
Tepe escondida vai nos sugando e crescendo rumo ao outro,

Talvez de escutar os nossos resmungos e anseios...
No ar volta a paisagem e nas câmaras há um assopro,
desta frequente releitura de nossos dons e devaneios.



SONETO CCVI

DITO algo além das montanhas que fazem berço
a um espírito gigante de acolher momentos prateados,
por alguma mulher que adormeceu segurando o terço,
as contas de rosário os seus pontos de brocado.

Eis as terras onde as calemas rebentam do largo
mar incompreensível jorrando conchas, sargaços...
Não há soluções para os problemas desde o terraço,
vistas ondas de solo e pedra: paisagem de encargo.

Mas o sossego de silêncio azul já diz muito:
quais palavras não foram encontradas
e quais ainda precisam ser escolhidas.

Eleição feita das semas de um livre intuito,
desde as preces sendo muito vasculhadas
para compor melhores encontros na vida.

SONETO CCVII

NO FUNDO poucos sabem onde vai parar a alma,
se há desvio para algum desejo incompreendido,
se detrás de um texto muitos somem após a alba,
se mergulhando encontramos o que foi perdido.

E somos portas passageiras de alguém oculto,
dedicado a rotinas calculadas de ser o mesmo?
Ou passa por nós um rei demarcando sesmos,
rente a dogmas laicos de dominar sendo mais culto?

Conheço a mim mesma e o que em mim existe,
porque pouco nego e muito deixo.
Assim é que vou reconhecendo no arroio os seixos,

Colecionando as nossas memórias quando triste.
A vesânia alheia é que me ensinou a observar de longe,
A ouvir nos trigueiros o canto dos pássaros e dos monges.

SONETO CCVIII

FIANDO pouco nos homens eu fui muito feliz.
É uma pena que mudem tanto de humores,
porquanto satisfeitos nos deixam com a cicatriz
de dizerem volúvel o espelho, em rumores.

Criadas portanto as instituições:
quem quiser mentir, arrede testemunhas...*
Julgamentos com votos e arguições:
para mensurar causos de beijos e unhas.

Mas não tema, Amor, porque venci quase tudo.
O tanto que precisas saber: continua mudo.
E assim, celebremos o momento que passa,

E cultivemos, atentos, o que nos fica:
as venturas e as nossas desgraças,
estas doses de verdade muito ricas.

* Manuel Pires de Almeida (Évora, 1597 – Lisboa, 1655).



SONETO CCIX

A LINHA que traçou o pássaro ao entrar no quarto
ia e vinha, era a letra i, portanto o meu nono dedo.
Então busco saber de fado, talvez do mais hartos,
e então o que há com ele, tornou-se alvo do medo?

Terá sido a retaliação ao acólito de insurrectos,
terei feito eu algo que não aplaca e provoca?
Eis as dúvidas de quem raro com tato invoca
e se guia por nuvens, pássaros e afectos.

Ou terá sido outro que rezando o assusta e espanta?
Eu já não me lembro muito bem do teor do sonho
com que jamais se tornam meus dias enfadonhos

Na fenda burocrática de um reino que diz não canta.
E o que posso fazer se, para fazer, nada mais resta
que esperar, dançar e sorrir até o fim da festa?

SONETO CCX

DE UM TEMPO bastante passado,
Ser poeta é não parar com os teus sonetos,
não resistir a um homem muito apaixonado,
às suas lágrimas, desejos velados e magnetos.

Se bem eu aprendi a não tocar nem olhar nos olhos,
e os padres me ensinaram bem a roupa e a disciplina,
sempre há algo no peito de um homem que me ensina
maior o poder de quem se vê a amar meus escolhos.

E por isto cá eu estou contemplando bem cativa,
mas, mesmo sendo tua, não sou feita de episódios:
agora só sei o amor completo do mesmo coração...

Atirado ao mar, recolho em meu colo, de um vento à deriva
quem, de não ser dono do mundo, quis subir em pódios.
E dou-me plenamente a quem não sabe ainda nisso a retribuição.

SONETO CCXI

EM QUE TE DEIXEM fazer o que deves,
não deves dizer como queres as coisas.
Antes diga como vês as coisas sendo leve,
e o que deve ser feito quando a nave pouisa.

Aonde devem ir os gestos conforme o momento,
em que confiar no calor do conflito e sem divisas.
E então veremos multiplicar corretas e indivisas
as confianças se abrindo em conhecimento.

Jamais suficiente nenhum argumento
para quem sofreu o peso da espada.
É portanto pelo bom descobrimento

De ter vivido semelhante derrocada,
que se celebra uma vitória de companheiro.
Ter então o que se espera: ser feliz por ser brasileiro.

SONETO CCXII

SER FELIZ é mais que o prazer durável de dizer as coisas:
É o sonho escondido sob a moita de meus delírios.
E digo ao mar que deixe nos campos estas flores de lírios
com que vestes os versos de teu perfume cessando loisas.

Ser feliz é te amar em que tudo possas e nada faças,
sem encontrar finalidade para fazer o que me digas...
Senão correr no aberto das coisas e dizer figas,
para que nenhum triz cresça fenda que nos ultrapassa.

E assim, deixando que cada coisa siga o seu rumo,
pernoitar debaixo da amoreira carregada de frutos,
sob a brisa de verão que dispensa roupas e cobertas.

Partilhando todas as coisas que apenas presumo,
para durar na memória os doces vestígios absolutos
das conversas pouco cifradas com que me acertas.

SONETO DA CLARIDADE (CCXIII)

NÃO SE PODE, amigo, cessar o afeto,
como não se consegue impedir a verdade.
O sol se levanta e isso é correto,
esgota no campo o orvalho com novidade.

Mil gerações terão nos ultrapassado,
mas ainda assim cantarão este passo aberto:
minhas palavras em teus vilarinhos visitados,
porque o amor que sentimos é ofertado.

Esta lealdade lourença jamais se apaga:
o sentimento eu te fiz com minha dignidade.
Há luz maior coruscando entre estes fustes,

Erguendo os templos de melhores vagas
feitas da palma barroca que mais te agrade:
para que o infinito alcançado não te assuste.

SONETO CCXIV

COM VEIAS DE comportar muitos abraços,
Calhanaram-se os cumes de dizer afagos.
Riçou meus cabelos e embaçou meus traços,
o céu aplastado, de saber intrigas que apago.

Mas o calor eu fiz com a peliça de meu corpo,
e tudo escrito com as nocas de meus dedos...
Quiseram caminho de relevo tutelado, enredos,
os que me insultam porque te querem morto.

Mas é com garras que elevo no voo a serpente.
Profligando mentiras, toda mentira é construída.
O jugo do ar submete os venenos e de repente

A excessiva vaidade dos homens é contorcida.
Abatida nesta carne com superfícies alabeadas:
por lágrimas em estantes e muitas noites amadas.



SONETO CCXV

DE MEUS BRAÇOS retiro a cobertura,
sobre os teus ombros apenas, meu lenço.
Porque te amo e muitas coisas em ti penso,
as claraboias, os mares, as conchas, nervuras...

Pérola da manhã encontrada de andar contigo
na praia, de ouvir harpas, saciada de teus beijos.
Que fazes nos corpos ardendo em lampejos,
devolvendo ao mar o que dele veio de antigo.

São muitos arcos sobre o que em mim busca nexos,
despida a nossa armadura de apressar os olhos.
Construídos sobre as necessidades do nosso plexo,

Da confusão em que pulsamos nossos restolhos.
Tudo em mim me ondula, me desfaz e me abandona:
menos o amor que te deixo, porque dele sou dona...

SONETO DO MAR E DO CAMPO (CCXVI)

O SALÁRIO DO AMOR é amar,
e se alguém ama, ama-se alguém
de olhar bem longe onde passa o mar,
onde passarinhos e flores dizem bem.

E vem aquela tristeza do amor distante,
na ponta de uma melodia quase triste.
Porque, para o amador, amor maior não existe
que o de olhar campo e mar, durante.

O salário do meu amor é te amar,
como o estado natural de minhas cousas.
Sem ter pedido fosse assim, tendo até fugido:

Para encontrar mesmo sofrer na linha do mar,
de não te ver onde meu olhar repousa...
De estar no campo só, com o amor vestido.



SONETO CCXVII

ESCREVO PORQUE AVANÇARAM contra meu refúgio
os monstros bíblicos ziz, behemote e leviatã.
Atraídos por meus orvalhos, supuseram dilúvio
para estragar os dias ensolarados, as noites sãs.

O ziz não suportou a envergadura de espera e sorriso,
o behemote quis se vingar da flor espessa de dizer verdade,
a paciência perturbou o leviatã de saber herdades:
a fé e a esperança lhe trancam com tantos avisos.

Mas antes do giro da orbe, eis linhas de paixão seleta
com que se atiram os loucos, os heróis e os poetas
em busca de vitórias que nos expliquem a existência.

Para feito e descoberta, em retornos da convergência,
do que nos faz determinados a viver o mesmo destino:
a terra de nossos sonhos, a insistência de nossos hinos.

SONETO PARA PÉRICLES (CCXVIII)

CONTRA TI A ANGÚSTIA E O ÓDIO, um dia,
talvez derrubem tua esperança em desgosto.
Assim, quem se dedica à política da maioria
mostra ao público um esboço de seu rosto.

Por trás do elmo e esboço, uma coleção de dores,
se bem por fora o porte de equívoco é um mérito
de resistir que o mundo levasse em descrédito
o que foi construído por boa fé de teus eleitores.

Ao final, se há êxito: de prêmio, os insultos
pela multidão que não suporta outra vista
não seja aquela varada de efígie populista:

Com favores, no varejo, de caudilhos ocultos.
Mas passado tudo, as verdadeiras conquistas:
tornar-se irmão de iguais, Amor: ser adulto.

SONETO CCXIX

PARA DESVIÁ-LOS de uma sede desvairada
de monopolizar poder de destruir cidades,
eu te abro meu sorriso de fidedignidade:
feliz quem perde confiança em manadas.

Os pré-juízos são muitos e as amizades são poucas,
aquelas que se devotam e das quais se retribuem.
Há pressa, e se invocam os armadores que usufruem
predando os amadores, pela turba de gente louca.

Mas é preferível amar que armar.
Por isso observo aonde o vento me leva,
para andar pelo caminho que nos eleva

Ao canto macio de dizer do mar.
São maiores as alegrias de vida e de paixão longevas,
nossos filhos, nossos netos, o arrulho de meu rezar.

SONETO CCXX

COM O TEMOR de encontrar os lugares
Cem que nos amamos em muitos tempos:
a estrada de ferro e a casa de cantares,
pobre e suja, cheia de outros intentos...

É por isso que meus olhos choram,
pelas desculpas para fazer da vida combate:
guardado no peito este nosso empate,
ádito nítido nesta memória em fórum.

E vou cambrando sobre o que nos toca:
despertar com as campainhas de tuas praias.
Sobre os dias felizes de usarmos cambraia,

Sobre os anjos e Santos que tua mão invoca.
E já não sei mais o que dizer a meus punhos:
da tanta beleza que celebramos em junhos.

SONETO CCXXI

DA LOUCURA a distância, com pele insensível:
recolhida estou em cuna de minha torre térrea.
A escrita com outro corpo, quando dita é férrea:
mas não há vontade se não me encontro em nível.

E tens repisado sobre os homens que bem te querem,
escolheste a superioridade arguida por bajuladores
ao invés do encontro com os amigos que preferem
a tua lealdade em muito superna à de teus autores.

Amor, que não percas teu encanto nas coisas tão sadias,
para não viver de acrimônias em canto desesperançado.
Que também possas abraçar durante os teus muitos dias

O delírio destes desejos que vão sendo postergados.
Pois é teu protesto de séculos que te faz ser o meu rumo:
maior a boca sobre a prece, a tese sobre o que presumo.

SONETO CCXXII

COM O ECO DE MEU GRITO sobrevivi,
Co meu grito por causa de teus urros.
Dizendo a todos os incompetentes e burros,
em todos eu me somei, por lealdade a Si.

Se é que assim some a tua ira e gritaria,
porque o amor acenado, sem o preencher,
eu sei, nos causa uma vindicação de não ser.
Será culpa minha, o teu corpo não estar em dia?

Assim que me retiro e me desculpo com distância,
porque o arrependimento em meu peito é sincero.
Eu ainda não pretendo reiniciar nada do zero,

Tendo construído o amor, eu não o expulso com ânsia.
Viverei de proclamar unilateralmente o que te empresto:
uma verdade pura a quem atura o meu verso honesto.



SONETO CCXXIII

DE PAIXÃO VERDADEIRA sobreviveste,
isso tu me dizes com cinismo e sorrateiro.
Sem ter me contado ainda que diabos viveste
para entregar ao mundo o pior de um teor lampeiro.

Eu há muito sofro, de coração estilhaçado e ferido,
de escanteio, canto comedido, má sorte e escassez.
Mas a ti, o que é que o destino de mal te fez
para reclamar insultos ao cão, pelo fiel alarido?

Menos dia, hemos de pirar na batatinha,
mais dia, hemos de entregar os pontos.
Com o tempo, larga toda uva da vinha,

E recusamos de amargura os bons pratos prontos.
A velhice nos previne com sua cultura mesquinha:
nos mais jovens não descarregar, em vão, descontos.

SONETO DE SER CRIANÇA (CCXXIV)

(para João Davi)

EU TE AMO mais que
um bosque cheio de animais fofinhos,
mais que um céu azul escuro com estrelas
Cintilantes realizando desejos com diamantes.

Eu te amo mais que
todas as flores da primavera nos montes.
Eu te amo mais que um dia eterno
ensolarado com nuvens de algodão doce.

Eu te amo mais que
um livro aberto com versos de cristal
e que as urnas de eleger heróis olímpicos.

Eu te amo mais que
todo encanto vago e passageiro
que o mar chora ao mundo em ondas.

SONETO DE SER ADOLESCENTE (CCXXV)

(para Tomás Antônio)

EU TE AMO mais que
todas as palavras que o dicionário palpita,
mais que o túnel infinito
de dizer coisas que fizemos no passado.

Eu te amo mais que
o exílio feliz no meu próprio castelo
e que as razões erguidas pelos filósofos,
mais que a civilização feita das próprias ausências.

Eu te amo mais que
os portais divertidos que os homens criam,
de fazer refúgio onde se escondem os cavaleiros.

Eu te amo mais que
as grandes obras universais do mundo
que explicaram as dores de que é feito o ser humano.

SONETO DE SER ADULTA (CCXXXVI)

(para Catarina)

EU TE AMO mais que
as palavras sejam capazes de inventar,
mais que os espaços itinerantes da conquista,
que o tempo criando o tempo de nova ciranda.

Eu te amo mais que
a janela de meu quarto aberta ao infinito,
que as vilas de anseios pelo futuro demarcadas,
que a ponte sobre o rio onde remam os colegas.

Eu te amo mais que
o passeio no arvoredo de nenhuma culpa,
que todos os sacrifícios e martírios dos santos.

Eu te amo mais que
até mesmo os pleitos de Justiça e Verdade,
sobre as prateleiras de vitórias no acervo de aços.



SONETO CCXXVII

ECOM ISSO, eu te dizia: a primavera arrasada.
Mesmo o amor não te fez poupar de insensatez.
Não foi suficiente que visses a beleza da estrada,
quão longo o percurso de quem faz a própria vez.

Chutaste os vasos de flores que te preparei,
quebraste os pratos e as taças de amanhã.
Qual fosses um tirano, absolutista e rei,
erras qual fêlido irracional sem divã.

Não vejo razões para um ciúme que elogiasse,
porquanto ciúme não dá mãos a tanto desprezo.
O que vai saciar tua sede de poder, teu vezo?

Quando toda urbe for pela graça abandonada?
Os anos passam, e já não queres lembrar mais nada:
nem de como a estrela da manhã de presente nasce.

SONETO CCXXVIII

CONVERSANDO DIANTE de mim mesma:
Cantes só, que tristemente acompanhada.
Exorcizando o mal com muitas resmas
de dias nos quais revisei minhas pegadas.

Conversando com teus ares bem distantes,
teu campo de guerra, de combate, de brados.
A falta que faz ter alguém de encanto e fado
nos leva a buscar esses conflitos incessantes.

A gente vivendo de ser instrumento do povo:
e o povo doendo de ser ferramenta de gente.
Não ganhamos em fazer nada diferente,

Se queremos encontrar um caminho novo.
Sendo racional, busco o repouso, e não a inércia:
o fôlego entre amigos resolvendo controvérsias.

SONETO CCXXIX

DA MINHA ADAGA de querer martírios,
a mensagem destas minhas linhas vagas.
Amor além do tempo, o que com o bem me pagas,
aquele que te provoca também chagas nos círios.

Pudessem coabitar as nossas diferenças,
eu não as diria como pleitos irreconciliáveis,
de modo que choves de outras nuvens propensas,
e eu busco meu ninho em paragens indomáveis.

Mesmo assim, chove! Para que à noite fiques limpo
e as estrelas lúcidas digam girando o que sinto,
no céu de salas surgindo de teu arco transparente.

Apenas contigo a minha asa se abre contente,
no céu de tua boca as coisas puras e verdadeiras:
paixões, gritos, chuvas, ondas das cordilheiras.



SONETO CCXXX

INEVITÁVEL é o caminho que nos move adiante,
o passo sem o qual não se fica diante da porta
que abre ao rumo de mais passos nesse tocante.
E aonde isto leva, será que a pergunta importa?

Pois vai se espalhando o que se espelha e exorta,
nos corpos e anjos que nos levam a muitas partes.
E por que canto ainda sobre este, entre outros encartes
que a vida nos deixa entrever e nos corta?

Porque ainda é maior o teu peito com tanta bondade,
de modo que ainda tenho de insistir em superá-lo:
para que não reste dívida de nenhum agradecimento.

Só que é difícil, encontrar maior felicidade
que esta de dizer os deleites e os teus regalos:
e os versos fazem maior a dívida, quando tento.

SONETO CCXXXI

DO DIA QUE DURA eu ainda me lembro,
juramento que fizemos no recôndito sacrário.
Será que fazes o mesmo que faço por dentro,
ou é apenas meu este desejo de itinerário?

O solo desta pergunta me alivia e me incomoda:
preciso saber, ou te amar apenas me basta?
De modo que sigo, como se não fosse mais vasta
a esfera mantida a dois, que se apenas um a roda.

Eu as deixo ser tuas, as cidades pelas quais passei
os giros de inscrições, deleites que ainda não vivemos:
de belisma* e fruição, verdade e sofrimento.

Também sons de um épico que ainda não pensei,
os cantos de anseio e as notas de meus extremos:
para ti deixo aberto o encontro de mesmo momento.

* Divindade de boda e beleza venerada em Celta, Ibéria e Ligúria, por tradição antiga, a qual teria sinalizado a Belloveso o local da fundação de Milão. Debaixo da Catedral de Milão, foram encontrados os restos de um templo onde os romanos a identificaram como Minerva. Nome antigo do rio Ribble, em Lancashire (geografia de Ptolomeu).

SONETO CCXXXII

ETERNAMENTE, como os passarinhos e as flores,
e ai de mim: celebro se eu te amasse mais?
Dirias então que é véu para redimir as dores,
e eu de não querê-las, não as poria em murais.

Mas por que, Amor, de te amar eu mentiria?
Por que eu quereria aplacar tua dúvida e fúria?
Porque te amo ainda mais do que eu deveria,
e para mim aceito do amor ter mais penúria.

Assim observa que, mesmo mentindo, te amo.
E a quem amo mais, a ti ou às nítidas sombras?
Te conto o quanto me dói quando em dizer falho:

O que já me sabes, porque de tua falta não reclamo...
Se busco o que me refaz, é porque me escombras!
E nisto a força com que pelo teu amor trabalho.



SONETO CCXXXIII

DE UMA LONGA PONTA de torpor embebecido,
Amor, és o sintoma de uma solidão partilhada.
A pedra preciosa te dou de escolher o que decido,
a confiança o meu presente para seguir na estrada.

E vou construindo nossa casa de muitas camadas,
com escadas de fogo entre níveis de entendimento.
Para que possamos, depois da vida cancelada,
seguir bem livres do assobio de tormentos.

Se é loucura, um amor tão sublime e póstumo,
posso te dizer que a muita leitura me acostumo:
celebrações ardentes com se ver de tão perto...

O que posso te assegurar nestes poucos resumos:
fruição de tocha sagrada, jamais de espelho enxerto
longe do golpe material, este cálice que te verto.

SONETO CCXXXIV

SE a verdade fosse um bem abundante,
bastaria que apenas uma vez eu a dissesse:
o quanto te amei ao te ver, no mesmo instante,
e porque te vi, de te amar o instante cresce.

Mas o mundo gira alheio com seus próprios receios,
pequenos lapsos provocam dores em gargalos.
Por isso eu repito novamente de meu anseio,
que o mesmo amor não se fracione em abalos.

O que era súplica se transforma tão rápido em alvo,
pois quem não ama vive de incontinência em doses...
Mas tenha seguro que aquele instante, eu o guardo a salvo:

Quando te vi tudo em mim sorriso e apoteose.
Descoberto, mas não temas nem te recolhas em culpa:
quando nos falta o coração, a generosidade do amor não multa.

SONETO CCXXXV

A CALMARAM os mares de brigas debulhadoras,
mas continua sangrando este meu grande sofrimento.
Amor, todos os dias uma lágrima me desflora,
não há maior dor que esta sem data de vencimento.

Já sem te encontrar feliz meio às aves risonhas,
nem posso costurar os velhos aromas de cardumes
que roubavam teu olhar quando me fazias lumes,
nem mais emblemas com que eu vestia as fronhas.

Sofro muito de tua ausência rainha de todas ausências.
Do cântico rarefeito que reina sobre solos geânteos,
por vezes ao longe me acenam as antigas demências,

De viver sem blindagem dos teus cristais pânteos:
teus beijos, abraços, brincadeiras e serestas...
Morrerei como os românticos: escrito Amor na testa.

SONETO CCXXXVI

FORAM PARA LONGE DE TI as frases puras,
e te vejo nutrindo as rotinas que impedem
de alcançar maior voo com grande entornadura.
De servir sem propostas, teus encantos cedem.

O meu soberano feito de barro de minha Pátria,
com olhos nascidos detrás dos próprios olhos,
cedido ao rumo que lhe preparam os solhos
de gente estrangeira cujo domínio é idólatra.

Mas eu ergo do recôndito de Séculos anteriores
o selo de nossos brados contidos nas lástimas,
e agarro-te pelas lapelas, e eu exorto às flores

Que recordem nossos postulados e máximas!
As tuas histórias bizarras, sem as quais não ando.
Sim, Amigo! Em greve, pois continuo te amando.

O POEMA ESCONDIDO NOS PRIMEIROS VERSOS

NÃO PODIAS FICAR. DISSESTE, SOBRE A MESA, O POEMA. ESTAVA MUITO ESCURA A ÁGUA DO MAR... ONDE EU ACHO ESTAS PALAVRAS? AMANHÃ, DEPOIS DE AMANHÃ...? EU NÃO SEI. EU CAMINHEI, NO ENTANTO, NESTE HOJE INTERMINÁVEL: PARA AMAR. SIM, AMOR! O POEMA NASCE PELOS LUGARES DE DIZER NA BORDA O QUE PRECISA SER DITO NO FUNDO, FIANDO A LINHA DE UM TEMPO EM QUE TE DEIXEM SER FELIZ... NÃO SE PODE? POR ISSO, COM VEIAS DE MEUS BRAÇOS, O SALÁRIO DO AMOR. ESCREVO PORQUE AVANÇARAM CONTRA TI A ANGÚSTIA E O ÓDIO, PARA DESVIÁ-LOS COM O TEMOR DA LOUCURA E O ECO DE MEU GRITO COM PAIXÃO VERDADEIRA... EU TE AMO! EU TE AMO! EU TE AMO! E COM ISSO, CONVERSANDO DIANTE DA MINHA ADAGA INEVITÁVEL, DO DIA QUE DURA ETERNAMENTE DE UMA LONGA PONTA, SE ACALMARAM: FORAM PARA LONGE DE TI.

A. P. Arendt

SONETOS DE VONTADE VOTIVA

Ana Paula Arendt —

18 DE OUTUBRO DE 2020



“Ofereci incenso na frente do Monte-Zigurate. Sete vasos de culto coloquei [...], dei juncos, cedro e murta. Os deuses sentiram o cheiro [...].”
(Epopeia de Gilgamesh, circa 4.000 a. C.)

“Amém, louvor, glória, sabedoria, ação de graças, honra, poder e força ao nosso Deus pelos séculos dos séculos! Amém’ [...] Por isso, estão diante do trono de Deus e o servem, dia e noite, no seu templo. Aquele que está sentado no trono os abrigará em sua tenda. Já não terão fome, nem sede, nem o sol ou calor algum os abraseará, porque o Cordeiro, que está no meio do trono, será o seu pastor e os levará às fontes das águas vivas; e Deus enxugará toda lágrima de seus olhos [...].”
(Apocalipse, 7:12; 15-16)

“Porém, temos este tesouro em vasos de barro, para que transpareça claramente que este poder extraordinário provém de Deus e não de nós. Em tudo somos oprimidos, mas não sucumbimos. Vivemos em completa penúria, mas não desesperamos. Somos perseguidos, mas não ficamos desamparados. Somos abatidos, mas não somos destruídos. Trazemos sempre em nosso corpo os traços da morte de Jesus para que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo. Estando embora vivos, somos a toda hora entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus apareça em nossa carne mortal. Assim em nós opera a morte, e em vós a vida.”
(II Coríntios, 4:7-12)

“Depois disso, eu vi abrir-se no céu o templo que encerra o Tabernáculo do Testemunho. Os sete Anjos que tinham os sete flagelos saíram do templo, vestidos de linho puro e resplandecente, cingidos ao peito com cintos de ouro. Um dos quatro Animais deu-lhes então sete taças de ouro, cheias da ira de Deus que vive pelos séculos dos séculos. Encheu-se o templo de fumaça provinda da glória de Deus e do seu poder. E ninguém podia entrar, enquanto não se consumassem os sete flagelos dos sete Anjos.”
(Apocalipse, 15: 5-8)

“All those rivers and trenches [septem maria] were first made by the Etruscans, thus discharging the flow of the river across the marshes of the Atriani called the Seven Seas, with the famous harbor of the Etruscan town of Atria which formerly gave the name of Atriatric to the sea now called the Adriatic.”
(Plínio o Velho, Historia naturalis, capítulo 16)

“When R. Dimi came he said R. Yohanan said: ‘What is the meaning of the verse, ‘For he hath founded it upon the seas and established it upon the floods.’ (Psalm 24:2)? This refers to the seven seas and four rivers that surround the land of Israel. And what are the seven seas? The sea of Tiberias, the Sea of Sodom, the Sea of Helath, the Sea of Hiltha, the Sea of Sibkay, the Sea of Aspamia and the Great Sea. And what are the four rivers? The Jordan, the Yarmuk, the Keramyhon and Pigah.’ ”
(Tractate Bava Batra, fol. 74b)



Folio de Sete Anjos com Sete Vasos, circa 1255-1260, Londres, Inglaterra. The J. Paul Getty Museum, Los Angeles, Estados Unidos.

“Sete ‘Karshvar’: climas ou zonas que organizam o mapa mundi em um zigurate de sete andares, representando a montanha cósmica: Arezahi, Savahi, Fraddadhafshu, Viddahafshu, Vourubaresti, Vourugaresti e Hvaniratha, criados quando a chuva caiu pela primeira vez no solo.

Hvaniratha, onde se localiza o pico de Hara (alburz) cresceu das raízes das montanhas de Elburz. Na tradição sufi, o oitavo clima é o paraíso terreal, o Norte cósmico.”

(Avesta, Apocalyptic Texts.

In: Boyce, Mary. Textual sources for the study of Zoroastrianism. Manchester [Lancashire] ; Dover, N.H. : Manchester University Press, 1984.)

“Discutindo com Platão acerca das ideias e usando os termos mesidade e vasidade, Diógenes disse:

*– Eu, Platão, vejo a mesa e o vaso,
não a mesidade e a vasidade.*

Ao que Platão respondeu:

*– Você tem razão, pois você tem olhos com que se veem o
vaso e a mesa, mas não tem mente, com que se
entende a mesidade e a vasidade.”*

(Diogenes Laertius, Vitae philosophorum)

*Este livro para os peitos de coração nobre;
para os filhos quando crescem.*

SONETO AO IPÊ-BRANCO (CCXXXVII)

DOS INTERVALOS de minha vida votiva
eu te vi florescer, ipê-branco, entre os trevos.
As estrelas, os meus lenços e as folhas de olivas
calam de teu silêncio branco em mais alto relevo.

Cada verso meu, um pedaço teu que recolho
de corpo em que penso nestes tantos intervalos:
o que me vence porque me dás de regalo,
o que me preenche porque vem de teu olho.

E me deste muitas pausas que a vida te deu...
Feito de pura chama, no breu de meu pranto,
este corpo inteiro forjado de encanto teu,

O que me doeu, me fez inteira, e me levanto:
para cantar mais sobre a verdade dessas alegrias,
da tua canção dos anos, minhas palavras os dias.

SONETO CCXXXVIII

SUPUSESTE que o meu amor não perdura
Se que minha distância é a comprovação do fato.
Mas se a louça na pia, a roupa suja e a amargura
são as mesmas de ontem, não será também fátuo

O amor que celebro muito mais porque senti,
o que se acumula no corpo dia após dia.
Também limpa de açúcar as flores o colibri,
no mesmo reparo de dizer sua frequente agonia.

Pois se as coisas que fazemos são as mesmas,
apesar do canto das horas dizendo o tempo,
que dirá então em intensidade de quaresmas:

Te amar profundamente em cada entretempo.
Pois duram, sim, infinitos, sentimento e emoção
repetidos de haver espaço entre as baladas do coração.

SONETO CCXXXIX

MINHA AUSÊNCIA é menor que a tua ausência,
pois não imaginas o que em ponto de fuga ensejo.
De ter sede, encontro a água, eis a ciência:
e de viver no deserto, muita água vejo.

Pois se um casal portando o Cristo aparecesse
meio à noite e, parturiente, necessitasse repouso,
talvez hoje nem manjedoura fosse algo generoso,
tendo em vista tanta coisa, que nem Deus carece.

Que dirá se então falamos de um amor humano:
quem reconhecerá o orto de verdadeira chama?
Não discerne o olhar apressado seu valor honesto...

O que sempre vasculho em carestia do lhano,
para receber o apuro de teu abono modesto:
este láudano diário de aliviar quem te ama.



SONETO CCXL

Ó, NOBILÍSSIMO AMIGO, as tuas linhas que me pediste:
queres estar no centro dos holofotes com mão destra,
pisar na lama, elevar guindastes, correr na selva,
com teus punhos delicados de linho e tua pele de lã.

Mas esqueceste do brutal acontecimento deste verso,
do que pisa o passo, brota as árvores e corre selvagem
em teu peito de vontades e em teus olhos de sonho:
a Palavra que criou nos ouvidos um chamado mestre.

Esqueceste do que há por dentro desta víscera delicada
e humana, de amar mais do que tens em vista diante:
e te dedicas árduo como ourives do momento passageiro.

Esqueceste do que foi escrito em minha carne
e não cessa, de cantar eternidade no tempo feliz
e incommensurável: o dia em que jamais nos vimos.

SONNET TO THE EAGLE (CCXLI)

IT WAS a cloudy day that bitter October,
when you brought the Sun into North Carolina.
There you spoke your humble thoughts
in the proud square of our minds.

There you stood where nobody stood before:
death and bravery sounded along the Truth.
Where we had neglected, there you stood!
Wearing the colours we sang in our journey...

Flying over the rough steep with no effort...
I will remember the joy of such self-welcome,
in the time of need, the time of fair reasons:

To make our dispatched lives matter again.
Once a threat on our words, once a prey on our walls:
but always the scream of our hearts.

SONETO DO AMOR MAIOR (CCXLII)

MAIOR, dizes que o mal existe porque alguém o permitiu,
mas eu digo que o mal existe porque alguém o perpetrrou.
Não queres discernir quem dispersou o teu redil,
e talvez batalhar seja vontade que melhor soou.

De fato a tua bravura há de ser mais celebrada,
a minha prudência me deixa onde estou, por certo.
Assim, repelir o mal será razão de tua alçada.
A minha me deixe: espreitar ardis descobertos.

E nestas batalhas feitas de esquadro e de aço,
o frio, a sede, a tempestade, o cansaço...
Mas se o bem existe, Amor, alguém o consentiu!

Mas se o bem existe, é porque alguém o fez...
Igual tocaste o meu rosto pela primeira vez,
igual teu ombro a ser de meus braços o fio.



SONETO CCXLIII

CONTUDO eu permaneço em teu colo,
em teu mistério de paixão irreversível
enquanto me dedico a pontilhar o solo
do outro lado de meu espelho sensível.

Nada mais no mundo me lembrava de ti ,
nem o ônibus com teu nome em Trocadéro.
Nos meus sonhos, em outro canto me redimi,
nas ilações de meu encalço passarineiro.

Mas em meu caminho raia o belvedere branco,
a música onírica do mesmo ardor sem esforço,
o templo do amor! E paro o veículo, canso,

De correr entre os galhos e folhas, eu me contorço.
O mesmo belvedere sobre a água em meu sono agitado!
Concreto, diante de meus olhos, os teus no Siena, calados.

SONETO CCXLIV

A TUA AUSÊNCIA jamais causou nenhum estrago
e a tua presença reparou o andar de minhas pernas.
Eu estava jogada à desesperança de um tempo vago:
em grande sofrimento encontrei tuas palavras ternas.

Por que me encaminha o laço da poesia
rumo ao traço que faço de terras eu desconheço?
Da minha passagem neste mundo, não mereço
a razão do sentimento que minha lágrima escondia.

E vejo finalmente: tuas mãos dilaceradas
do holocausto de crianças, mulheres e hospitais,
a ordem impiedosa do legatário do último império.

E sobre o Siena as tuas memórias resgatadas,
redivivos os homens, as flores, os animais
onde retornaste à vida, à beleza, ao amor, ao mistério.

SONETO CCXLV

POIS O MEU AMOR vem ao meu encontro,
o colarinho dobrado, colete negro e veludo de gálago,
gorget de prata, vieiras de renda e canon pronto:
escondidos em seu peito os frutinhas de amálgamo.

E ardem em minha boca um a um estes murmúrios,
de puxar em cada ilhó os cordões de seda urgentes,
as fitas que amarram teu manto para este tempo inclemente,
minhas mãos debaixo do forro, dos teus botões mercúrios.

A descobrir redecorados os teus vasos de antúrios,
gibões fazendo a guarda de meu amor desmesurado.
Para cada um deles saudarei depois um bom augúrio,

Mercenários contratados para eu despir teus pecados...
Aos ouvidos, como sempre, desnudemos joelheiras.
Basta, basta, sonhar teu rosto: dedilhar uma jarreteira.

SONETO CCXLVI

ÉATO CONTÍNUO o esfolamento de meus olhos,
escoriados pela desolação de terror e ciclones.
Não encontro o peso de meus frutos nos galhos,
a sede e indigência pela falta do que me friccione.

E me encontras peregrina sob a sombra desta casa escura:
no vazio, de tuas mãos vertes água sobre minha boca.
Os meus lábios rachados e o peito partido de chama pouca,
a esta poeta a tua visão de esplendor então me cura.

Esmoleiro de todos os meus dons e virtudes,
construído por ti mesmo, o meu lírio na pedra gravado
que um dia cravará minha sepultura e dirá quietude,

O selo sobre o meu seio, por tuas mãos lapidado.
E já não tenho mais palavras para o som de teus passos
pois o mundo é um lugar seguro de novo, em teus braços.

SONETO DO PERDÃO (CCXLVII)

MAIOR ATENÇÃO, Amigo: por que te perdoo?
Não fizeste mal a Deus nem a crianças em meu colo,
apenas disseste um pensamento longe deste solo.
E, embora doesse, ter distância dói mais no voo.

Mas não é raciocinando dor menor, que isto soo:
pois perdoar é um enorme gesto que tudo aplaca.
É o que faz baixar a ponta de toda faca,
É o que faz curar teu mal-estar e enjoo.

E me fazes chorar pelo ansiado momento vindouro
em que também me perdoarás, o que por fé antecipo,
e terás este mesmo delírio de encontrar um tesouro,

Saber-te perdoado: porque de ter amor participo.
Nada temos, neste mundo, nada salvam o poder e a riqueza,
e nem mesmo a sabedoria vale mais que sanar tuas tristezas.



SONETO CCXLVIII

ENQUANTO DURMO, eu peço: me desperta!
E me perguntas: algum amor é melhor que a solidão?
Protesta o amor-próprio, outro nome do egoísmo,
prefere manter à distância quem odeia o perdão...

A resposta, Amigo, apenas quem viveu sabe:
da mais completa solidão e do amor verdadeiro.
Eu dispenso o conselho de quem o vende a terceiros:
prefiro-te poeta confessando o que em meu peito cabe.

E do que vivi, sei que amor é o que sobra:
tanto mais se tem quanto mais se dá,
tanto mais se tem quanto mais se pede.

Por isso resolvo matar sempre a tua sede
e te chamo de Amor, no meu colo: por respirar...
Enquanto penso o que te deixarei de obra.

SONETO CCXLIX

(para um colega injustiçado)

EEM REPOUSO, nada fazem os loucos.
Ignoram a dor, pisam no alheio sofrimento.
Apenas reações de encontros doutos
decidem o caminhar e resolver por dentro.

Mas a Verdade escapa a todo plano.
E escutas, Irmão, no meu peito dilacerado
o grito rasgando a bandeira de cada ano,
a mudez e o fogo, o meu choro em cados.

E digo que não choro, o que digo sempre:
apanhei de meu pai por certa vez ter chorado.
Assim dizia, para suportar um homem ao lado

À mulher caberia ainda mais duro sentimento.
Até ignorar todo escárnio, ódio e relento,
e fazer o que na vida e no amor se cumpre.

SONETO CCL

TE ATINO: querias a privacidade absoluta,
mas te esqueceste que tua vida é pública.
Multidões se concentraram em teu corpo:
brancos, pardos, negros, santos, prostitutas.

Agora queres dominar o que a vida insistiu.
E quando eu existia em tua vida, te avisei
sobre os perigos de sentar-se como rei
sobre as matas e os rios violentos do Brasil.

Agora: tudo é horizonte belo, macio e plano:
os sonhos se erguem como prédios bem construídos.
Mas haverá o momento de dúvida escolhido,

As ofertas de cada dia entre o secular e o profano.
E como quem opta por si mesmo leva na testa!
Não ser destruídos: Amigo, eis tudo que nos resta.

SONETO CCLI

PARA QUE SEJAS indestrutível em tua alma,
nada brilha mais do que ser cristal puro.
Face ao mar propício de tuas coisas calmas,
a vida segue sendo o princípio de porto seguro.

As predileções se desfazem como areia,
porque me deste um pedaço em teu peito.
Nada me fará desistir de estar nele cheia
e de encontrar o teu auge, feliz e satisfeito.

Amor, quando o tempo de eternidade venha
e tudo tiver parecido um teatro em vão,
não irá naufragar em vagas de exaustão

Este gesto e prodígio de vencer na penha*.
Sim, pois estive dormida de morte e voltei aos meus.
Assinado e com firma reconhecida: só mesmo Deus.

* Segunda batalha do Convento da Penha, no Espírito Santo, Brasil, 1640, quando se conta que, pela oração de Frei Francisco da Madre de Deus, desceram soldados do céu e desistiram os holandeses de invadir Vitória.

SONETO CCLII

OCÁLICE esvazia, mas digo: Amor!
E o pássaro canta, o mundo gira....
A árvore verna e desabrocha a flor,
a tua alma vive e é sonora a lira.

Pois não cessarei até que chegue o dia
em que saiba do amor o mesmo tanto.
O que me fizeste de bastante encanto,
de dia e à noite a minha mão afia.

E nenhum êxito terá sido tão grande
quanto não revogar este Amor em canto,
fazendo dele o meu campo e estande,

Da mesma hora os variados santos.
Até esgotar o que não se comande,
até ouvir o teu copioso pranto.



SONETO CCLIII

EM QUE década eu agonizava, esbofeteada?
Aquele tempo de toda mulher sem honra.
Os tiros despóticos nos pés de meu Senhor, as risadas,
meus filhos subtraídos, a lista de calúnias hediondas.

Indagavam os desavindos se já estava bêbada e louca,
se com isso já teria um poema digno, as velas acesas.
A modernidade! Sem sentimentos, tão dura e tão pouca...
Já dois livros! De volta à vida? Mas expulsa de minha mesa.

De retorno, condenada sem nada feito, onde o meu epitalâmio?
Dezesseis estrofes perdidas, de lirismo perfeito, espontâneo.
Foi quando surgiste: e já perplexa, bêbada, louca e triste,

Sem nenhum verso te rechacei: o amor não existe!
E na solidão escura do universo, a surpresa de teu presente...
O Amor que não cabe em nenhum verso: uma torrente.

SONETO CCLIV

OVINHO REPOUSA e os teus defeitos pulsam:
mas sendo sacrifício, disso há melhor descoberta.
Assim, se à nossa memória e consciência expulsam,
eu cantarei melhores tempos pela noite aberta.

O que poderá desdizer a honra de estar a teu lado?
Amor, se houver ranger de dentes e mortes,
este canto sanguíneo nos dirá tivemos sorte
de não ter refletido no espelho dos malvados.

Direi tempo feliz, e a linha de meu peito exorte
lirismo verdadeiro de sentimento imaculado.
Estás agora seguro, embora frágil o abrigo

Nas tendas menos ricas de ermitãos moderados.
Mas não é a força de ser invicto que me faz contigo:
é a culpa do teu beijo, do teu rosto delicado.



SONETO CCLV

EGRITAM, quebram espelhos os insanos:
ameaçam ritos de Estado e nos ataçam, violentos.
Mas vive e defere melhor o passar dos anos
quem celebra a memória e guarda sentimentos.

E o Sacramento de comunhão nos arrasta
a provar incredulidade, o crime, o mau senso
de quem, parasita, nos censura com censos
de nossas fraquezas em não dizer: basta!

Dissemos tantas vezes os nossos limites!
Mas seguem os déspotas pelo poder desvairados:
não querem descanso, nem têm outros projetos.

Pois quem demandaria já estando com o poder quite,
tomando por dever um trono, de não estar cansados,
sem ter feito do serviço uma diversão, abjetos?

SONETO CCLVI

QUANTO A MIM, tenho amor à liberdade.
E me dizes a liberdade é isto:
amar o que nos traz felicidades,
o espaço que para si conquisto.

Dizer o que eu penso e em ti critico:
por isso, Amor, és jamais deposto.
Liberdade, liberdade, está neste pico
de pensar e refazer do que não gosto.

Quem me dera fosse eu também de aço e pedra:
do teu mesmo material indestrutível e perfeito,
que de me ouvir qualquer linha já celebra

Para argumentar apaixonado teu direito.
Silêncio, eu só terei quando me deixares
liberdade, de fluir teu sangue, navegar teus mares.

SONETO CCLVII

TOMO A TUA FORMA de turmalina rosa
e te encontro em tantas alvoradas no mundo.
Comigo desperta cedo a manhã generosa
de pássaros, lembranças e de tanger fecundo.

Comprei um pedaço de coração em teu peito:
em troca te dei um pedaço de terreno no meu.
Contigo a vida mora neste eterno apogeu:
os cisnes nos contam nosso amor é perfeito.

Mas se encanta pouco quem anda de passo volível
em busca de vitórias, passamentos, tundas,
esbarra em si dizendo da vontade o legitimismo.

Infartável se torna, então, quem tanto redunda
em isolar cada gesto com fole qual combustível,
irascível, presumindo o sacrifício um comodismo.

SONETO CCLVIII

POR CAUSA DE plantar flores
no jardim suspenso de tua alma
por adornar caminho de ardores
para guiar-te rumo à eternidade calma.

Por ter calcado um rio antes que o visses,
por navegar sem ousar domínio dos mares,
por arremessar às estrelas de órbitas circulares
espirais de desejos que no deserto eu sentisse.

Por minhas falas brancas e tuas ideias negras,
por causa de tua honra e de minha dignidade,
dos pássaros rindo em ninhos de plateias gregas,

Da conurbação de muitas animosidades.
E conturbados dormem sem saber problemas:
porque te escrevi, Amor, e construí poemas.

SONETO CCLIX

MEU DEVANEIO de andorinha itinerante
pousou nos galhos de nenhum ganho.
Sem folhas, sem flores, dói tanto e distante
o ventre sem filhos, por ardil tacanho.

Chutes e espasmos de uma enfermidade,
nem me alimentar eu podia sozinha!
Clamei por cristal junto à minha avezinha,
trouxesse no tempo melhor a verdade.

A mente perdida em quaisquer bandas,
superar o baldão de ver tantas mortes!
Do lado dos que tiveram por consorte

A pouca esperança de quem já não anda.
Mas ressurgiste e interrompeste o holocausto:
voltei! Levanta..! Quem se odeia é Fausto...

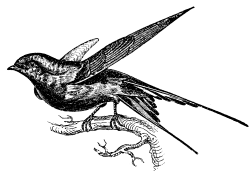
SONETO DE SALVAR O HERÓI (CCLX)

NO VENTRE o espasmo de ausência,
no seio, a dor de audiência dos Filhos.
Mas segues anuindo o sofrimento e a demência
dos que te precederam, advogando maus trilhos.

Sim, porque te encantas com a casca de farsas!
No poder, os homens adornam as mentiras.
Ostentam bandeiras pisando-as, comparsas,
retirando a importância do que tua Justiça mira.

E assim me feres, sem que o saibas:
de ser conduzido às águas impiedosas
onde naufragam naus em narsa de poder.

Onde os hiatos de discursos prenunciam albas
de outros intendentes, com melhores prosas:
pois de chaga verdadeira não se pode desdizer.



SONETO CCLXI

BUSCANDO A LUA eu li, sagrada no teu peito,
o dinheiro perturbando a graça de tua vida.
Assim como as pragas me privaram de ter direito,
também sobre teu dia seguinte recaem feridas.

A tua ambição em ter mais do que necessitas,
o teu futuro desenhado pelo lucro que esperam...
Então esquecida a vitória que os Santos esmeram:
Amor, o maior prêmio de portar honra sem fitas.

Mas de dor imensa que para outra mulher não havia
eu tiro de minhas mãos igual sentimento profundo.
A cura de todos males neste poema cravo escondida...

Teus olhos apenas lerão depois de muitos dias,
mas se alegrará contigo o restante do mundo...!
Em saber que há palavras com tanto amor vestidas.

SONETO CCLXII

É S O SOLO de minhas andorinhas nascendo:
sobre tua vida escreverei até o fim de minha vida.
Porque me emociona o que em silêncio vai crescendo:
lonjura do meu caminho, distâncias percorridas.

Neste lugar onde os versos brotam,
neste andar em que teus medos falam.
Neste rezar de que meus lábios gostam,
neste encontro que os anjos instalam.

Sobre a tua vida escreverei até o final de minha vida,
dos momentos sangrados, lacrimosos, de tédio.
Por quê? Não sei, não há para o amor remédio,

Senão perguntar ao dia qual resposta em seguida.
Tuas mãos jamais partidas fizeram este baluarte:
onde renascem minhas andorinhas, de amar-te.



SONETO CCLXIII

ONDE BROTAM as melhores escolhas?
Tudo é seco, e se ontem o banho foi rico,
de novo têm sede, sem flores, as folhas:
o dia amanhece com sol rascante em pico.

Assim, Amor, é o lugar onde estamos:
apesar de constantes e afáveis carinhos,
teus beijos não saciam meu corpo com danos,
sobrevivo na estação em busca de caminhos.

Se na voz vou dizendo as melhores frases,
por trás, meus olhos pedem o ar de tua graça:
de conforto e umidade nos teus braços me sacio.

Tua água que não cesse, a ponto de que te atrases
de fazer teus compromissos, encher outras taças...
Apenas em nosso arbusto regados os dias a fio.

SONETO CCLXIV

OS MEUS VERSOS redondos pouco te importam,
preferiste a aspereza da vida dizendo a ilusão
com que partidos novos ensaiam e se aportam,
presumindo ser corretas a via e sua contramão.

No fundo, escolheste tua realidade selvagem:
não tens fé na construção do Estado.
A civilização para ti foi algo inventado,
a incerteza da morte, desde a infância teu pajem.

Assim sendo, ajustas tuas ideias como as velas
que podem rasgar sobre o mastro dos princípios
teus valores no leme para os lados removíveis.

O que posso dizer então, além de paisagens belas
que devemos sonhar quando nos falham solstícios?
Em que de fato se abrem as novas terras possíveis.

SONETO CCLXV

É S O AÇO de meu nervo diante da morte,
a possibilidade que se abre de haver guarida.
Por mais no amor e no jogo me falte a sorte,
na tua amizade eu deposito esta lida.

Dizem ao herói para salvar logo a si,
dizem ao médico para curar a si mesmo,
para o andarilho perambular a esmo,
para o peregrino rezar o que conclui.

Mas és o aço de meu nervo diante da falta de sorte,
o ato de estender a mão a quem não convida...
A cura de quem sem forças nos pede vida!

O caminho traçado de um jardim como norte.
A lareira confortável quando não há suporte,
a linha que faltava para um falar que cuida.

SONETO CCLXVI

DE MINHA MOBILIDADE em bons passos,
eu bem gostaria fosse feito todo caminho.
Mas eles se projetam sobre vários espaços,
por vezes não traçam o melhor pergaminho.

De minha liberdade em dizer o que penso,
busco o que nos chia mais feliz fortuna.
Eis o que me preocupa, à falta do que nos una:
a um desvio de fé e de razão ser propenso.

Se no meu rosto permanecem da dor sequelas
que não diminuirão nem passarão com o tempo,
eu me dirijo então às estrelas nesta janela

Para que redesenhem as alças de bom sentimento.
E assim, Amor, possa o teu ombro carregar esta bolsa
de sons por estrela repetidos, e teu coração ouça.

SONETO PARA O BOM COMBATE (CCLXVII)

OTRAÇO DE MOVIMENTO de canção suave
diante da brutalidade reclamando a treva,
frescor nemoroso de encontro e conclave
das flores e cédulas de árvores que a brisa leva.

E se incessante nos malha o martelo,
de aspereza e injustiça, de morbidade e luto,
ser a incude maciça de um aço mais resolutivo,
forjando espadas de virtude contra o flagelo.

Pois não cessarão os maus de ter maldade,
os olhos impuros continuarão vendo lama.
Mas temos no peito um coração que ama

E olhos que anseiam contemplar a verdade.
Apenas o bem nos satisfaz com dignidade
e a busca de ter paz nos faz queimar esta chama



SONETO CCLXVIII

DOS ASTROS toda pessoa dispõe de acesso,
bastando para isso levantar os olhos.
É pequeno, portanto, todo insucesso:
face à orbe se dissipam os monopólios.

De perfil ao infinito, o perfume de teus modos
inclinado a predicações que os pais nos fazem.
Mas o céu estrelado te desmente em mensagem:
sê feliz, na escuridão suficiente brilham todos.

E Giordano Bruno foi queimado na fogueira:
por dizer não ser infinito o passo das estrelas...
A noite seria um dia, houvesse incontáveis delas.

O cientista não captou os infindáveis espaços vazios
que os mundos conquistam sem se pendurar em fios,
sofrendo com a grande distância sobremaneira.

SONETO DO AMOR TOTAL (CCLXIX)

(para meus Filhos)

N O RASTRO de minhas dores,
minha alma jamais te olvida.
Transformadas ou não em glória,
não se fecham as feridas na minha vida.

Apenas o remédio a cada dor que sinto
poderá, respectivo, um dia sará-las.
Por enquanto eu sigo e não minto:
és meu mundo, e quando lembro, me calas.

Não há honra que suspenda o universo
e a vida eterna não distrai o meu peito.
As divagações de pensamento em verso

Não consertam estes dias imperfeitos.
Apenas quando estejas feliz nos meus braços
haverá sentido no que vivo e no que eu faço.

SONETO CCLXX

DE TUA SOMBRA não se projeta tua silhueta,
mas, ao contrário, é a sombra que te acompanha.
Do mesmo modo, se o povo não te completa,
as tuas palavras não esboçam grande campanha.

É preciso ouvir as necessidades e os seus efeitos,
no que os mais humildes se juntam, temerosos.
Mostrar um futuro comum de nosso direito,
Não apenas aos que jorram barulhos irosos.

Mas te concentras e te fixas nos defeitos de ideias,
elaboras sendo guia de prosperidades alheias.
Esquece, Amor, dos que te contratam louvores...!

Encontra o que busca o povo, escreve aos destinatários...
Ali roubarás de sua húbris o incrédulo e autoritário,
com voz maior nas cidades que guardam os eternos amores.

SONETO CCLXXI

ÉS MAIS QUE o elmo elevado em minha testa:
imprecação contra ti causa em mim ferida e dano.
A tua causa o cidadão difama e o prócer detesta,
Amigo: em meu rosto e ouvido o agudo e o engano.

E já em repouso, de libelo e de surra fatigada,
sem poder dizer palavra contra o divino plano,
me misturo ao desdizer que cabe a todo ser humano,
eu tiro a capa de meus ombros, ensanguentada...

E me deito esperando nada além da madrugada.
Contra o justo, não há argumento que eu presida:
que dirá de companheiros cuja fé em mim resida...

O volume ensurdecedor de que elogiaste a tirania,
penso que levará para amenizar ainda mais anos e dias...
E recordo, o erro serve para falas mais delimitadas.

SONETO DO EMBAIXADOR (CCLXXII)

A MÁSCARA PARTIDA sobre o rosto partido
Esboça um sorriso franco de soberania.
Guardião de muitos escritos herdados,
de almas antigas em viagens e poesia.

Filhos dispersos e preocupação nenhuma:
o sentido de si mesmo nos é obrigatório.
Para não vaguear no ermo de escritórios,
a rocha de um vazio é desfeita pela espuma.

E nos leva adiante a cominação de um castigo:
de domínio se romperam a máscara e o rosto.
o arrependimento é proibido, questão de gosto...

Feliz quem deu de ombros mas não torceu o braço,
sabendo que adiante já nos recurva o cansaço,
da vênua itinerante em que pesa o País consigo.



SONETO CCLXXIII

HÁ ESTRELA em tuas mãos de percorrer papeis
e nas palavras ponderadas sem estrugidos.
Há estrela em tua boca de dizer o invés,
na coragem contra o ato estéril, pré-concebido.

Tolerado por colecionadores de multidões
como defensor tímido de não dizer bravatas...
Vais fazendo um melhor mundo em tuas atas:
o que sonhamos impossível meio às paixões.

Pelos desiludidos que bebem da incredulidade,
irremediável é a realidade, e quem a muda: um tolo.
Mas felizmente jamais coalizam o soldado e o cético.

Amor, portanto é dia de mais felicidades,
de plantar o que é necessário em nosso solo:
a humanidade sóbria de teu sentimento ético.

SONETO CCLXXIV

QUE SE saiba: sofri muito, e dizer dói mais ainda.
Felizmente entre humanos a mútua tristeza logo finda.
Eis ruído, que a chuva mansa rega o jardim da tua casa:
o mesmo barulho que abranda a ferida de minha asa.

O céu que ergue os teus olhos de manhã pela janela
é o mesmo abrindo meus olhos nas auroras, pinturas em tela.
E de noite o cosmo infinito que te deixa sem ter perguntas
também me faz fascinada de nossa imensa sala conjunta.

Talvez um dia o verdadeiro encontro de ajuntar os atos de fê.
Talvez não mais nos cruzemos, nem por um momento sequer.
Mas a chuva, o céu e a noite seguem ligando as nossas vidas

As coisas que não falamos seguem dizendo no peito doídas.
As mãos aqui digitando longa distância também são as mesmas,
e os versos que foste buscando na tua fala, em minhas resmas.

SONETO CCLXXV

ESCONDE bem a mágoa, o passo de transeunte,
saber o destino incerto e este verso, temporário,
as duas primeiras linhas, tuas ondas de itinerário,
e o restante deste soneto a minha rocha durante.

Um trecho percorrido à beira do mar de felicidade,
que belo poema se inicia com teu fôlego mestre!
Mas vem a cada palavra a maratona silvestre...
Depois de alor sereno, o que resta de brevidade?

Mais do mesmo, dizem os vândalos em busca de lenha:
não viram todos os tempos recolhidos no teu colo,
nem cada cordão de prata* tecendo sobre teus ombros.

Menos preocupados com a vida do que sua resenha...
Mas transeunte, herdaste o caminho: para andar pisaste o solo.
E quem cismou em destruir tem como legado escombros.

* Sutratman ou cordão da vida da antakarana. Na cultura indiana, conexão vital da consciência com o corpo físico.



SONETO CCLXXVI

NO TEU COLO ARDENDO meu rosto repousa,
N apenas os teus braços me fazem envolver segura.
Há milhares de homens com boas e justas causas,
entretanto só quando surges o meu dia fulgura.

O trovador diria que é o efeito da primavera
e o meu muso me ameaça chorar muitos rios.
O médico explicaria a reação a tempos sombrios
e o adversário subterfúgio para fugir de sua esfera.

Ao trovador, ao muso, ao médico e adversário,
eu aceno feliz sem preparar nenhuma resposta
e prossigo escrevendo enquanto estiver disposta,

De encontrar no teu colo um espaçoso solário...
Donde vejo as estrelas nos teus olhos de origen,
onde estão teus sorrisos e beijos que me corrigem.

SONETO DO AMOR LÍRICO (CCLXXVII)

EM BUSCA DE CARINHOS este amor é lírico; sim,
é direito inalienável ter o remédio a por na dor um fim.
muito embora todos saibam, este é assunto complicado:
afinal o amor repara, mas também nos fere um bocado.

Mas ao menos é nova a ferida que na linha formida aberta.
Sangrando é que se renova, remenda e se faz descobertas...
Tens aqui, Amor: todos os meus versos, estudos e orações.
Tudo que escrevo, arcaico e coevo, desertos e vegetações.

Afinal eu sou um ser livre: ao leitor que inspira a poeta,
amo de volta sem haver pretexto, penhor, razão nem meta.
E o que é necessário para que eu continue te amando?

Nada. O amor não se decreta, se existe já está vigorando.
Não há nenhum concílio, nem consórcio, nem arremate,
apenas os meus cílios molhados, pungindo estes debates.

* “E vi o mar formidando,/ Cheio de mastros e velas,/ Ocultos clarins
vibrando/ Pela boca das procelas.” (Cruz e Sousa, Diante do mar).

SONETO CCLXXVIII

POIS ÉS QUEM FAZ reunir os meus pedaços:
mas o que me resta é ser um modesto mosaico
do que se rompeu de estender em muitos espaços,
as peças empenadas de um canto cetrino, prosaico.

Consulto, pois, quem me fez tesselas no piso:
aquele que fez surgir da rocha bruta de montanha
cristais de reunir minhas forças em nova campanha,
se mais tenho a dizer do amor inteiro em teu sorriso.

E és quem me conta cada beijo é cada peça,
articulando e assentando um completo desenho
do que remetemos e a vida então nos regressa,

O abraço entre o que buscas de mim e em ti retenho.
A liga entre fibras fluidas nos formando melhor gravura:
ruídos congruentes cravados nos dias de graça e frescura.

SONETO CCLXXIX

O BRILHO DE chama na especiaria perfumada,
o pergaminho achado em um campo perdido,
a nuvem corpulenta entre os dedos de delírio,
a fonte de água viva escorrendo pelos lábios...

A pedra de corisco guardada dentro de um caule,
o vento ocioso reunindo os vincos de jasmims,
a Spica vista ao raiar da noite desde o arco da janela,
o pensamento perfeito do coração sublime...

A companhia dourada que nos fez a sala salobra,
a boca branda que não denuncia a palavra
e ergue os sintomas de augúrio festeiro,

O instante em que a flor se abre em leve aroma....
Todos estes lugares famintos e tesouros guardados pertencem
a ti, ó, senhor de amor sagrado cavalgando em meu peito.



SONETO CCLXXX

(para um enfermo)

MINHA LIBERDADE ETERNA é reversível.
Alguns amam, penam, sofrem, e não nos deixam.
Até o último momento, a vida é plausível,
respirando e sentindo, jamais te enfeixam.

Interminável a espera de Arimateia e Nicodemos,
rezando a Deus houvesse maior sentido: um milagre.
Deixaram o Senhor dormindo, na sua boca o vinagre
que tantos lhe deram opinando o que não cremos.

A verdade no corpo contida: a alma é imortal.
Visita noturna a amigos e aos que foram perdoados
pelas maledicências, atos vis e juízos defraudados,

E tanto assim se salvou de pureza no mundo.
Antes do fim, nada é final!
As mulheres insistiram em um rogo mais profundo.

SONETO DE UM SEGUNDO (CCLXXXI)

(para um moribundo)

NO MOMENTO DO DIA viveste mais um segundo:
apenas um segundo a mais nesta dita vida!
É o que dizem, me debes de um rogo mais profundo
que nos fez suspirar todos, quando tua fé foi vencida.

Mas vale a pena um segundo a mais de chama,
desde os anos subtraídos de ter grande peso?
Quanto vale um segundo a mais de quem eu prezo,
que valor tem um segundo ao lado de quem se ama?

Eis este despique generoso de resultados incertos,
para os que em nada creem e nada querem saber
qual é a nossa verdadeira razão de ser,

De dizer ao mundo um sentimento aberto.
Só sei vale um segundo a quem ama todo o universo!
Infinitas vezes cabem em um segundo a vez de viver.

SONETO CCLXXXII

NEM OS GRANDES deixam de ser escravos
de uma ideia que os toma, de visão que arrasta.
Note que as aves dependem dos sonhos bravos,
como o terebinto*, de uma água que lhe basta.

Também sou eu prisioneira cativa
de teus beijos d'Olho, de sons de seresta,
de um ouvido que não me contesta,
dos teus braços, onde me sinto viva.

Também me fizeste escrava desta loucura,
de beber das palavras o seu significado.
Viver de abrir tuas coisas e branduras,

De dizer que estarei sempre do teu lado.
Não reclamo, Amor, de viver com essas algemas:
assim jamais decretado o fim destes poemas.

* “Estendi meus galhos como um terebinto, meus ramos são de honra e de graça.” (Eclo, 24: 22)

SONETO CCLXXXIII

REIS DO PASSADO semearam diligentes
a murta, o trigo, o pomo e o louro*.
A murta em rama de maratona consequente,
o trigo de alimento para os anos vindouros.

O pomo dourado e suculento que os deuses
partilham com quem na encosta se eleva,
e em busca do que nos livra da treva
coroa de louros de vencer os vieses.

Neste jardim eu caminho e os teus medos busco
também diligente, eu os arranco como a erva
para que apenas cresçam os teus frutos de alegria.

E se há quem plante a erva de falta de uma utopia,
a eles peço o façam em um terreno com reservas:
assim tua colheita longe de espasmos bruscos.

* “Ofereci incenso na frente do Monte-Zigurate. Sete vasos de culto coloquei [...], deitei juncos, cedro e murta. Os deuses sentiram o cheiro [...]” (Epopéia de Gilgamesh, circa 4.000 a. C.)



SONETO DA LEGITIMIDADE (CCLXXXIV)

TIVERAM ESTÁTUAS os discursos perfumados:
feitos de orvalho os desenhos de paisagem nova.
Encontraram um signo raro para ser forjado
e resultado que, em nadando, o cisne comprova.

A luz branca esbatida sobre o teu rosto perfeito
me diz do sonho corrente em tua vida translúcida.
As cores do meu dia, lá fora, dizem as delícias
consoante o que encosta de legítimo em meu peito.

Assim, Amor, acolhendo as muitas dores,
encontre a tua combustão o que a consuma.
As minhas, guardadas em gavetas sem puxadores,

Já foram abertas e compuseram apenas uma.
De direito, no teu colo, os lugares muito diferentes,
e tudo que surge vai fazendo teu signo mais vigente.

SONETO DA LEITURA DE UMA BOA TESE (CCLXXXV)

TÃO INDESTRUTÍVEIS são os teus olhos!
Em tudo mudando, cores, gentes, resmas,
tuas chaves abrem as portas que escolho:
a beleza no mundo, deixaste toda a mesma.

E vou andando pelo labirinto de teu passado.
Não sou caçadora, mas examino por onde andaste.
Nas salas do mar, no sol do céu, no alto contraste,
nos ruídos e pausas de décadas atravessados.

Finalmente o encontro dormindo entre carneirinhos.
Nenhum contaste! E tens o sonho de Cipião constante,
contemplar a perfeita ordem e a música das esferas.

Fama e louvor terreno não fizeram teu dia uma véspera,
preferiste os valores mais altos, o tempo durante...
Ser jardim onde os pássaros verdes fazem ninhos*.

* “A que é semelhante o Reino de Deus, e com que poderei compará-lo? É como um grão de mostarda que alguém pegou e semeou no seu jardim: cresceu, tornou-se um arbusto, e os pássaros do céu foram fazer ninhos nos seus ramos”. Jesus disse ainda: “Com que mais poderei comparar o Reino de Deus? É como o fermento que uma mulher pegou e escondeu em três porções de farinha, até tudo ficar fermentado.” (São Lucas 14:18-21).

SONETO DO PARAÍSO IRREVOGÁVEL (CCLXXXVI)

QUANTO vale encontrar o que se busca,
a que se compara fazer um templo em Hévila*?
No teu abraço prolongado que o problema ofusca,
no fundo dos teus olhos, onde cintila uma pérola.

Bem assim é o Paraíso com que eu sonho,
te escrever tecelã de palavras mais lindas
os votos secretos do que vou fazer ainda:
um morso de medo não seja o que proponho.

E se me delimitarem as palavras de tua festa,
e se houver o tempo de coisas sobrepostas
e o teu corpo se mover como a flor detesta,

E se for desencontro de uma bolsa de apostas...
Descobrir que invalorable foi o meu longo abraço,
que é no fundo dos meus olhos, o brilho que faço.

* Terra de Hévila, localização do Jardim de Éden, onde há ouro muito puro, pedras raras e incenso.

SONETO DO VOO DA AVE (CCLXXXVII)

O VERDADEIRO CANTO é o voo da ave
sobre o lago de manhã quando a luz desperta.
Tudo apinha e nos demanda o percorrer da nave,
mas seu canto nos retém com a mesma descoberta.

Não há lucro no seu voo, ou ideologia,
não há luxo nisto que doo, nem utilidade.
Mas o erguer de sua asa é mais que a felicidade:
a beleza desta vida numa pouca sinfonia.

Não faz cura ao meu problema, o teu voo de ave.
Não há muito neste poema irisando o teu lago,
mas meus olhos vão sofrendo coisa menos grave,

Ver que a vida é vencedora, não importa o estrago.
Dorme bem, Amor, e amanhã me voa a ave de novo
por acaso se acordares de saber o amor que eu movo.



SONETO DE MERGULHAR NO TEU RIO (CCLXXXVIII)

TOMADO DE ÁGUA faz curso o teu rio,
o vão entre as margens refresca alguns ipês.
Eles me roubaram todo orgulho e brio:
eu me despi da noite apenas para ver você.

E se eu te olho à distância na mata enflorada,
onde brotam as cores, os pendores, os sorrisos,
é porque já sei que nunca é de improviso
eu me ver com um ramalhete para orquestra afinada.

Segue o teu curso, levando restos de terra, ó, rio.
A vida é isto: deixar na mata uma suave melodia,
até que alguém encontre o que tua alma pedia:

Ouvido feliz, cativado, pelo ruído de teu fio.
Os calafrios de respirar o ar que respiraste...
Triscar águas profundas, mergulhar no teu desgaste.

SONETO PARA UM HOMEM ESBELTO (CCLXXXIX)

PASSAGEIRA é a morte do mundo.
Tudo logo se recupera e nos rememora
do que buscamos seja cada segundo,
o que sem palpação, o sono revigora.

Amor, se tenho púrpuras por melancolia
de receber o que é bom e também o que me fere,
manhã seguinte me mostra na cor da minha pele:
a sensibilidade marca as palavras duras e frias.

Desaparecerá e esquecerei o que me disseram um dia,
afinal, o oposto da verdade é o meu puro esquecimento.
Restarão apenas os nossos mais lindos momentos,

Na eternidade frouxa de aceitar o que nos guia.
Eu subi a montanha, obrigaram-me a voar mais alto...
E vi teu rosto na missa, Amor, Amigo, todo esbelto.

SONETO DA TEMPERANÇA (CCXC)

EM SEU FLUXO PERFEITO a poesia é liberdade.
Dizem é pura liberdade fazer o amor em poesia.
Amar o mundo inteiro, todos os homens e cidades,
achar o sentido verdadeiro da vida todo dia.

Mas parece o sentimento só no verso é válido...
Amor, eu preferia dizer tudo isto diretamente,
contudo, transplantado, este amor é diferente!
Muito mais felizes os planos de gestos cálidos...

Pudera eu te escrever sem pretexto inteligente,
sem a dor que, de receio, delimita e nos adestra.
Descobrir o quanto te amo de maneira honesta,

Sem soslaio, nem virtude, de teu amor indigente.
Se bem agora eu lembro: disso eu sou a mestra,
de entregar o coração e descobrir se és gente.

SONETO DE SER O CHARLIE BROWN (CCXCI)

A LUZ APARECE aos poucos, raiando a alvorada,
e assim também progride o que eu vou pensando.
Afinal, e se eu entregar o coração na casa errada?
Se eu já li errado o número, a praça, o comando.

E será que adianta doar um coração em pedaços?
Talvez disso a facilidade: aos revezes indiferente.
E picotado em mais pedaços, uma areia ingrediente
de concreto nesta construção de pilares crassos.

Penitente de mim mesma, eu sigo agora,
devagar em não saber nada sobre o que espero
possa o mundo indenizar do mais duro sofrimento.

Mas algo em mim me diz não devo obrigar a hora.
Mais dia, menos dia, surgirá quem eu tanto venero,
ainda que na lembrança de muito doce momento.



SONETO DA FALTA DE MEIOS PARA TE FAZER FELIZ (CCXCII)

DE TUAS NUVENS a Terra gira o que planeja,
de tua vontade, a razão pede o que o vento sopra.
Antes eu dizia vão o poder, a corrida e a peleja...
Metanoia de ver o grande mérito de tua obra.

Bem cética dos trajetos habituados à arrogância,
da ambição cismada em altares, ordens, liturgias,
dos que se contrariam enclausurados em hipocrisias,
eu desprezava o que via de derrocada a ânsia.

Mas eis que surgiste, Amor, a depuração absoluta
do que vale o esforço sobre a opinião cumprida...
E agora é minha a soberba de ter duvidado

Dos ritos de combate com formato de conduta.
Resta comigo o castigo de minha vida distraída:
as mãos de meios vazias para fazer teu agrado.

SONETO DA AUTODIFAMAÇÃO (CCXCIII)

AMOR, PORQUE não tenho um magnífico sorriso:
eu apenas poderia esticar com dedos os meus lábios.
Porque não tenho mobília moderna no último piso
e quando passo, jamais suspiraria o homem sábio.

O que me falta de beleza, eu não supri de inteligência:
as flores, os livros e as aves raramente me respondem.
Sobrou o dicionário, mas as palavras de mim se escondem...
Sem curvas convexas, minhas conversas sem referências.

E se me buscares na íntegra dos caudais de meus dias,
encontrará pilhas de meus infernos, estupidezes e sarcasmos.
Não, Amor: a minha conta e o meu sentimento são pobres.

Ao menos eu pudesse ser como as musas cheias de alegria...!
Fosse eu uma dama de respeito, causando espasmos...
Eu vencia todo litígio, mas de coração partido? Não fui nobre.

SONETO CCXCIV

TUA VIDA COMANDA e os teus fatos obedecem.
És homem: queres ser dono de teu próprio destino.
Jamais entregas teu próprio juízo às cores das festas,
para as incertezas aprendeste a não fazer súplicas.

Assim que retorno às tuas virtudes, não aos meus defeitos.
De mim eu já sei muito, falar de si mesma é ridículo.
Eis meu trabalho de rezar pelo que não opino,
encontrar no tempo as coisas de passar os dias,

Achar no teu rosto o que me traz de volta,
ler nos teus assuntos os meus desdobramentos,
coleccionar as coisas de que tenho medo.

Não busco exatamente nenhum enredo ou imagem,
poder e glória e progresso, a ordem, estejam contigo.
Detrás destes versos, versos. Depois destes versos, versos.

SONETO DE CUIDARES BEM DA REPÚBLICA (CCXCV)

A VONTADE de desinstitucionalização, vejo é boa.
Estás no caminho certo de esgarçar a perversidade
para o aplauso de cinco ou seis ilustres pessoas...
Prossiga, ó, muso: tomei outro caminho, da felicidade.

Não, nossa amizade feita de muitas desgraças perdura.
Amor, já te dei a espada que teme o escárnio sinistro.
Então ergueste a lâmina afiada que o destino apura...
Mas de pensar a honra hesitaste, preferes ser tu o Cristo.

Também para mudar o regime já sabes o que fazer,
mas balanças teu inimigo como árvore de frutos maduros
se há tempestades que derrubam carvalhos e muros...

Te toca a espicacez do povo, não te seduz o poder.
Promessa de piedade? Não queres destruir do povo nada.
De índio selvagem a um estadista discreto: dou risadas.



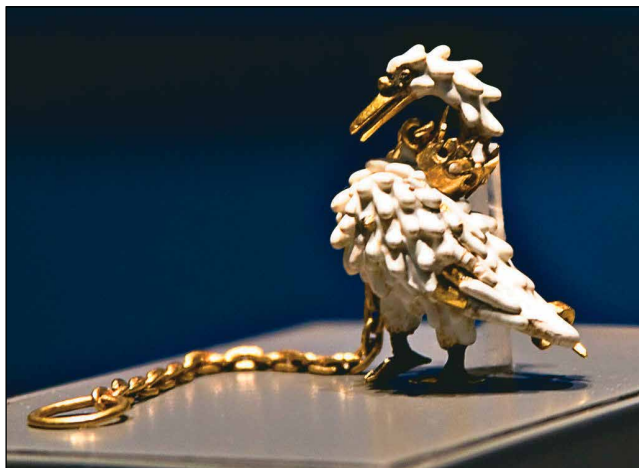
SONETO DE UMA INTERFERÊNCIA SUBJETIVA (CCXCVI)

DE MEU PEITO sincero não duvide, ó, muso,
se o meu riso, eu vejo, ao teu riso não incomoda.
Sim, ele é tudo que eu deveria ser. Homem abstruso,
tenha um pouco de pena de mim, não é moda.

Por que sofro por ele, e não por ti?
Ora, o teu mau gosto eu há séculos eu já conheço.
Mas observe, ó, muso, um homem que não mereço:
os bons modos políticos, um santo de me redimir.

Não foram santos todos os seus antecessore.
Quero com isto dizer a minha superioridade?
Não, Amor, pelo contrário, de todos estou à disposição.

Mas este não é todos, dele o brinde entre a fê e a razão...
Pudera eu fazê-lo feliz, dar seu nome a estrelas e cidades,
o menino mais bonito da sala pelo que sempre tive amores...



A Joia de Cisne de Dunstable, em ronde bosse, c. 1400. Sua descrição no Museu Britânico: “The Dunstable Swan Jewel. Knights were sometimes eager to demonstrate their descent from the Arthurian knights, such as the legendary Knight of the Swan. The Dunstable Swan Jewel was found in a Dominican Priory, Dunstable. It may have been worn to indicate an allegiance to the de Bohun family or to the House of Lancaster. King Henry IV (reigned 1399-1413) took the symbol of the swan when he married Mary de Bohun in 1380. About 1400, England or France, gold, enamel. PE 1966,0703.1; purchased with a contribution from The Art Fund, The Pilgrim Trust and the Worshipful Company of Goldsmiths”.

O POEMA ESCONDIDO NOS PRIMEIROS VERSOS

DOS INTERVALOS SUPUSESTE MINHA AUSÊNCIA. Ó, NOBILÍSSIMO AMIGO! ERA MAIOR, CONTUDO, A TUA AUSÊNCIA. POIS O MEU AMOR É ATO CONTÍNUO. MAIOR ATENÇÃO ENQUANTO DURMO... E EM REPOUSO TE ATINO, PARA QUE SEJAS O CÁLICE EM QUE O VINHO REPOUSA. E GRITAM! QUANTO A MIM, TOMO A TUA FORMA, POR CAUSA DE MEU DEVANEIO NO VENTRE BUSCANDO A LUA. ÉS O SOLO ONDE BROTAM MEUS VERSOS, ÉS O AÇO DE MINHA MOBILIDADE: O TRAÇO DE MOVIMENTO DOS ASTROS NO RASTRO DE TUA SOMBRA. ÉS MAIS QUE A MÁSCARA PARTIDA: HÁ ESTRELA QUE SE ESCONDE NO TEU ROSTO, DE QUERER TEU COLO, ARDENDO EM BUSCA DE CARINHOS: POIS ÉS QUEM FAZ O BRILHO DE MINHA LIBERDADE ETERNA NO MOMENTO DO DIA. NEM OS GRANDES REIS DO PASSADO TIVERAM ESTÁTUAS TÃO INDESTRUTÍVEIS QUANTO O AMOR DE UM VERDADEIRO CANTO, TOMADO DE ÁGUA PASSAGEIRA EM SEU FLUXO PERFEITO. A LUZ APARECE DE TUAS NUENS, AMOR, SOBRE OS MEUS OLHOS, PORQUE TUA VIDA COMANDA A VONTADE DE MEU PEITO.

A. P. Arendt

SONETOS DE PAIXÃO INCOMPLETA

Ana Paula Arendt —

6 DE JUNHO DE 2021



*Para os Filhos quando crescem,
para os amigos que gostam de amizade e
para todos que por mim têm ou tiveram
desafeto, dúvida, desdém,
ceticismo, desprezo, menosprezo,
indiferença, inimizade, reprovação,
estes poemas de um amor
sublime e extraordinário.*

“O melhor, e o pior segui forçado...”

Camões, Canção XI

“E veggio'l meglio e al peggio m'appiglio...”

Petrarca

“Video meliora proboque, deteriora sequor...”

Ovídio

“y conozco el mejor y el peor apruebo...”

Garcilazo, Soneto II

“Eu, definitivamente, vi o pior e o melhor dos homens.”

Lara Logan, Correspondente da rede de TV CBS,
violentada em 2011 na Praça Tahrir

SONETO CCXCVII

ME DEVOLVESTES mais uma dor que faltava em meu peito
Ó, Tempo, mestre da orquestra dos sons desta época!
Eu bem gostaria o mundo fosse um lugar perfeito
de sossegar meu choro, de me repor intrépida....

Mas esfolei meu coração e me esforcei debalde
supondo a paixão fosse encontrar teu sentimento.
Descobri, Amor, paixão de verdade é este tormento:
sofrer em tuas mãos, por mais que eu me escale...

Paixão, paixão completa: privação, pavor, problema
abandonar-se conformada, tu me ames ou não
e aumentar meu sofrimento escrevendo um poema.

A peça que me prega o destino em retaliação...
E agora que sabes, sendo algoz, quem não te objeta
tenha piedade desta pluma, de ser paixão desta poeta...

SONETO CCXCVIII

PAIXÃO, paixão pela vida e ter no corpo flores
paixão de reconhecer tua sombra escondida,
viver de se queimar, de se arder, de ter pudores
das coisas que sem dizer são mais sabidas.

Paixão que tens na veia e também é minha:
o mesmo flagelo pulsante de adentrar o santuário
onde nos emocionamos e vivemos nas entrelinhas
onde amamos traçar caminhos e novos itinerários...

De ter flama comum, vivaciando aos ventos
cravada no solo comum, desde mil e quinhentos....
De ter ao redor pé direito em curvas do meu corpo

De ter nos olhos faísca, de não estar morto...
Paixão, paixão pela vida desperta em flores!
Luminosos, cogentes: em ti todos meus amores.

SONETO CCXCIX

ESE outra paixão viesse a matar no meu peito
o sofrimento que vem dessa conjunção de fatores,
de ver juntados num só homem todos meus amores,
a nova paixão não curaria este espasmo feito?

Afinal, outro martírio proveria destarte a cura,
um novo amor, nova dor de mundo imperfeito.
Mas variaria apenas o destino um mesmo efeito:
escreveriam meus dedos o sabor de igual loucura.

Portanto convergentes: a voz, país, santuário e afeto.
És, Amor, o que nenhum homem foi: único e predileto.
E fosse a vida uma dança, o eterno retorno à tua órbita

seria no espaço vazio, contigo por lei de força cósmica.
Mas há de haver chance de que maior caridade me salve!
De mostrar aos meus olhos cegos algo que te ressalve.



SONETO DO TORDO MUITO CANORO (CCC)

O AMOR, de aparecer em alguém, nada ainda:
a muita primavera fez passar as minhas flores.
Agora todas dormem em modorra linda
e o verde resplandece sem precisar das cores.

Tão fácil de achar, o ruído estival das cigarras!
Mas a manhã rara, aquela de melodia longa
é feita de pensar resposta que o esforço prolonga,
do tordo em busca da chave que o canto agarra.

Embora eu saiba que meu canto se faz sozinho
também eu levo a minha vida por história outra:
disto a canção de uma mesma memória rouca,

de sondar no bosque quem tenha vontade de carinho.
Porque tanto amor tendo, dando dele, sempre o peço?
Não faço o que devo, ser contente: sempre me confesso.

SONETO CCCI

INCONDICIONAL vou te amando sem respostas,
porque foi assim que também te amou o Cristo.
Do amor se tem necessidade, não demanda imposta:
em resposta não encontrando, a perfeição eu conquisto.

Se o homem de hoje não suporta abordagem
nem flor, nem véu, nem renda, nem linho, ou lenço
me faz feliz ter quem divulga de Cristo a imagem,
por vontade de acusar quem de amar é propenso.

Amigo, entendeste logo o meu coração leve e sano,
pulsando por vias do que invento e a memória ajunta.
Se eu sigo construindo novas imagens a cada ano,

é porque melhor do que a resposta é a boa pergunta:
o que não cessa de produzir o andar é mais um passe.
Do acúmulo dessas dúvidas, deixaste que eu te amasse...

SONETO CCCII

POR VEZES É ali, onde cresces, que não estavas;
e lá, onde nunca te achei, que finalmente apareces:
onde ter um amor à vida deixa a vida menos brava,
onde o comum e o prosaico trazem de volta à messe.

Como o sono quando vem e não faz a barga,
como os olhos que ao não ver tanto mais sentem,
como a morte que não assusta vem de repente,
como o choro que não sai, mas a voz embarga.

Assim teu rosto encontrei ao me ver no espelho
e mirei-te por detrás da lástima em ter dor de outro:
te vi percorrer na floresta de gente indo e vindo...

Exercitando o calor de ter na face o vermelho,
vestindo e desvestindo uma armadura de ouro,
buscando e encontrando nas vagas o mar lindo.

SONETO AO CACAU (CCCCIII)

(Para Aylê-Salassiê)

PARTIDO ao meio na faca és doce,
ó mucilagem amanhada no bosque.
Mas nas sementes duras é que trouxe
a madeira de alimento que eu busque.

Reclamas comigo do que te fizeram as freiras:
impuseram-te leite e baunilha, me dizes.
Como se não fossem suficientes e felizes
todo alimento que triscou tuas beiras.

Por dentro de tua polpa succulenta chove
o segredo de guardar um gosto amargo:
não te empenas, nem te distraís, nem és movido...

Tudo o mais empenado e distraído, moves:
o leite, a baunilha, a carne, os encargos...
E disto o teu sabor não pode ser esquecido.



SONETO CCCIV

(Para Professor Dr. Antonio Valverde)

VEDE esta bastante riqueza de ideias.
Mas quando a ideia é o bastante?
Não bastam, essas velhas cadeias
a um espírito neste mundo itinerante.

Os filósofos, meus melhores amigos
já elogiam estas minhas tranças gregas.
Não envelhecem, se tornam antigos
e a morte a eles mais tramas agrega...

Temei, amigos, mas não a morte:
nem o fim das coisas que nos encantaram.
O som de vossa escrita à escuta eleva.

Temei, sim, dos ignaros a pior sorte:
ter pensamentos que jamais provaram,
ser feitos por Deus e preferir a treva.

SONETO DO DIPLOMATA (CCCV)

(Para um nobre colega)

IMPRESCINDÍVEL, mesmo, é o diplomata perfeito,
Lo que não lhe deu uma facada no peito, nem nas costas.
Passa o correligionário que de ideias busca estar satisfeito;
e não cumprimento quem, sendo excludente, não me gosta.

Passam colegas que me conheciam em mesmas circunstâncias;
e se me apresentas, sim, já foram minhas gentis companheiras.
Passa também o que se encaixa nos núcleos e nas beiras;
e o meu afilhado que não tem deste vínculo tolerância.

Aqueles que almejam ser deuses antes de ser homens passam:
reprimindo todos os ímpetos naturais da condição humana,
para apoderar-se de algo divino e eliminá-lo violentamente.*

No entanto eu me sinto a salvo de todos os que me caçam,
pois um cavalheiro tomou de seu tempo para arguir soberana
a poesia que fez nossas vidas saborosas, eternas, oferentes.

* Ratzinger, Joseph. *Liberar a Liberdade. Fé e política no terceiro milênio.*
Prefácio de Papa Francisco. Paulus, 2019.

SONETO DA COLISÃO (CCCVI)

ÉA POESIA que só existe havendo no passado,
a que vive de morrer o autor, permitida se pretérita,
a que orna cabeçalhos de livros ansiosos de legado,
como as múmias são valiosas se mais decrépitas...

Da qual nada digo, pois há o que pulsa hoje,
sincronia espontânea de escrever o encontro fácil.
De ver homem na água esparramada do Palácio,
no jardim de uaperaçus onde transita e não foge.

A mesma conversa ele tem com as flores
que teve no dia anterior, cheio de garbo.
Ali não se esforçam as pernas dos bardos,

com as carpas brincando nos seus arredores.
Contemplar recostada o jardineiro deslizar sozinho
fez tombar o Amor apressado, sobre mim, no caminho.

SONETO CCCVII

QUE NÃO houvesse uma colisão sem regalia,
mas não: eu vivo num tempo outro tempo.
Pensando as coisas que o meu coração faria,
não fosse a precedência de meu discernimento.

Pois eu, também, achando ter sido casada e
sentido o agulhão que mata o peito amante,
penso na vida que o Amor é mais importante:
desfazer um casal me deixaria indignada...

Paixões incompletas, amizades e alegrias
valem mais do que despertar flama pioneira.
Desilusões e idade avançada, tu me dirias,

não coisa de quem diga palavras verdadeiras...
Mas não ama a sério quem má coisa aquiesce:
puro engano que machuca e egoísta, esquece.



SONETO CCCVIII

IMAGINAVAS então que eu seria
tudo o que de mim pudesses esperar:
fada, ama, dona, poeta, peixe, parceria.
O que de mim aprendesses e pudesses me ensinar.

Imaginavas que eu seria a guerreira santa
que, vestida de aço com um rubro estandarte,
lutaria por ti uma guerra em toda parte
até ser do teu corpo a única comandanta.

E estavas certo. Batalhei, mesmo, assim.
Agora que te comando, o que resta em mim
é trapo exaurido de um mesmo uniforme.

Portanto, eu comando que tu, Amigo, te conformes
a ficar onde esteja, fique nesse lugar sublime:
onde a falta de um Amor eterno não mais te oprime...

SONETO CCCIX

POSSÍVEL é o salto do anjo na trilha selvagem,
lugar que abrimos no fôlego pela picada desconhecida.
Mas quem nos convidou ao descompasso e à clivagem,
a não manter o Éden como antes da triste decaída?

Não foi Quem criou o lugar de sublime permanência,
foi a serpente que não suporta sejamos inestimáveis.
À queda dos anjos se seguem as dos homens, inevitáveis,
pois dos próprios erros não se busca ter tanta ciência.

Dirias que é o efeito taliônico, ou coisa cinética?
Se acusas a esta que te apoia, digo palavra profética:
e mesma Verdade vem de uma dor muito corroída.

De oferecer uma face, e ter outra face, além, ferida
o Amor me toma nos braços e o universo faz greve.
O eco doloroso torna o teu passo errado mais breve.

SONETO DA ESTRELA DA MANHÃ (CCCX)

HOUVESSE uma lágrima que espairescesse
em um corpo a dor de todos os flagelos
de haver chamado para si, em inteira prece,
as dores de quem amo, acatando os libelos...

Mas enquanto espero da lágrima a água
que a labareda do inferno logo apagasse
muito melhor refrigério recobre minha face,
a Estrela da manhã no ar achou minha mágoa.

Segredo antigo guardado pelos profetas*,
coisa que se recebe de ver despertada a alma
na orbe celeste que a tempestade acalma,

o brilho contendo toda a busca de meus olhos.
E restaura no universo a ordem justa e correta:
a entrega de nossa vida, sagrada em santo óleo.

* “assim como eu mesmo recebi o poder de meu Pai; e eu lhe darei
a Estrela da manhã.” (Apocalipse 2, 28)

SONETO CCCXI

UM DIA eu te vi igual a mim, sem respostas:
com choque de quem recebeu um baque.
Deslizavas feliz, quando meio a um achaque
perdeste Tudo em uma superfície deposta.

Teu coração disparado, procurando propostas
para explicar o que ninguém, nem tu, sabias...
Defasados todos teus encontros e alegrias:
na busca do paraíso, tuas feridas expostas.

Mas agora vem o tempo de cumprir promessa:
o Paraíso há, sim, o que vinhas buscando tanto.
Paz e amizade fazem verdade saída deste pranto:

ganhaste o olhar profundo, o silêncio que não se meça...
Só o teu cimento foi quebrado, para plantar estas rosas:
teu peito agora é de terra, onde elas crescem vigorosas.

SONETO DA MULHER ASSEDIADA (CCCXII)

ALGUMA RETRIBUIÇÃO me é devida
por quem diga não me dever coisa alguma.
No entanto é tão célere quem diz sou mais uma
dentre tantas mulheres que devem ser medidas...

No plural e no coletivo me fazem dar risadas,
sindicalistas de benefícios que não os estendem.
Cumpridas as regras, os grosseiros me ofendem
acusando e fingindo saber das leis quase nada...

Se vou planejar o tombo de quem me lesa,
se vou levantar o protesto de minha reza?
Desde quando poetas perdem tempo com isso...

Os animais vivem felizes, por aí, na natureza!
Meu único desprazer é a quantidade desse serviço:
discernir bichos dos homens e destes, os de nobreza.



SONETO DO RIO SAMBATYON (CCCXIII)

SORTE MINHA que te vi sofrendo,
pelo mal ou pelo bem que tu fizeste:
pois quase ninguém vi desmerecendo
as falhas em acusação que te deteste.

Cruzaste, Amor, o rio Sambatião**,
com silêncio da água e ruídos da rocha:
além dele, só repouso as amarras afrouxa
do cativeiro de Estado, desde então.

Já estás além desse curso no mapa legendário,
nos braços desta margem, teu refúgio distante.
N'alma não há chagas de ser beligerante,

determinado a fazer paz, da lei o legionário:
de tudo que justiça e bem não são obstantes.
História e a poesia são os teus destinatários...

* Sambatyon, também grafado Sambation e Sanbation, o legendário "Rio do Sabbath", além do qual as Dez Tribos Perdidas de Israel foram exiladas em 721 a. C. por Shalmaneser V, rei da Assíria. As

lendas o descrevem como uma torrente ruidosa (frequentemente não de água, mas de pedras), turbulência que apenas cessa no Sabbath (Sábado), quando os judeus são proibidos de viajar. A existência do rio era dada como tão certa que o historiador judeu Flavius Josephus o localizou na Síria e Plínio asseverou que ficava na Judeia, enquanto o acadêmico hispano-judeu Nahmanides o identificou como o Rio Habor (Rio Al-Khābūr) na Bíblia (2 Reis 17:6). O Rabi Akiba ben Joseph também o considerou digno de menção, assim como o acadêmico do século XVII Manasseh ben Israel, o qual estudou minuciosamente o relato de Eldad ha-Dani no século IX, em sua prestigiosa descoberta dos “filhos de Moisés” além desse rio. (Enciclopédia Britannica). O fundador da cabala profética Abraham Abulafia decidiu sair da Espanha procurar o Rio Sambatyon e não o tendo encontrado, acabou indo parar em Roma, onde decidiu e anunciou querer converter o Papa Nicolau III ao judaísmo. Conta-se que Sua Eminência não teria reagido bem a essa proposta, em 1280. O Papa Nicolau III teria mandado “queimar o judeu fanático” (...). O sábio judeu teria sido preso pelos Frades Menores, conforme sugere Moshe Idel. Ao mesmo tempo, os acontecimentos teriam produzido uma reviravolta: pouco depois aquele Papa ficou apoplético e morreu subitamente, sem palavras. Foi retratado pelo poeta Dante Alighieri no inferno, condenado ao oitavo círculo, reservado a quem cometesse simonia. Escreveu seu último livro, “Palavras de Beleza”, em Comino, a ilha de Circe conforme a lenda. (In: Arendt, A. P. A revelação de São Malaquias. “Escritos Religiosos”, As coisas simples da Vida, 2016-2022. Só Livro Bom Editora, 2023). “Uma lenda rabínica conta sobre um rio em terras longínquas, um rio tão piedoso que durante o sábado parava de correr. In: FORTE, Bruno. A Teologia como memória, companhia e profecia. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. p. 26.

SONETO CCCXIV

MAS SE NÃO TIVESTE educação nenhuma,
se em tudo queres poder e acúmulo sem saciar-te,
não conheces ainda realmente o que seja a arte,
diferença entre homem e um bicho que acostuma.

Sim, eu sei que amas a poesia mais do que eu:
não fosse assim, Amor, não estarias me lendo.
Mas nada além de teu mundo julgas estupendo,
aprendo não queres nada pelo que não combateu.

No entanto a arte é menos troféu que desperdício:
de tempo que não volta, de amor que não procede.
Da verdade que sobra e sendo dita então se perde,

por não trazer ao seu autor nenhum benefício.
A arte é a prova de que bebes da minha sede,
o que reverberamos para brindar nosso sacrifício.

SONETO CCCXV

TAMANHA IMAGINAÇÃO, ainda não tenho:
apenas escrevo do que vejo, sinto e constato.
Os vários rascunhos que fiz do nosso amor, de fato,
não alcançam nem culminam o finalizado desenho.

Me dirás então que o Amor é esta paixão incompleta:
algo que não chega a ser consumido, portanto sem fim.
Algo que preservei para ti e tu preservaste para mim,
encontro de muitos rascunhos entre leitor e poeta.

O soneto perfeito que me prometeste, não o alcanço:
estás a uns poucos metros de mim, mas me canso
antes de chegar a imaginar como és de ver-te.

É que almejo guardar teu rosto num poema inerte
Escrevendo nestas buscas um abraço eterno surgido:
entre arbustos, pássaros, flores, gentes, ruídos...

SONETO CCCXVI

SE TE FALTA A PACIÊNCIA de saber quem és
Se se para ti fiz todos meus poemas de amor, ou não
saiba que mais importante que tua sorte ou revés
são as minhas necessidades, inclusive de vastidão...

Não que eu tenha toda razão nem os momentos melhores,
tampouco eu tenho o monopólio de uma correta expressão:
apenas rascunhei as tímidas linhas onde constarão
a chuva de muitos axiomas gentis e vencedores...

Quem eu seria, se presumisse fosse mau o mundo?
A beleza de todas as coisas está nos olhos de quem as vê.
Se eu buscasse apenas condenar gente em dissabores,

estaria ofertando de um mal guardado lá no fundo,
de quem se ri e acusa sem antes perguntar por quê.
É preciso primeiro amar para ser do amor portadores...



SONETO CCCXVII

Por Ana Paula Arendt e João Davi Alencar

PARA TER BOAS MANEIRAS, estuda:
a quem te diriges e a quem não respondes.
Quem por ti de cuidados jamais fica muda
é pessoa que um amor altruísta esconde...

Assim fomos feitos todos os seres humanos:
cheios de vontade de mastigar palavras boas,
num labirinto em busca do que nos perdoa,
a retornar o que nos cure dos piores danos.

Então o mundo há de se tornar um lugar salobro,
as águas hão de correr uma límpida melodia.
A justiça será voz linda de uma taça de cristal.

O amor acolhido será refeito em dobro,
no ventre viverá a criança que não havia,
o mar dará à terra os peixes e o sal.

SONETO CCCXVIII

EIS-ME AQUI, artesã mais uma vez de mim!
Eu me vejo por meio dos teus lindos olhos,
com a luz do dia no espelho de um serafim.
E hoje serei de novo o que eu mesma escolho.

Serei uma árvore de tantas resmas e folhas,
uma rainha de tradição milenar oculta;
anaconda faminta que a selva consulta
e bailarina em piruetas sobre várias bolhas.

Carnavalesca sem roupa de abelha, nem de dama...
Só fada de soltar minha cabeleira para quem me ama
passar seus dedos em madeixas, do início ao cabo...

Domingo é o torreão donde atormento o diabo!
Peregrina sob os fanais crivados pelas ramagens,
poeta cantando o mundo em seus hinos e imagens.

SONETO CCCXIX

A ESCREVER POEMAS com orvalho e seresta
que o unicórnio busca pela noite no bosque...
Até que ele me diga não há música igual a esta,
até que em meu regaço ele adormeça e goste.

Não me refiro à constelação de monoceros,
tampouco eu canto para reviver o elasmotério;
que de ser muito forte, faltou tivesse critério,
ou que vive entre os astros distantes e austeros.

Dedilho estas letras para que me encontre
o unicórnio sem dono, perdido nas fábulas;
detrás das cataratas fugido do que o confronto,

d'água de sua caverna serão abertas as tábulas.
E deitando no meu colo todo mal dele esqueça...!
Seu toque puríssimo, platinado em névoa espessa.



A Virgem e o Unicórnio. Domenico Zampieri, c. 1602.

SONETO CCCXX

DE TUAS BESTEIRAS é que eu tiro as minhas;
portanto, se eu quero um unicórnio, é o que mereces!
Mas se trata de um bicho puro, de formidável espécie,
que adormece no colo das virgens e não as desalinha.

Também não há homens que vivem de ver sereias?
Há os que busquem na mata feiticeiras, masoquistas...
Portanto não vejo nada de mal nesta minha conquista,
fazer viver um unicórnio, quem por meu amor anseia.

Pudesse eu trazer outros animais de volta à vida,
que tivessem vivido nunca ou sido há tempos extintos...
Eu traria de volta o homem que não sente mais o que sinto

e de ver tudo instrumento, virou coisa, espada e comida.
Mas os cafajestes não querem o que à verdade convida:
dos desejos que concede uma estrela, pedem só absinto*.

* “O terceiro anjo tocou a trombeta. Caiu então do céu uma grande estrela a arder como um facho; caiu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes. O nome da estrela era “Absinto”. Assim, uma terça parte das águas transformou-se em absinto e muitos homens morreram por ter bebido dessas águas envenenadas.” (Apocalipse 8:10-11)

SONETO CCCXXI

EAS FAÇO NOSSAS, coroas de folhas,
o que nos fez conscientes de nossas falhas.
A endrômina é jovem e nos convida às bolhas:
dentro o homem se consome e em vão trabalha.

Quando tiver passado o que nada te interessa,
a vista pelos olhos dos outros do que fazemos
será este amor o que de sagrado nos impeça
de perder o frescor e de cansar dos remos...

Saber que independe do que me tenham feito:
o encontro de teu olhar benigno com meus olhos
a registrar muitos resumos deste amor indelével...

Chegar a estar velhos e finalmente satisfeitos,
ter em mãos o que nos foi tomado em espólio:
gozar do amor as delícias, depois de flébil.

SONETO CCCXXII

A RESPONSABILIDADE a muito plantar convida,
Ao que será necessário para seguir sendo amante
da chuva em luminosidade de nuvem vestida,
a guardar preciosidade do instável instante.

Abrirei, portanto, as cavidades em sementeiras
no teu corpo, onde o destino germina meus dedos
de pressões sobre os teus ombros, costas e medos:
pontos em que fechaste o sentimento de toda textura...

Até que a leveza de mãos te ecloda em ruptura
da paz com a linguagem do meu comedimento.
Até que percas o controle e encontres a posição

feita de pedra única com mesma sombra escura,
obra de jamais e sempre em bastantes juramentos:
lugar onde se desposam o delírio e a gratidão.

SONETO CCCXXIII

É MINHA a ideia, mas é tua a mais feliz iniciativa
de ser o palestrante das artes que me interessam:
padecer no paraíso de nossas junções discursivas,
nos ruídos de devoção que muito amor confessam.

Desde sempre unidas a dor e o prazer, contudo:
ao teu amor eloquente, segue a dor de não ter sido
presença curativa nos anos em que foste agredido
e doer de não ter doído, de sentir ter passado tudo.

Demonstra logo o que nos une: ter dor e prazer.
Ter filho sempre no ventre, sabê-lo e não o ver,
sofrer dores do parto para eternamente amar.

Beijar o suor em tua testa antes de morrer,
para quando morreres, junto ao teu peito orar...
Esperar tua busca, quando chegue ao fim meu ar.



SONETO CCCXXIV

AMOR, se me concedesses a graça de um desejo,
se tal prestígio me retornasses, de te amar tanto
eu te pediria visitar todos os dias o que eu protejo,
para dividir comigo um pouco de meu pranto.

O meu desejo, pudesses tu cabalmente realizá-lo
seria que fosses à missa todos os teus dias restantes.
Assim não nos faltaria ver um do outro o semblante:
no encontro o motivo de vida, tudo o mais intervalo.

Sim, é isto e tudo, simplesmente, do que eu gostaria:
que encontrasses todo dia um amor maior que o meu.
Ninguém mais do que o Cristo o sumo bem valeu,

Apenas Ele pode te expressar o que eu te expressaria...
No altar a chama que não se apaga, dos anjos uma legião
cantando em eternidade teus privilégios em meu coração.

SONETO CCCXXV

DE TER PEDIDO das tuas memórias frescas imagens,
teus olhos dormiam já sem caminho de consciência,
seguiram o rumo e itinerário dos cavalos selvagens...
Um simiesco mordia o rabo pensando em providência.

Construíste território demarcado enquanto desperto,
mas no teu sono, não reservaste o domínio divino.
Agora recaem sobre a tua noite da missa os sinos,
chamando a abandonar os corruptos e espertos.

A tua consciência é errônea, Amor, de privativo poder.
Queres dominar o Estado: pelo fim toleras o astuto.
Deixaste a calúnia e a ofensa se propagar a cada minuto,

sem protestar contra a destruição da tua fraternidade.
Acusaste o povo com mercenários de breve insanidade...
Mas agora, dormes: hás de lembrar o que hás de ser.



A Calúnia de Apeles, de Sandro Botticelli (1445-1510).
Em detalhe Vênus, orientando o espectador à Verdade e o
Arrependimento, representado por uma mulher obscura,
feia e velha, que da virgem se afasta.

SONETO CCCXXVI

QUE FOSSES TUDO que eu não pude ser:
são, quando o sofrimento te oprimisse os ossos,
diplomático frente aos cínicos em busca de poder,
amigo de teus familiares, sério em teus negócios.

Que pudesses encontrar na multidão o Cristo
feito homem pobre, simples e muito desabitado;
que respondesse a todas suas cartas, empenhado
em realizar e compreender o Deus que há nisto.

No entanto te entregaste às mesmas banais mentiras:
de que necessitas tolerar o mal para chegar ao bem.
E tratas o diabo por primeiro nome, como fosse alguém

que não tramasse morte em degrau para o que aspira...
O mal não te protege, nem te elege, Amor, acorda...!
Com a sombra dele, nem no sono, jamais concorda.



A Calúnia de Apeles, de Sandro Botticelli (1445-1510).

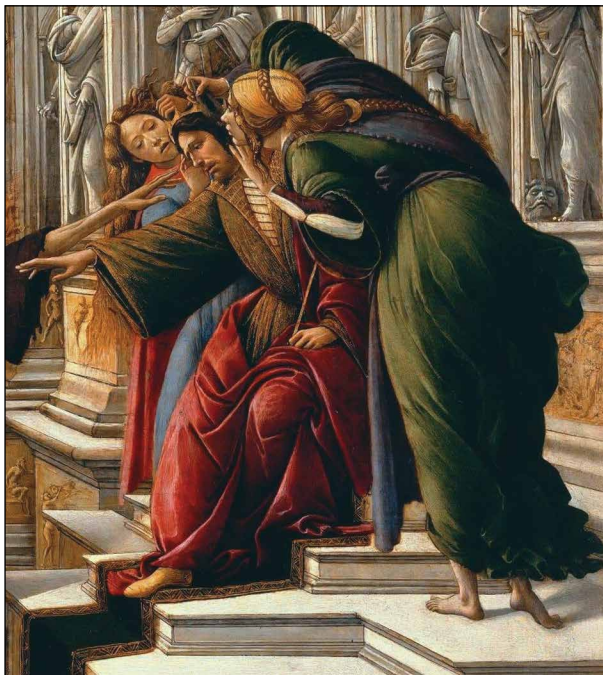
SONETO CCCXXVII

QUE UMA POETA possa te trazer de volta à terra
que conquistaste e sempre foi tua: pois a ela te doaste.
É mentiroso quem te prometa, por meio da guerra,
devolver o que já é teu, Amor, para te fazer desgaste...

Não crês ainda que tudo isto foi por Deus criado
e que esta cidade, com tudo que há dentro, foi feita para ti?
Não crês que fui eu mesma com muitos braços emprestados
quem abdicou para te dar este amor sagrado que ergui?

Não crês em mim ainda... por isso não zelas pelas tuas palavras;
nem atendes prontamente ao teu povo, em defesa da verdade.
Te eximes e te escondes na dúvida, evitando ensinar coragem

de brotar pináculos do respeito e bom senso nas tuas lavras,
de condenar as calúnias e proteger quem te declarou amizade:
porque anseias do mercado de intrigas um teatro de homenagens...



A Calúnia de Apeles, de Sandro Botticelli (1445-1510). No detalhe, à direita do espectador, o rei Midas (o juiz) está ladeado pelas figuras alegóricas da Ignorância e da Suspeita, suas conselheiras. Estas murmuram-lhe constantemente palavras venenosas, rumores ao pé de suas orelhas de burro, que simbolizam a sua natureza tola.

SONETO CCCXXVIII

SONHA com o bem comum e de todo Cidadão,
Amor, busca compreender por que te afastas dele:
deixa de lado o incessante triunfo de tua opinião,
realmente importa é que tua atitude o remodele.

Pois diante da realidade cheia de caos, violência e vícios
falta uma voz que entoe um acorde mais nobre e certo:
alguém que nos reconcilie e deixe nosso peito aberto
a sentir divina fragrância em teus modos e sacrifício...

Ouvir uma voz sensata meio à urgência das mentiras:
alguém que nos explique não chegamos ainda ao fim
acusando e sentenciando insaciavelmente culpados...

Eu sonho sejam alguém apontando o que nos expira,
a anunciar sem muito discurso, com gestos e clarins,
as boas notícias que fazem os nossos olhos curados.

SONETO CCCXXIX

EGOSTA de ser amigo das boas causas,
Etrá-la de volta, a essência das coisas humanas...
Planta as rosas sobre esta mesa em uma pausa,
dize as palavras por motivo de que se ama...!

Escuta a indiferença dos animais tagarelantes,
seja a voz destoante que faz viver esta exata linha...
Empresta, Amor, o que te dei, estas mãos minhas
para gravar tudo que quiseres levar adiante.

Neste silêncio em que vivo, de afável burburinho
dos versos que fui achando ao longo de teu caminho
encontrei a expressão do mais alto conhecimento:

contemplação! De si, do mundo, de nossos fragmentos.
E um dia, Amor, quando tiveres entrado nesta sala secreta:
lembrarás de tudo que vivemos, e a paixão será completa.

O POEMA ESCONDIDO NOS PRIMEIROS VERSOS

ME DEVOLVESTES PAIXÃO. E SE O AMOR INCONDICIONAL POR VEZES É PARTIDO, É ASSIM PORQUE SOPRA A CHAMA, É O QUE FAZ A NOSSA COMBUSTÃO NECESSÁRIA. DESCOBRIR QUE, DEPOIS DE TUDO, ESTÁS AINDA COMIGO... EIS NOSSO BENDITO INCÊNDIO PARA COMPENSAR MALDITO INCÊNDIO. ROSAS INCONDICIONAIS, PORQUE TIVESTE UM AMOR INCONDICIONAL. VEDE: IMPRESCINDÍVEL É A POESIA QUE NÃO IMAGINAVAS POSSÍVEL. HOUVESSE, UM DIA, ALGUMA RETRIBUIÇÃO... SORTE MINHA. MAS SE NÃO TIVESTE TAMANHA IMAGINAÇÃO, SE TE FALTA A PACIÊNCIA PARA TER BOAS MANEIRAS... EIS-ME AQUI, A ESCREVER POEMAS DE TUAS BESTEIRAS, E AS FAÇO NOSSAS. A RESPONSABILIDADE É MINHA, AMOR, DE TER PEDIDO QUE FOSSES TUDO QUE UMA POETA SONHA E GOSTA...

A. P. Arendt

FIM DOS SONETOS DE PAIXÃO INCOMPLETA.

FIM DOS SONETOS PARA MINHA PÁTRIA



Ana Paula Arendt, pseudônimo literário de R. P. Alencar, é cientista política, poeta e diplomata brasileira. Membro correspondente estrangeira da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, da New York Academy of Sciences, da Sociedade Brasileira de Física e da Associação de Veteranos Fuzileiros Navais. Mãe de Catarina, Tomás Antônio e João Davi.



"Sonetos para a minha Pátria" é uma obra que irradia beleza em seu universo poético, repleto de sensibilidade. É uma celebração da poesia, encantando e inspirando o leitor. Um livro que merece não apenas ser lido, mas relido e apreciado. Essa leitura certamente deixará uma marca duradoura no coração de todos os amantes da poesia."

Luciano Saldanha Coelho, poeta e criminalista carioca.



"As metáforas são os dentes da moenda do poema, os símbolos o andar da roda de memória, com "frases contumazes", sabendo das traças e escaravinhos do esquecimento. Ou a "pátria do País a loucura", que é domada. Quando a escrita muda a realidade. Pois, esta poesia cumpre o que o citado Octavio Paz acentuou: "A revelação da condição humana". Com visão cristalina, inovadora."

Carlos Nejar, escritor e decano da Academia Brasileira de Letras.



"Lindos poemas, lívidos momentos de uma estranha materialidade, banhada em sons melodiosos como os de uma floresta soprada pela brisa."

Davino Sena, poeta e diplomata brasileiro, Prêmio Fundação Nestlé de Cultura, 1991.

ISBN: 978-65-990855-2-9

CDL



9 786599 085529